

P. JOSÉ R. CABEZAS
DA ORDEM DE S. AGOSTINHO
VIDA DE SANTA RITA DE CÁSSIA

Índice Geral

AO LEITOR

CAPÍTULO I. PÁTRIA DE SANTA RITA

CAPÍTULO II. PÁTRIA E PAES DE
SANTA RITA

CAPÍTULO III. NASCIMENTO DE SANTA
RITA

CAPÍTULO IV. O MILAGRE DAS ABELHAS

CAPÍTULO V. PRIMEIROS ANOS DE RITA

CAPÍTULO VI. AMOR DE RITA À VIDA
SOLITÁRIA E PENITENTE, E DESEJOS DE
ABRAÇAR O ESTADO RELIGIOSO

CAPÍTULO VII. OS PAES DE RITA
OBRIGAM-NA A TOMAR O ESTADO DE
MATRIMONIO

CAPÍTULO VIII. MATRIMONIO DE RITA

CAPÍTULO IX. VIRTUDES HERÓICAS DE
RITA NO MATRIMONIO

CAPÍTULO X. MATERNIDADE DE RITA

CAPÍTULO XI. MORTE DOS PAES DE
RITA E ASSASSINATO DE FERNANDO

CAPÍTULO XII. RITA PERDOA SEUS
INIMIGOS E VÊ MORRER SEUS DOIS FILHOS

CAPÍTULO XIII. PENAS E SOLEDADE DE
RITA

CAPÍTULO XIV. RENASCE EM RITA A
IDÉIA DE SE FAZER RELIGIOSA:
OBSTÁCULOS QUE SE LHE APRESENTAM.
REVELAÇÃO QUE TEVE.

CAPÍTULO XV. NO CONVENTO

CAPÍTULO XVI. É ADMITIDA RITA COMO
RELIGIOSA

CAPÍTULO XVII. NO NOVICIADO.

PROFISSÃO RELIGIOSA DE RITA

CAPÍTULO XVIII. RITA MODELO DE
RELIGIOSAS

CAPÍTULO XIX. POBREZA DE RITA E
CUIDADO QUE TINHA NA OBSERVÂNCIA DAS
REGRAS

CAPÍTULO XX. AMOR A DEUS E
CARIDADE COM O PRÓXIMO

CAPÍTULO XXI. PUREZA DE SANTA RITA

CAPÍTULO XXII. ADMIRÁVEL
OBEDIÊNCIA DE SANTA RITA

CAPÍTULO XXIII. EFICÁCIA DA
ORAÇÃO DE RITA E SEU AMOR A CRUZ

CAPÍTULO XXIV. ESPINHO DO
CRUCIFIXO NA FRONTE DE RITA

CAPÍTULO XXV. IDA DE SANTA RITA A
ROMA POR OCASIÃO DO JUBILEU

CAPÍTULO XXVI. PENOSA DOENÇA DE
RITA

CAPÍTULO XXVII. MORTE DE SANTA
RITA

CAPÍTULO XXVIII. AO CÉU! OS SINOS
REPICAM A GLÓRIA

CAPÍTULO XXIX. MILAGRES
ALCANÇADOS PELA INTERCESSÃO DE SANTA
RITA

CAPÍTULO XXX. DA CONSERVAÇÃO DO
CORPO DE SANTA RITA E DO ADMIRÁVEL
PERFUME QUE DELE SE DESPRENDE

CAPÍTULO XXXI. O VIGÁRIO DE JESUS
CRISTO DECRETA SEJAM CONCEDIDAS A
RITA AS HONRAS DOS BEM-AVENTURADOS

CAPÍTULO XXXII. CULTO À ADVOGADA
DOS IMPOSSÍVEIS E NOVOS MILAGRES
NOS TEMPOS MODERNOS

CAPÍTULO XXXIII. REVISÃO DOS
PROCESSOS PARA A CAUSA DA CANONIZAÇÃO

CAPÍTULO XXXIV. SOLENE
CANONIZAÇÃO DE SANTA RITA DE CÁSSIA

CAPÍTULO XXXV. CONCLUSÃO

NOTAS DO TRADUTOR SOBRE O CULTO DE
SANTA RITA NO BRASIL

P. JOSÉ R. CABEZAS

DA ORDEM DE S. AGOSTINHO

VIDA DE SANTA RITA DE CÁSSIA

AO LEITOR

Benévolo leitor, antes de começar a leitura dos capítulos que se seguem, nos quais se relata a história de Santa Rita de Cássia, parece-me oportuno indicar-te a causa que motivou a presente tradução da Vida de Santa Rita. Entre as diversas que se tem escrito, se não a melhor, é, a meu juízo, a mais completa, a escrita em espanhol pelo Revmo. P. José Rodriguez Cabezas. Ele, morando em Roma durante vários anos, teve ocasião de visitar a cidade de Cássia, Rocca Porena, lugar onde nasceu Santa Rita e, sobretudo, teve a sorte de estudar nas fontes os diversos Processos de beatificação e canonização da Santa, colhendo aí dados que não se encontram nas vidas anteriores; por isso, a por ele escrita, apresenta varias notícias que, até então, se julgavam duvidosas ou eram totalmente ignoradas. É ela, portanto, no meu entender, a mais completa e, sem dúvida, a mais documentada, de todas quantas até hoje se têm escrito.

As Oficinas de Caridade de Santa Rita, fundadas em São Paulo, serviram de ocasião para empreender este trabalho da tradução. Corra o fim de que as Associadas de Santa Rita chegassem a conhecer a Lida da Santa, fui aos poucos fazendo esta tradução; e, por ocasião das reuniões mensais das Oficinas de Caridade, lia um capítulo da Vida para que, como já indiquei, as Associadas conhecessem melhor Santa Rita e, conhecendo-a, fosse mais solida e mais fervorosa a devoção que a ela consagravam.

Trazendo, pois, entre mãos este trabalho, um fato inesperado, a minha transferencia à Espanha., veio interromper a tradução, logo nos primeiros capítulos. Mais tarde, tendo noticias do incremento que iam tomando em São Paulo as Oficinas de Santa Rita, e atendendo ao pedido que algumas Senhoras sócias me fizeram, resolvi continuar a tradução nas horas vagas que outras obrigações me deixavam, até conseguir leva-la ao fim.

Na tradução tenho procurado quase sempre acompanhar o texto do autor, resumindo, às vezes, os capítulos, especialmente aqueles por demais extensos. Tenho feito algumas substituições por achar melhor estudada a matéria na Vida de Santa Rita, escrita pelo Revmo. P. Lourenço Maria Tardi, também agostiniano.

Começado este trabalho, como já indiquei para instruir as Associadas das Oficinas de Caridade de Santa Rita, a elas particularmente é dedicado, mas a sua leitura julgo será proveitosa a todos, porque Santa Rita se nos oferece como modelo nos diversos estados da vida cristã pelos que pode passar a mulher. Leiam, todas, a Vida de Santa Rita; pensem, meditem nela, e encontrarão belos exemplos a imitar. As filhas, as ,jovens aprenderão o carinho, a docilidade, a obediência devida aos seus Paes. A mulher casada verá, no proceder de janta Rita, os deveres que tem a cumprir em relação ao marido e à educação dos filhos. Aquela, particularmente, cujo esposo fôr de character áspero, violenta, e talvez pouco escrupuloso na guarda da fidelidade conjugal, encontrará em Santa Rita exemplos particulares para imitar que lhe proporcionarão muitas consolações nas

horas de amargura, curtidas no seio da família. As viúvas encontrarão em Santa Rita a piedosa resignação que o seu estado exige, depois de ter gozado delícias e satisfações na vida conjugal, misturadas, em muitos casos, de agruras e espinhos. Aprenderão, finalmente, com Santa Rita a serem verdadeiras viúvas, fazendo uma vida casta, sóbria e cheia de caridade para com os pobres, como, segundo diz Santo Agostinho, foi sua mãe Santa Mônica e, à imitação dela, o foram Santa Rita e tantas outras piedosas viúvas.

Se a presente tradução contribuir a que encontrem alguma consolação as almas atribuladas mediante os exemplos de Santa Rita, e, por outro lado, fôr motivo para que a devoção à Advogada dos impossíveis mais e mais se propague e consolide entre o povo brasileiro, nos daremos por muito recompensados pelo nosso trabalho.

O Tradutor

CAPÍTULO I. PÁTRIA DE SANTA RITA

Úmbria, região central da Itália, é um dos departamentos mais celebres pelas cidades que o formam, pelos homens eminentes nas dignidades eclesiásticas e civis; dos santos; que e, sobretudo, pelo número dos santos que tem dado à Igreja entre outros os patriarcas S. Bento e S. Francisco, as insignes virgens Santa Clara de Assis e Santa Clara de Montefalco, ou Montefalcone, e, posteriormente, a admirável Advogada de Impossíveis, Santa Rita de Cássia.

A vida e milagres desta Santa prodigiosa constituirão o objeto desta breve historia, que desejamos resumir quanto possível para que, sem perder o interesse que por si tem, possa ser proveitosa aos seus devotos; mas antes digamos alguma coisa da cidade de Cássia, nobilíssima por sua antigüidade, gloriosa por suas tradições, e celeberrima por ter dado seu nome a uma humilde religiosa agostiniana, a quem a Igreja tem exaltado com o honroso titulo de Pérola preciosa da Úmbria.

No sopé das elevadas montanhas sabinas, ramificação dos Apeninos, conservam-se ainda os vetustos muros da antiga, cidade de Cássia, cuja origem perde-se na mais remota antigüidade. Os romanos chamaram-na Cursula, e mais tarde, passando por diversas vicissitudes, foi mudando de nome, até que prevaleceu o que agora leva.

Durante as guerras entre Guelfos e Gibelinos, como pode observar-se pelos restos que ainda hoje ficam de sua antiga construção, foi de maior importância que a que teve depois e ao presente goza. No apogeu de sua glória deu Cássia grande número de homens ilustres, e mesmo no período de sua decadência não faltaram nomes celebres nas armas e nas letras, como nas dignidades eclesiásticas, bastando para glorificar esta cidade o nome de Santa Rita de Cássia, tão admirável no mundo pela fama de suas virtudes e milagres.

CAPÍTULO II. PÁTRIA E PAES DE SANTA RITA

Distante uma légua de Cássia eleva-se o gigantesco rochedo do Escolho, à cuja sombra, na ladeira de uma próxima colina, se encontram os poucos edifícios que compõem o pequeno povoado de Rocca Porena.

Entre os moradores desta pequena aldeia viviam em meados do século XIV Antonio Mancini e Amada Ferri. Amavam-se os esposos com santo afeito. acompanhado do exercício de uma vida virtuosa e de exemplares costumes. Faltava-lhes, porém, para se considerarem felizes, que o Senhor lhes concedesse um filho a que lr, prodigalizar seu carinho . e solicitude paternal. Era esta a única aspiração de seus corações, o fim de suas fervorosas preces. À medida que multiplicavam as súplicas, crescia sua esperança; mas o Senhor, que parecia mostrar-se surdo, foi diferindo o cumprimento dos desejos dos esposos, para melhor provar sua constância, e, com o exercício de novas virtudes, fazer-lhes mais merecedores do que pensava do soberano dom com que pensava premiar sua santa vida.

Os fatos vieram confirmar isto: o primeiro foi que, certo dia, teve Amada uma visão, na qual o Senhor lhe revelou que havia de ser mãe duma menina tão extraordinária que, com o brilho de suas virtudes e prodígios, deveria ser não só precioso ornato de sua família e de sua pátria, como também de fama universal no mundo cristão. Tão agradável revelação sem duvida foi o prêmio da especial devoção que Antonio e Amada professavam à sacratíssima Paixão de N. Senhor Jesus Cristo, pois os mistérios da vida e da morte do divino Salvador constituíam, de ordinário, o objeto de suas meditações. Não outra coisa senão a meditação sobre estes mistérios era o que lhes fazia sumamente compassivos das necessidades de seus próximos, socorrendo-os se eram pobres, visitando-os se evitavam doentes, ou corrigindo com caridade seus erros e ignorância, chegando a conseguir por isto grande autoridade .e estima no conceito de seus conterrâneos.

Os biógrafos de nossa unta especificam estes detalhes para explicar, pela devoção dos pais, a que teve Santa Rita desde sua meninice aos mistérios da Cruz.

Ocupados em tão piedosos exercidos iam passando os anos para Antonio e Amada, e quase haviam perdido as esperanças de ter sucessão, quando Amada começou a sentir em si algo estranho que não sabia explicar; parecia-lhe sentir-se mãe, mas julgando ser vítima duma ilusão, cheia de duvidas, correu prostrar-se aos pés de Jesus crucificado orando devotamente; e quando mais fervorosa eram suas súplicas, o Senhor se dignou confirmar-lhe a revelação feita anteriormente, de gize daria a luz uma menina que chamaria Rita, a qual consolaria a velhice de seus pais e havia de ser Margarida preciosa pelo esplendor de suas virtudes, pois Rita é contração deste belo nome. Acalmaram-se completamente as inquietações de Amada, e em lugar daquelas ansiedades e dúvidas que sentia em seu espírito, nasceu em seu coração inefável gozo, misto de certo rubor, vendo-se mãe em idade tão avançada.

Não há para que dizer das fervorosas preces de ação de graças que endereçariam ao Senhor, e nem a natural impaciência com que esperariam os piedosos cônjuges o nascimento daquela menina que havia de ser enriquecida de preciosos dons, como depois o confirmaram os fatos que iremos referindo nesta historia.

CAPÍTULO III. NASCIMENTO DE SANTA RITA

Triste e cheio de sombras é o quadro que os historiadores da Itália nos tem deixado do tempo em que Santa Rita veio ao mundo. A guerra, a desolação, o luxo e a imoralidade reinavam, em maior ou menor escala, em todos os estados, de Norte a Sul, da península, desde os domínios lombardos, até o reino de Nápoles, sem que destas mesmas calamidades

ficassem livres as cidades dos estados pontifícios, especialmente durante o tempo que a Sede Apostólica permaneceu em Avignon. E por si não foram bastantes os males internos, preciso é acrescentar os que vieram de fora com as incursões feitas na Itália pela Germânia, Hungria, Inglaterra e Borgonha, vendo-se invadida por hordas de aventureiros que a fizeram teatro de suas rapacidades e tiranias, desde meados do século XIV até os tempos de Carlos V. A depravação era tão grande e tão enraizada estava, que não foi bastante para contei-a o cumulo de guerras, ódios e vexames, nem o castigo do céu com que Deus visitou aquela desventurada terra, enviando a peste que, em melados daquele século, despovoou a me : da península: tudo foi inútil para reduzir a melhor vida seus moradores e aplacar assim a colem do Senhor.

A mesma Igreja, pouco antes do nascimento de Santa Dita, enfraquecida pelas heresias dos Beguardos, Beguinos, Adamitas, Waldenses e Wiclefitas, viu rasgada sua túnica inconsútil pelo grande cisma, que durou quase todo o tempo da vida de Santa Rita. Numa época de tanta desordem e de confusão tanta veio ao mundo Rita, parecendo impossível que num campo de tantos espinhos germinasse uma rosa de tanto perfume e tão bela como foi a serva de Deus. Não obstante, a divina Providencia assim o quis, mostrando ao mundo que onde abundou o delido superabundou a graça, pois a julgar pelas coisas que precederam e das que se seguiram a seu nascimento, e pela inocência em que passou a vida, parecia vir santificada desde o ventre materno

Na noite de 22 de Maio de 1381 sendo Pontífice de Roma Urbano VI, nasceu no pequeno povoado de Rocca Porena esta singular criatura, primeiro e único fruto que, em sua bem adiantada idade, tiveram Antonio Mancini e Amada Ferri. Vinha ao mundo no silencio da meia noite, e seus pais que velavam esperando o feliz successo, exultaram de gozo contemplando aquela formosa criatura; e beijando-a com ternura davam grafias a Deus por lhes ter cumprido a promessa e consolado sua velhice. Quem agora suspeitaria que aquela criatura havia de atrair a si um dia os olhares dos fiéis de todas as nações, que invocariam com fé sua poderosa proteção, e que, pelos favores alcançados mediante a sua intercessão, igrejas, se consagrariam se levantariam altares em sua honra, se estabeleceriam piedosas e caridosas associações, se fundariam povoa com seu nome, e o mundo católico a honraria com o titulo de Advogada de impossiveis?

Passadas que foram as primeiras alegrias de tão feliz acontecimento, os paca trataram logo de que sua filha recebesse o santo Batismo, que apaga o pecado original e constitua os homens filhos de Deus e herdeiros de sua glória. Mas na ocasião não havia pároco em Rocca Porena e foi preciso levar a menina a Cássia, e ali, ao quarto dia de seu nascimento, foi batizada na igreja de Santa Maria com o nome de Rita, ou talvez Margarida.

Nasceu, pois, Rita no mesmo mes e dia aniversário de seu transitio glorioso ao Céu; e como a Igreja chama nascimento a morte dos santos, porque então é que nascem a verdadeira vida, tal coincidência parece dar a entender que esta privilegiada criatura, antes que para as lutas da terra, nascia para o céu, como se qual outro Batista tivesse sido santificada no ventre de sua mãe. Por agora basta-nos saber que seu nascimento foi precedido de sinais misteriosos, e seguido de outros prodígios que veremos nos capitulos seguintes.

CAPÍTULO IV. O MILAGRE DAS ABELHAS

Terminadas as cerimônias do batismo voltaram a Rocca Porena a madrinha e a pequena comitiva que levou a menina Rita a Cássia; e, entretanto, os pais e parentes festejavam como de costume o ato solene do batismo, a inocente menina, fatigada com os incômodos da viagem e continuas carícias que de todos recebia, adormeceu num placidíssimo sono. Passou a noite tranqüila, e ao amanhecer do dia seguinte, quinto de seu nascimento, ó prodígio! Um enxame de abelhas brancas apareceu de improviso revoltando em roda do berço, e, como que brincando em torno daquele rosto angelical, pareciam querer pousar sobre os lábios entreabertos da menina, como se intentassem fabricar dentro deles rico favo de mel. Todos os escritores da vida de Santa Rita estão acordes em referir este fato prodigioso, e os juizes da Causa de sua Canonização o consideram admirável.

Grande foi a admiração que causou este extraordinário acontecimento em todos os que ali se achavam, porém, de um modo especial impressionou o coração de Amada, já comovida pelas maravilhas que precederam o parto. Certo que o sucesso não era novidade na Igreja da :Deus, pois de Santo Ambrósio, de S. João Chrisóstomo e de algum outro Santo se contam fatos semelhantes, mas nem assim o prodígio realizado com a menina Rita deixa de ser maravilhoso. E se naqueles santos o sucesso foi considerado pela Igreja como prestígio de especialistas virtudes com que haviam de ser enriquecidos; como augúrio feliz de uma vida santa, admirável, foi considerado o não menos portentoso realizado em torno do berço de Rita, para que os homens, movidos pelo extraordinário acontecimento, comesçassem a honrar aquela criatura e se preparassem para pôr em prática os exemplos que dentro em pouco dar-lhes-ia, imitando-a no exercício das mais heróicas virtudes, que mais tarde ela havia de praticar.

O prodígio das abelhas brancas, que apareceram para festejar o nascimento de Rita, não deve confundir-se com aquele outro também das abelhas que apareceram em sua morte sobre o sepulcro e a cela que em vida ocupou a santa, milagre não menos maravilhoso que o primeiro, pois, se em roda do berço de Rita só uma vez foram vistas aquelas abelhas brancas, estas outras aparecem todos os anos por ocasião da Semana Santa, quando a Igreja comemora os mistérios da Paixão de nosso divino Redentor, retirando-se aos seus esconderijos lá pelos dias do aniversário da morte de Santa, Rita. Assim o referem vários escritores, entre eles o diligente e consciencioso historiador Jacobilli, em cujas obras sobre a Úmbria conta, que remetida uma destas abelhas ao Papa Urbano VII numa caixinha de cristal, quando a tiraram para ser examinada levantou o vôo parecendo indicar pela direção, que voltava à Cássia a unir-se com suas companheiras [Processo, fls. 680-83.].

Ali é fácil ver ainda hoje estas abelhas, conhecidas por abelhas da Santa, num muro antigo do mosteiro, justamente no ponto meio entre a cena que ocupou Rita e o lugar onde foi sepultada. Quantas vezes o dito muro é rebocado, outras tantas estas misteriosas abelhas fabricam sua morada no mesmo lugar, sem que seja possível afastá-las de lá, mostrando-se assim amigas inseparáveis de Rita. O número de abelhas é atualmente muito reduzido, doze ou quinze; porém a sua ininterrupta permanência, sua aparição anual nos dias da Semana Santa, para voltar a seu retiro pelos dias do aniversário da morte de Rita, sinais extraordinários são e prova do muito que o Senhor tem querido exaltar os méritos de sua serva Rita.

Em nossa visita ao Convento das MM. Agostinianas de Cassia, ocorrida aos 16 de Setembro de 1930, acrescenta o tradutor desta obra, tivemos ocasião de apreciar e ver o lugar em que se ocultam estas misteriosas abelhas, que ainda hoje têm sua morada no muro a que se refere o autor.

Mas voltando à nossa narração e parando a atenção sobre o bando de brancas abelhas que como brincando apareceram em roda do berço de Rita,

após o seu batismo; que podia significar aquele entrar e sair das abelhas na boca da menina; aquele manso girar ao redor do. seu rosto, como se temessem perturbar o seu sono; aquele pousar sobre os lábios entreabertos, como sobre o calix de cheirosa flor, senão a grande doçura e mansidão de sua alma, com que mais tarde havia de ganhar para Deus tantos corações, como o grande Doutor Santo Ambrósio os ganhou com a eloquência de sua melíflua palavra? Sem dúvida a presença daquelas abelhas era presságio da inocência de sua alma, da brandura de seu caracter e da meiguice de suas palavras com que abrandaria os mais duros corações e os consolaria em suas penas.

Gomo a aurora é mensageira das alegrias do dia que se aproxima, também o prodígio que acompanhou o nascimento de Rita foi venturoso sinal que anunciava as maravilhas que o Senhor havia de fazer brilhar em sua serva.

Apenas havia nascido, diz o P. Fontana, já o Senhor com mão divina começou a pincelar sobre seu rosto toques suavíssimos de luz que, aformoseando-a aos poucos, cada dia a faziam aparecer mais bela, dando a entender a alteza de perfeição e santidade a que havia de chegar. Aquele enxame de abelhas brancas, até então desconhecido, querendo como que a porfia apoderar-se de sua boca e lábios, era uma maravilha nunca vista. Porém a maravilha cessará, continua o P. Fontana, desde o momento em que consideremos a Rita como lírio puríssimo escolhido por Deus para derramar sobre seu cálix o orvalho de suas misericórdias.

CAPÍTULO V. PRIMEIROS ANOS DE RITA

Como é bela a infância! Em seu rosto leva a criança e sinal da ternura, da confiança, na inocência. Sua fraqueza nos domina, sua palavra nos maravilha, todos os seus movimentos têm uma graça inimitável. Seu sorriso nos cativa, suas lagrimas nos, comovem, suas súplicas nos obrigam. Como não conhece outro estímulo que o amor, esquece logo as injurias voltando a sua natural placidez; e não faltando-lhe os afagos dos seus, e alguns brinquedos, é a criatura mais feliz do mundo. Porém essa florida primavera da vida logo passa para nunca mais voltar. À medida que vai crescendo em anos aparecem as contrariedades, se apresentam as paixões com todas as securas do largo inverno da vida. E não obstante, é certo que da boa ou má orientação dada na infância aos filhos depende a sorte futura deles. Verdade é que Deus tem depositado no coração das mães um tesouro de meiguices para guiar com brandura a seus filhos pelo bom caminho; mas também é verdade que nem todas as mães cuidam da empregar estes recursos, esquecendo a grave obrigação que lhes incumbe da educação moral de seus filhos.

O homem nasce, não para viver sempre neste mundo, senão para morar nele por algum tempo, consagrado ao cumprimento de deveres sagrados impostos pela lei natural e positiva, sofrendo com resignação cristã os trabalhos da vida presente ate chegar a hora de partir para a pátria celeste, para a qual foi criado. Tal é o fim do homem sobre a terra; porém, quando por culpa das mães ignora ou esquece este destino, a criança de hoje empreenderá amanhã a carreira da vida com passo incerto, na noite obscura do presente, sem a luz da fé e sem os ensinios salutares que inspira a fervorosa piedade da mãe, não podendo esperar, quando for entrando em anos, outra coisa senão graves e dolorosas quedas morais que multiplicando os males presentes, o despenharão por fim no abismo.

Mas Rita teve um pai verdadeiramente cristão, e sua mãe, tão gravados tinha na consciência seus deveres, que se considerava como o Anjo da

Guarda da filha amada e, por isso, obrigada a iniciá-la na vida da fé, da caridade e do sacrifício de que a Santa havia de dar ao mundo os mais belos exemplos.

Nos braços, e entre os beijos do amor materno, começou a germinar na menina Rita a caridade, manifestando-se por sentimentos ardentes, generosos, que mais tarde constituiriam os traços da sua fisionomia moral.

A mãe piedosa continuamente velava sobre o berço de sua filha, e, ao mesmo tempo que cuidava da vida material, ia também incutindo no seu tenro coração a virtude e gosto pelas coisas do céu. Logo que começou a falar, causou admiração a todos pela docilidade e extraordinária atenção com que recebia as advertências e carinhosos conselhos, que só as mães cristãs sabem incutir no coração dos filhos. Como as flores desabrocham para receberem o orvalho da manhã, assim a menina Rita abria seu coração aos primeiros germens da fé e da piedade cristã; e como a terra em que caíam era campo fértil, a semente começou logo a frutificar naquela abençoada criatura.

Contava ainda poucos anos e já mostrava certa compaixão pelos pobres, grande inclinação à piedade e nenhum entusiasmo pelos brinquedos próprios de sua idade seu rosto alegre e risonho aparecia mais belo e encantador pela modéstia que realçava sua formosura; porém, o que caracterizou Rita em seus primeiros anos foi um amor extraordinário a Jesus crucificado e às dores de sua Mãe Santíssima, dando assim a entender o que serro aquela menina quando chegasse ao desenvolvimento de sua inteligência.

Todos admiravam as excepcionais qualidades de Rita, o desenvolvimento precoce de seu entendimento. Sempre pronta a qualquer indicação, só mostrava relutância tratando-se de estrear algum vestido novo e vistoso a ponto de ficar contrariada, e, às vezes, ocultava-se para ver se a mãe se esquecia e não mais pedia que o vestisse. Todos os que têm escrito sobre a vida da Santa consignam este fato que prova inclinação de Rita a vestir com simplicidade, juntamente com grande recato e modéstia superiores a sua idade; acrescentando que o retro e a oração eram nela como que instintivos. Quem a procurasse, podia ter a certeza de não encontrá-la senão em casa ou na igreja. Este era o seu lugar predileto onde passava largas horas rezando ou meditando com tanto recolhimento que parecia uma estatua.

Ainda que a penitência era imprópria de seus poucos anos, não obstante, Rita começava a praticá-la impondo-se algumas privações, especialmente na comida, o que ela procurava coonestar ou disfarçar com o belo pretexto da caridade, fazendo assim mais agradáveis aquelas mortificações, e praticando essa virtude distribuindo entre as meninas pobres uma parte do alimento de que gostosamente se privava.

Como a aurora alegre ao viandante Porque lhe anuncia a próxima saída do sol, que iluminará seus passos, assim o historiador, quando nos descreve a vida dos Santos, sente alegria e prazer diante dos belos exemplos de santidade com que os servos de Deus vão aos poucos iluminando o horizonte de sua existência, se é que desde sua aparição no mundo já não são astros brilhantes, como aconteceu com Rita. Sua infância cheia de prodígios; sua modéstia, aquela prematura inclinação à penitência; seu desprendimento e caridade, que ela praticaria até chegar aos mais heróicos sacrifícios; que são estas liberalidades divinas e que nos mostram, senão que esta privilegiada criatura veio ao mundo para iluminá-lo desde o berço com o esplendor de suas virtudes?

Com o leite materno havia Rita mamado o amor intenso a Jesus Cristo e a sua Paixão dolorosíssima; e seu coração, enriquecido com os dons do

céu, receba a abençoada semente que sua piedosa mãe ia depositando na alma da filha, fructificando nela de modo que Jesus ocupava seus pensamentos e cuidados.

Seus desejos, suas aspirações eram estar a sós com Jesus e meditar os mistérios de sua vida. As imagens de Jesus eram sua delicia e as contemplava como que extasiada; e era tal o fervor que experimentava, e tais os desejos de padecer com Cristo, que se sentia impelida a buscar a solidão; e sozinha, sem outra testemunha que seu Deus, abria o coração aos afetos mais puros e veementes, arrebatada em êxtase do amor divino. Uma cruz colocada sobre o cume dos rochedos que existem à entrada de Rocca Porena, lembra, ainda hoje, o lugar, uma gruta. onde Rita costumava retirar-se para orar. Sobre a laje era que ajoelhava, dizem conservar se os sinais dos joelhos.

CAPÍTULO VI. AMOR DE RITA À VIDA SOLITÁRIA E PENITENTE, E DESEJOS DE ABRAÇAR O ESTADO RELIGIOSO

Já vimos nos capítulos anteriores a especial inclinação, manifestada por Rita desde seus primeiros anos, a praticar a piedade e meditar os mistérios da paixão de nosso divino Redentor, procurando para isto o retiro, afim de que nada a embaraçasse em suas meditações e a impedisse de entregar-se por completo ao amado de sua alma. Para isto todo o tempo parecia-lhe pouco, e se afligia procurando o modo melhor de satisfazer os anelos de seu coração sem faltar às ocupações da casa. Frequentemente ouvia falar dos extraordinários exemplos de virtude e santidade que filhos ilustres da Ordem de Santo Agostinho davam ao povo cristão, com a vida eremítica que faziam sepultados nos montes de Cássia. Escutava atentamente a vida dos então veneráveis, hoje beatos, João Bom de Matua, Ugolino Zeferino e Simão Fidate. Os exemplos destes santos varões de tal modo calaram no coração de Rita, que mais e mais a afeiçãoaram à prática do retiro e aos rigores da penitência.

Para melhor avaliar os propósitos desta santa menina sobre a mortificação e penitência transcrevemos alguns testemunhos tomados do processo de Beatificação e Canonização de Santa Rita. "Desde a sua mais tenra idade começou Rita as obras de piedade e devoção, e a castigar seu delicado corpo com jejuns e disciplinas." "Ela mesma fazia os cilícios e outros instrumentos com que mortificava sua carne inocente." "Tendo já mais idade comia bem pouco, podendo-se dizer que vivia em jejum continuo" enfraquecendo assim seu corpo com o rigor da penitência, seu espirito sentia-se mais vigoroso para a praticas de muitas e heróicas virtudes.

Desejando conformar-se em tudo com seu divino Esposo, oferecia-lhe o sangue que de seu inocente corpo faziam brotar o rigor das disciplinas e a aspereza dos cilícios: estes eram tecidos de crina entrelaçados com espinhos.

Além dos jejuns da Igreja, Rita prolongava-os por mais duas quaresmas, sem contar as vigílias das festas da Santíssima Virgem e dos Santos seus protetores particulares, não tomando nesses dias outro alimento senão pão e água.

Admirável era também seu adiantamento na caridade e no desejo da salvação das almas, socorrendo, quanto lhe era permitido, com mão larga, os pobres, e dando-lhes sempre conselhos salutaes.

É para admirar, diz o P. Fontana, o zelo de Rita para instruir as meninas nos primeiros conhecimentos da religião, e as jeitosas industrias de que se servia para que a acompanhassem à Igreja nos seus devotos exercícios, porque o templo era o lugar predileto para fazer oração; nele assistia aos divinos officios com tal devoção e recolhimento interior que parecia um serafim. A undécima testemunha na Causa de Beatificação declara que Rita era desde os primeiros anos modelo de perfeição por sua piedade, pela freqüência dos Sacramentos e por sua muita oração, sendo ao mesmo tempo exemplar pelo respeito e obediência aos seus pais, pela modéstia no vestir e recato no falar.

No mundo, desde menina, como depois no convento, foi devotíssima de Jesus Sacramentado, visitando-o o mais freqüentemente possível, e passando largas horas em companhia do Amado de sua alma. Solicitava com fervor a proteção dos santos, oferecendo-lhes suas mortificações, e exercitando-se nas virtudes que eles praticaram. Ao Anjo da Guarda teve sempre uma devoção particular; para celebrar sua festa, bem como a dos Santos, seus advogados particulares, e especialmente as da Santíssima Virgem, preparava-se com novenas, e nas vigílias jejuava a pão e água.

Com estes santos exercícios afervorava seu espirito e mais e mais crescia a chama do amor divino e o amor aos pobres. Refere-se que encontrando certo dia de muito frio um mendigo esfarrapado, seminu, tirando o mantelete de abrigo que levava o entregou ao pobre para cobrir seu corpo.

Já ficou indicado a influencia que exercia em Rita a fama de santidade daqueles eremitas de Santo Agostinho que tão perto de Rocca Porena haviam vivido, e ainda nesse tempo alguns viviam; assim como também o secreto impulso que a impelia à solidão; porém não sabia como combinar o retiro com a necessidade que seus pais tinham de sua companhia e ajuda. Continuamente preocupada com este pensamento, dizem que numa certa ocasião ouviram-na exclamar: "Bela idéia! Excelente! Sim, sim, eu quero viver sozinha com Jesus...; porém, mo permitirão meus pais? Oh meu Jesus, persuadi-os Vós!" Não se sabe ao certo o que se passou pela imaginação de nossa santa menina; - ficar com seus pais, se bem que isolada do mundo, ou recolher-se durante toda sua vida num convento; ou quem sabe, - retirar-se para alguma gruta, e lá fazer vida solitária e penitente.

Pelo que mais tarde aconteceu, pode-se conjecturar que, a idéia que tanto alvoroço causou em Rita, era a de tomar o véu das virgens; porém, temendo a repulsa de seus pais, contentou-se em manifestar-lhes o desejo de que a permitissem ficar sozinha num canto da casa o tempo que precisasse para suas orações, sem que nada a distraísse. Seus pais deram-lhe um dos cômodos no mais afastado da casa, para que sua filha se entregasse às suas devoções. A ele trasladou Rita suas imagens e as estampas da Paixão de N. Senhor, seus instrumentos de penitência e todos os objetos de piedade; e naquele agradável retiro, como em delicioso jardim de seus amores, passava todo o tempo que lhe deixavam livre suas ocupações.

Lá a esperava o amante Jesus crucificado para lhe falar ao coração; e naquele aprazível retiro, longe das vistas dos homens, no continuo silencio e mortificação, começou a gostar a doçura das inefáveis alegrias que o Senhor reserva às almas santas. Seus pensamentos e os ardentes afeitos de seu coração moviam-se em torno da Paixão de Cristo; e entre consolos e esperanças, dores e lagrimas de compaixão, seu espirito respirava um ambiente místico, seus anelos se acalmavam, e seu coração mergulhava na paz e doce contento que só a graça pôde fazer brotar entre as amarguras. Um anno passou neste santo retiro, dedicada à contemplação dos dolorosos mistérios da vida, paixão e morte de Jesus Cristo. E como naquela escola viu os exemplos de laboriosidade do menino Jesus, trabalhando na oficina para ajudar a José e Maria, considerou-se obrigada a auxiliar ainda mais

aos seus velhos pais, sem por isso abandonar os exercícios de oração e contemplação. Das meditações sobre os trabalhos de Jesus tirava forças para tudo, e seu coração mais e mais se inflamava no amor aos sofrimentos.

Mas os anelos de Rita eram consagrar-se inteiramente ao amado de seu coração, abraçando a vida religiosa. A toda hora parecia-lhe ouvir as palavras dos Cantares: "Vem do Líbano, esposa minha, vem", e aquelas outras do Profeta Oséias: "A levarei à soledade e falar-lhe-ei ao coração." Por outro lado não deixava de compreender a necessidade que os velhos Paes tinham de sua companhia e de seu auxilio, e assim, estimulada por estas duas inclinações contrarias, vivia numa indecisão dolorosa, sem saber que partido tomar.

CAPÍTULO VII. OS PAES DE RITA OBRIGAM-NA A TOMAR O ESTADO DE MATRIMONIO

Chegava para Rita essa época da vida em que é preciso decidir qual o estado que devemos abraçar e que mas conforme seja com a nossa própria inclinação, pois do acerto desta eleição depende, de ordinário, nossa futura sorte temporal e mesmo eterna. Examinar seriamente as próprias inclinações, as tendências e aptidões que predominam em nós, é um dever sagrado que alcança por igual a pais e a filhos, para se não exporem a incorrer em erros graves, que tarde ou nunca se podem corrigir.

Certo que Deus, às vezes, se serve destes erros de pais e filhos para fins mais elevados de sua providencia, e para nos dar a entender que seus desígnios nunca são baldados, antes, bens ou males, sucessos prósperos ou adversos, tudo, afinal, redundará em provento daqueles que, segundo a sua vontade, hão de ser santos. A verdade que encerra este grande mistério aparece com singular relevo nesta passagem da vida de Santa Rita.

Já ficou dito que desde os primeiros anos observava-se em Rita uma especial propensão à soledade, para inteiramente dedicar-se à contemplação, e consagrar-se sem reservas ao Amado de sua alma; a semelhança daqueles religiosos cuja vida penitente a santa tanto ela admirava. Não ignoravam seus pais, cristãos e piedosos que eram, as incomparáveis vantagens do estado religioso para aqueles que, com tão manifestos sinais de vocação, como Rita, são chamados a abraça-lo; não obstante, deixando-se levar em demasia dos sentimentos humanos, decidiram propor a Rita o matrimonio.

Luta medonha se desencadeou no coração de Rita quando escutou a resolução de seus pais. De um lado, se apresentava o amor à virgindade que havia oferecido a Jesus, esposo das almas; de outro, a obediência devida aos pais. Surpreendida pelo projeto destes, Rita ficou como muda, sem saber o que responder; mas passaram os primeiros momentos, e procurando serenar o seu espirito Começou a excusar-se aduzindo as motivos que tinha para não aceitar o estado de matrimonio; e quando se convenceu que tudo era inútil, às razões seguiram as lagrimas. Chorava Rita, e também choravam seus pais ouvindo-a fanar com tanta convicção e de modo tão persuasivo; porém, a decisão era irrevogável. Então caindo de joelhos diante de sua mãe, com as mãos súplicas, derramando abundantes lagrimas, entre suspiros de amargura exclamou: "Ah minha mãe! Eu nunca soube o que é desobedecer nem contrariar tua vontade; mas o sacrifício que me exiges é superior às minhas forças, concede-me ao menos, que, antes de dar uma resposta, consulte assumpto tão delicado." E Rita foi prostrou-se aos pés de Jesus: ali orou e chorou; e depois de haver desabafado seu coração, veio a paz, e abandonou-se completamente à vontade de Deus, manifestada na de

seus pais, pois o Senhor lhe inspirou nessa obediência que ocasião que é melhor a obediência que o sacrifício. E dando-lhe as forças necessárias para abraçar a cruz que ia carregar sobre seus ombros, aceitando o mais, doloroso sacrifício de sua vida (pois mal sabia o cumulo de sofrimentos que de tal estado se originariam) levantou-se da oração decidida a comprazer os pais, fazendo-lhes a vontade, e disposta a aceitar o matrimonio, embora tivesse de renunciar a idéia, por tanto tempo acariciada, de consagrar sua virgindade a Jesus no recolhimento do claustro.

CAPÍTULO VIII. MATRIMONIO DE RITA

Tão grande era o interesse dos pais de Rita por assegurar o bem material de sua filha (e não ver-se privados de sua companhia), que apressaram quanto possível os desposórios de Rita com o jovem Fernando. E como, de ordinário, a um erro segue outro, o jovem escolhido pelos pais de Rita para seu esposo era de um gênio impetuoso, irascível e muito desconfiado; o mais a propósito para pôr em prova a paciência e a virtude de Rita.

Nunca havia tratado com o jovem que seus pais iam dar-lhe como esposo, sendo o mais provável que nem sequer o conhecesse, dada a vida retirada que fazia, aceitando-o cegamente porque os pais assim o queriam, e por estar convencida ser esta a vontade de Deus.

Disposta, pois, a sair de seu retiro, unindo sua sorte a de Fernando pelo laço indissolúvel do matrimonio, a amável e encantadora Rita, aquela virtuosa jovem que todos julgavam moldada para o convento, preparava-se para a solenidade do ato, que em breve ia realizar-se. Achava-se a jovem donzela na flor da idade quando, encoberta pelo véu de sua modéstia, apresentou-se ante o altar, para receber o grande Sacramento, como o chama o Apostolo, que representa a união de Cristo com sua Igreja.

É de crer, diz um dos seus biógrafos, que Rita ter-se-ia preparado para este ato orando muito e dirigindo fervorosas súplicas ao Senhor, rogando-lhe com lagrimas que a guia-se por aquele sombrio caminho do futuro que ia empreender, e a socorresse com uma graça especial para cumprir com fidelidade os grandes deveres do novo estado, que Rita aceitou dando sua mão ao jovem Fernando e constituindo-o, desde então, dono de seu coração. Paes, parentes, amigos, todos, alegres e satisfeitos, felicitavam-se pelo enlace de Rita; esta mostrava-se alegre e expansiva, se bem que interiormente velava sobre seu coração para se não afastar de Deus, evitando de entregar-se com excesso aquelas alegrias que, muitas vezes, são preludio de amarguras.

Já vemos Rita transpondo o limiar do novo gênero de vida, no qual jamais havia pensado, e onde esperavam-na dias amargos, mas também heróicos triunfos. Ela, tendo santificado sua infância com o exercício de muitas virtudes, e a mocidade mostrando-se sempre dócil, piedosa com os pais, caritativa com os pobres, observando uma vida modesta e recolhida, meditando freqüentemente sobre a vida e mistérios do Redentor, deixou-nos assim o modelo mais perfeito do que pode e deve ser a donzela cristã. Ela santificara também com muitas e heróicas virtudes o novo estado que abraçou com enorme sacrifício, para fazer a vontade aos velhos pais, obedecendo os secretos desígnios da divina Providencia.

CAPÍTULO IX. VIRTUDES HERÓICAS DE RITA NO

MATRIMONIO

Que infelizes seremos se nossa esperança se limitar à vida presente! Rita havia-se entregado ao seu esposo Fernando com todo o afeto de seu inocente coração, porque via nele o homem que a Providencia lhe destinara. Fernando julgava-se feliz por haver unido sua sorte a uma mulher que, adornada de tão singulares prendas, havia de ser o anjo tutelar de sua casa, e para ele fonte de felicidade. Mas ai! quão inconstante é a condição humana! Não passou muito tempo, e o esposo de Rita começou a mostrar o caracter iracundo que o dominava. Quando falava era com enfado e com palavras ásperas, às vezes grosseiras. Nada lhe agradava; de tudo se enfastiava e aborrecia. Não era amigo e companheiro de Rita antes o verdugo de sua mansidão, e provação perpetua de sua paciência, permitindo-o assim o Senhor para continua mortificação de sua serva.

O silencio, a humildade e a paciência eram a resposta de Rita aos maus tratos, às injurias e desprezos de Fernando. Nada omitia para agradar ao marido, despendendo toda sua amorosa solícitude para servi-lo, adivinhando suas necessidades, interpretando seus gostos e evitando o menor motivo de queixa. Sempre disposta a fazer a vontade do esposo, até onde lhe permitisse chegar a condescendência cristã, não empreendia coisa alguma sem o beneplácito dele, chegando ao ponto de não sair de casa, nem para os officios divinos, sem prévia licença do esposo. Mas nada bastava para contentar o animo iracundo e displicente de Fernando. Oh! que esplendida, e com que aureola de santidade aparece Rita, a mártir esposa! Havendo aprendido a praticar desde criança, na escola do divino Mestre, a mais fiel obediência e abnegação de si mesma, sem dificuldade submetia-se às exigências do bárbaro marido, carregando resignada a pesada cruz do matrimônio: e esse estado, que para muitas esposas é manancial abundante de brigas, discordas e pecados, para Rita foi ocasião de praticar excelentes virtudes. Os dias que contava de matrimonio não haviam sido senão de luta continua entre a soberba e a humildade, entre o desabrimento e a mansidão, entre o despotismo e a docilidade; numa palavra, entre o vicio e a virtude; luta medonha capaz de fazer succumbir o valor mais esforçado, se não estivesse protegido por uma paciência invencível e um coração moldado no amor de Deus e do próximo.

A esposa mártir, cada dia mais firme em sua fé e levando sua paciência até o heroísmo, multiplicava a oração e penitências, rogando ao Senhor que se apiedasse de seu esposo: e Deus, que muitas vezes pelas súplicas de uma fiel esposa tem abrandado a dureza do marido infiel e trocado seu coração rebelde, quis consolar sua serva Rita, fazendo do esposo, de leão furioso que era, um mansa cordeiro.

Admirado Fernando da paciência e mansidão de Rita foi aos poucos moderando suas tirânicas exigências, a ira e as palavras injuriosas com que freqüentemente a maltratava, acabando por reconhecer-se culpado, desagravando ao Senhor das ofensas passadas e procurando agradar a sua esposa.

Depois desta mudança radical de Fernando ponde Rita com mais liberdade dedicar-se aos exercícios de devoção e piedade, quanto se lho permitiam os cuidados da casa e do marido. Devotíssima de Jesus Sacramentado, visitava-o quantas vezes podia, e o receba freqüentemente na Sagrada Comunhão, auferindo dela grande animo e desejos de sofrer até o sacrificio.

Freqüentemente visitava os doentes e consolava-os sugerindo-lhes pensamentos de paciência nos trabalhos e de resignação com a vontade de Deus. Socorria-os quanto podia, se eram pobres, e aos mais necessitados ela mesma preparava e levava o alimento conveniente. Era sobretudo cuidadosa com os que estavam em perigo de morte, procurando que recebessem os últimos

sacramentos, movida de grande misericórdia e caridade em que abrasava seu coração. Finalmente, a mudança operada em seu esposo Fernando era novo estímulo para avantajá-lo nas práticas de devoção e penitência, e para cumprir melhor ainda os deveres de esposa e as atenções de sua casa e família.

Odiava a murmuração e fugia dela como de doença contagiosa; e se alguma indiscreta amiga ou vizinha fazia alguma referência aos maus tratos de seu marido, logo mostrava Rita sinais de desagrado, e com palavras repassadas de doçura desviava a conversa para outro assumpto. Por este e outros motivos, todos viam nela a esposa cheia de virtude e o modelo perfeito da esposa cristã.

CAPÍTULO X. MATERNIDADE DE RITA

As mais belas qualidades naturais, flores de um dia que podem aformosear uma mulher, não produzirão no homem mais do que uma impressão passageira: dominar seu coração, até assenhorear-se dele, é privilegio da esposa dotada de solidas virtudes. Já vimos quão difícil era abrandar Fernando e mais ainda conquistar seu afeto; mas afinal, a esposa virtuosa, depois de vários anos de constante paciência, conseguiu que se fossem acalmando as ondas daquele coração tempestuoso e que reinasse a paz no lar doméstico, serenando-se por completo o seu carácter turbulento. A consolidar esta mudança de carácter e costumes do esposo de Rito veio o nascimento sucessivo de dois filhos, com que o Senhor favoreceu aquele casal, no qual agora reinava a paz; dando-se o caso de Fernando, fugir de casa, sempre que sentia renascer seu mau gênio, e, para não ofender a esposa, somente aí regressava depois de ter recuperado a tranqüilidade de espirito.

Não sabia Rita como agradecer ao Senhor a conversão do esposo e o fruto de benção concedido naqueles seus dois filhinhos. Dava graças a Deus por aqueles benefícios; sendo seu primeiro cuidado oferecê-los ao Senhor e fazer com que fossem logo regenerados pelo batismo. Velava constantemente a jovem mãe sobre o berço, e com os olhos marejados das lágrimas do mais profundo agradecimento rogava ao Pai das misericórdias continuasse favorecendo-a com seus dons, e laminando-a na direção daqueles seres queridos de seu coração. Quantos cuidados, temores e ansiedades sofreu aquela boa mãe, pensando no futuro de seus filhos !

Com essa intuição que o Senhor tem dado à mulher, chegou Rita a descobrir nas impaciências, raivas e cumes de seus filhos, que o carácter deles havia de assemelhar-se ao do pai. Isto lhe inspirava serias inquietações, que, por fim, chegaram a oprimir de angustia seu coração. vendo que de dia para dia, conforme iam crescendo, se revelava neles o temperamento irascível de Fernando.

Para corrigir, quanto possível, o carácter que começava a revelar-se por estas prematuras manifestações nas duas crianças, Rita, na oração, encomendava a Deus a sorte futura dos filhinhos com palavras repassadas de piedade cristã. Incutia em seus tenros corações o amor a Jesus e a Maria, o respeito e veneração devidos ao santo nome de Deus, a tantas outras coisas que somente é capaz de sentir e expressar o coração de mãe inflamado no amor divino.

Cumpria, pois, Rita com perfeição os deveres duma santa mãe no cuidado e vigilância para com os filhas. Entre afagos e beijos procurava incutir-lhes o amor de Deus e a prática da virtude, para que esta facilitasse à natureza o caminho do bem e a aversão do mal. Servia-se de

santas industrias para mover o coração dos filhos à prática do bem, sendo ela a primeira a lhes dar o exemplo. Sempre carinhosa, falava-lhes com meiguice, corrigia-os e castigava com brandura para os manter na obediência e santo temor de Deus, que é o fundamento solido para a fiel observância da lei divina. Exortava-os com o exemplo; de modo que, quando chegaram a compreender as coisas, vendo os filhos o exemplo de unia mãe tão devotada à oração, tão mortificada e tão moderada nas palavras; tão caritativa como os pobres e compassiva com os necessitados; tão entretida freqüentemente em santos e devotos exercícios, procuravam não desgostai-a e imitá-la no que lhes era possível.

Assim ia cumprindo Rita os deveres da maternidade, e deste modo também devem procurar cumpri-los todas as mães. Mas Rita não olhava só o presente fites os olhos no futuro dos filhos e também no do esposo, com que fé, e com que amor, manifestava ante Jesus crucificado suas mágoas e seus receios. Com o coração atribulado pela incerteza, quantas vezes diria, qual outra Ester ante o Rei Assuero : "Senhor, se achei graça em vossa presença, concedei-me a vida de meu esposo e a de meus filhos por quem vos peço. Vós, que vedes meu coração e não desprezais o amor ardente de mãe, salvai-me e os salvai dos perigos que por toda parte nos cercam. Só a idéia de que se possam perder suas almas, tortura meu coração e submerge-o num mar de amargura. Vós, Senhor, sabeis quanto vos amo. Afastai de mim o amargo cálix de perdei-os para vós, e embora seja grande o desejo de conservai-os, pois por eles daria minha vida, mortos ou vivos quero que sejam sempre vossos, porque assim o serão também meus na mansão feliz, onde possamos todos gozar sempre de Vós, soberano bem e Senhor de minha alma." Rezava Rita freqüentemente esta oração, e mais adiante veremos como o Senhor lhe concedeu a graça que pedia.

CAPÍTULO XI. MORTE DOS PAES DE RITA E ASSASSINATO DE FERNANDO

Quantas saudades consoladora despertam em nossa alma os nomes de paz e mãe tão doces ao coração de todo filho! Nada ha no mundo que se possa comparar ao amor que os pais dedicam aos filhos. Quantos desvelos, cuidados, atenções, trabalhos e angustiosas diligências têm de suportar para instruí-los, educá-los e provê-los do necessário, assegurando-lhes a felicidade relativa a que se pode aspirar neste mundo, tanto na ordem moral como na material! Depois que a morte arrebatou-os de nosso lado, ou quando a dôr nos oprime, ou nos visita a desgraça, mais sentimos a falta de sua companhia e com maior carinho evocamos a sua lembrança e o delicado alivio de seu amor. Por isso a sua perda é para nós uma surpresa dolorosa, embora saibamos que, pula avançada idade, estejam os seus dias contados.

Chegou para Rita a hora de perder os pais. É fácil compreender a pena e a dor que experimentaria neste doloroso transe como filha amantíssima que era. Ela, que sempre fôra toda ternura filial, e que com grande submissão e docilidade submetera-se em tudo à vontade dos pies, sacrificou os afetos mais puros do seu coração e suas santas aspirações, só com o fim de agrada-los, e ajudai-os nos trabalhos, consolai-os na velhice, receber a ultima benção e, entre beijos e lagrimas, recolher o ultimo suspiro, fechando com mão piedosa seus olhos na morte!

Chorou Rita a morte dos pais. E como não havia de chorar, se aos benefícios materiais devia também juntar os morais, e o exemplo de muitas virtudes que em vida praticaram? Eles foram seus guias e mestres na virtude e nos exercícios piedosos aos quais desde cedo se entregara.

Amavam a filha como um dom especial do céu; e no empenho que mostraram em casar Rita contra a vontade desta, sem dúvida assim fizeram porque eram guiados por Aquele que dispõe todas as coisas - in pondere et mensura - . em peso e medida, para mais altos fins. Sim; chorou Rita a morte dos pais, apesar de resignada com a vontade de Deus que lhe privava daquela tão doce companhia, quando mais necessitava dos seus conselhos. Aos sufrágios ordinários acrescentou penitencias, orações e lagrimas, e, como piedosa filha, conservou durante toda a vida as mais gratas recordações dos pais queridos.

Mas este e outros sofrimentos pelos queres vinha passando Rita não eram senão .o inicio de outros maiores que se avizinhavam, e que lhe haviam de fazer beber o cálix de amargura até as fezes.

Não havia enxugado ainda as lagrimas pela perda dos pais, quando lhe trouxeram a horrível noticia de que um grupo de homens malvados, não esquecendo antigas contendas e ofensas ocultas, havia assassinado traiçoeiramente o seu esposo Fernando. A funesta nova gelou o coração da Santa e o submergiu num profundo finar de amarguras. Ela que, semelhante a solícita e habilidosa abelha, vinha lavrando o rico favo do lar domestico, colhendo excelentes flores de virtudes, auxiliando os pais, educando os filhos no santo temor de Deus, e, com o mel de seus exemplos e conselhos adoçava o amargo character do esposo; justamente agora que via frutificar seu trabalho produzindo frutos abençoados de paz, agora que esperava alivio às suas penas e dolorosas recordações... , mãos pérfidas acabavam de desfazer num instante a sua grande obra, labor de tantos anos e sonho de tantas esperanças, trazendo o luto e a desolação para si e para aqueles seres queridos de seu coração.

Muda, e como fora de si, ficou a amante esposa quando lhe trouxeram o cadáver de Fernando esfaqueado e ensangüentado. Cheia de espanto pensava na sorte futura do esposo querido que, nem ao menos pudera alcançar o beneficio da absolvição sacramental e os últimos auxílios da Igreja, que são viático para a eternidade.

Mil vezes abraçou o corpo, ainda quente e jorrando sangue: beijou-o dominada pela angustia, e de joelhos, e com as mãos entrelaçadas, contemplando o céu rogou ao Senhor de bondade que tivesse misericórdia daquele ente idolatrado. É geral a crença de que o Senhor escutou suas súplicas, pela especial predileção com que olhava para sua fidelíssima serva.

Sofreu resignada o duro golpe. Triste e angustiada procurava Rita conformar-se com sua sorte aos pés de Jesus crucificado. Curvada, diz o P. Tardi, pelo peso da dor, não tardou em levantar-se, fazendo-se superior a si mesma e a tudo o que havia sucedido. Elevou sua contemplação ao céu, e, conhecendo que, tanto os bens que dele procedem, como os males que o homem causa, todos entram nos desígnios da Providencia, que respeitadamente devemos aceitar, Rita, virtuosa e santa, curvou-se humilde e adorou estes desígnios do Altíssimo, tirando deles o consolo que necessitava seu coração angustiado. Abraçou os filhos, chorou cone eles, multiplicou os sufrágios, e, aos pés do Redentor crucificado, aquela imagem viva de dor, achou consolo para si e para os filhos, alargando o coração à esperança, sobre a sorte do esposo querido, que tão só e triste a deixava neste mundo.

A cruz do sofrimento foi, e sempre há de ser, para o cristão que a carrega resignado, o caminho reto para o céu: per angusta ad augusta. Por isso devíamos aceitar a cruz como um dom da divina misericórdia. Quando lemos com atenção a vida dos amantes da Cruz, sentimo-nos humilhados, vendo a grandeza d'alma com que suportavam o cruel martírio a que os sujeitavam os inimigos, as torturas do espírito nas noites de aridez, e outras muitas adversidades com que o Senhor os provava para que pudessem merecer o lugar que lhes reservava em seu reino. Deste modo a Providencia divina vinha preparando o caminho que devia trilhar nossa Santa. O sacrificio que fizera Rita aceitando o matrimonio por obedecer aos pais, as duras provas pelas quais a fez passar seu esposo, a perda dos pais, a má índole dos filhos, o trágico fim de Fernando, tantas amarguras, uma após outra, quase sem interrupção, sinais evidentes eram de que o Senhor chamava sua serva pelo rumo do Calvário.

Fernando, aquele marido cujo coração duro ela havia conseguido abrandar à força de lagrimas, trazendo-o à melhor vida, e que ultimamente amava-a como bom esposo, e com ela se esforçava cuidadoso pela felicidade dos filhos que o Senhor lhes concedera, acabava de morrer vítima da mais cruel vingança. Tão enorme desgraça deixou a triste viúva imersa na mais horrorosa desolação. Sem pais, sem esposo, via-se Rita sozinha no mundo para atender à educação dos filhos e às necessidades da vida. O presente submergia-a na dor, o futuro a intimidava, e sua condição de viúva aumentava as angústias de mãe. Os horrores daquela morte, que continuamente se apresentavam à sua memória, abatiam-na: ao lado da imagem da vítima, via sempre o fantasma do assassino. Embora magnânima e generosa, lutava consigo mesma horripelantemente; porém, discípula fidelíssima de Jesus crucificado, ouvia no seu interior uma voz que repetia as palavras do Mestre, pendente da cruz: Perdoa-aos, meu Pai, porque não sabem o que têm feito; e Rita, antepondo a tudo o exemplo do crucificado, não só perdoou aos assassinos, como orou também por eles, para que o Senhor não lhes tomasse em conta o crime cometido. Conserva-se a tradição, segundo fazem constar vários escritores, de que Rita, vendo em perigo a vida dos autores da morte de seu esposo, sobre os que o povo indignado queria por si mesmo fazer justiça, não só lhes concedeu o mais amplo perdão, como chegou a ocultá-los em sua própria casa, facilitando-lhes os meios para fugirem às pesquisas da justiça.

Mas ainda faltava muito para apurar o amargo cálix de seus sofrimentos. Apenas havia Rita conseguido, diz o P. Tardi, acalmar seu coração no tempestuoso mar de seus pesares, quando novo e terrível furacão volta a descarregar sobre ela suas lufadas. Observa que começa a germinar em seus filhos o desejo de vingar a morte do pai de Rita, como boa mãe cristã, treme pela sorte dos filhos. Repreende-os com severidade, afeia-lhes suas palavras, pondera-lhes o criminoso de seus desejos e ameaça-os com castigos se não tratam de esquecer tão iníquos pensamentos. Ao mesmo tempo multiplica os cuidados para firmar no coração dos filhos o temor de Deus, e imprimir neles sentimentos generosos para perdoar as injurias. Aumenta suas súplicas ao Onipotente, e com todo fervor e lagrimas copiosas pede-lhe que não a desampare naquele novo perigo que a ameaça.

Mas passam-se os dias, e a santa mãe, com o coração angustiado, compreende que os filhos não abandonam os sentimentos de vingança. Torna amorosa a rogar-lhes, insta, afaga-os, chora para lhes persuadir o perdão. Faz considerações sobre as máximas eternas, os horrores do juízo e do inferno; falia-lhes do exemplo dos santos e principalmente de Jesus Cristo, que não se contentou em perdoar seus algozes, mas ainda implorou para eles a misericórdia divina; e, fazendo-lhes estas reflexões, a aflita mãe apertava-os nos braços com tanto amor como se de novo quisesse encerrá-los dentro do seio, para livrá-los do inferno que intentava

arrebatá-los.

Tudo foi inútil: a mudança esperada não chegava: temendo perder os filhos para sempre, pelo carácter briguento e belicoso deles, com o coração penetrado da mais dilacerante dor e os olhos marejados de lagrimas, de joelhos diante de Jesus crucificado e com a abnegação mais sublime que se pôde imaginar na mãe, suplica-lhe que, ou mude a condição de seus filhos, fazendo-lhes esquecer os sentimentos de vingança, ou os leve deste mundo, antes de permitir que o ofendam. Nesta oração Rita chegou ao cume do heroísmo, pois sendo mãe tão amorosa, o temor de perdê-los para sempre se sobrepôs a qualquer outro sentimento humano.

Tal sacrifício, desconhecido para a maioria das mães cristãs, só tem precedentes naquelas heroínas do Cristianismo que entregavam seus filhos ao martírio, para, em troca de breves sofrimentos e momentânea separação, melhor assegurar-lhes a vida do céu e gozar depois com eles da glória eterna. Oh proeza do amor materno e da caridade de Deus! Só o Cristianismo pôde contar tão estupendos milagres da graça.

O Senhor misericordioso escutou as preces de Rita, e em menos de um ano morreram-lhe os dois filhos, antes que a malícia pervertesse seu entendimento, e os desejos de vingança se arraigassem no seu coração. Apesar de ter sido a súplica de Rita feita com uma abnegação sublimelugar inspirada pelo grande amor ao soberano Senhor de todo o criado, não pôde subtrair-se à dor dilacerante que em todas as mães produz a separação pela morte dos filhos, embora breve e com a esperança de juntar-se com eles depois de algum tempo. Coração delicado e amante como o de Rita não podia deixar de sentir toda a mágoa produzida pela perda dos dois filhos, mas ao mesmo tempo considerava como um grande favor do céu ter livrado os filhos da morte da alma. Por outro lado, a esperança de vê-los um dia na glória e gozar d.e sua companhia, consolava-a e dava-lhe forças para resistir a tão grande aflição rogando ao Senhor que aceitasse aquele sacrifício, que tanta admiração e assombro havia de causar às gerações futuras, e que fira unicamente feito por seu amor.

CAPÍTULO XIII. PENAS E SOLEDADE DE RITA

Nunca as alegrias mundanas haviam ocupado o coração de Rita. A vida, até então, não havia sido para ela senão uma serie de adversidades. Ainda estava no período mais viçoso de sua existência, e encontrava-se só no mundo; sem pais, sem esposo e sem filhos. Nascer chorando, viver chorando e apurar o cálix amargo da tribulação, essa havia sido a vida de Rita. Que, pois, lhe restava no mundo? Nada a não ser penas e dores. Imóvel, como o viandante que em lugar solitário perde o caminho, já entrada a noite, Rita atribulada parou murando desnordeada para um e outro lado, com o fim de ver o caminho que devia empreender; mas só descobriu a cruz. Sempre fôra esta seu guia; porém, desde este momento a cruz havia de dirigir todos os seus atos para não perder o rumo que lhe traçava.

A contemplação daquele sinal adorável animava-a, e o Deus-Homem pregado nele de tal forma a encorajava, que as mais atrozes penas não foram bastantes para abater seu espirito; antes, à medida que a tribulação crescia, mais destemida e imperturbável se mostrava. Todos os biógrafos da Santa consignam que Rita derramou abundantes lagrimas quando seus pais resolveram casá-la; sofreu angustias de mote até conseguir abrandar o coração do esposo, e por este chorou inconsolavelmente quando, trilhando já o bom caminho, mãos pérfidas tiraram-lhe a vida; porém, na morte dos filhos queridos, os mesmos escritores nos asseguram, que Rita não derramou

uma só lagrima.

Assim, por uma serie de provações, vinha o Senhor fortalecendo o coração daquela aflita mãe, consolando-a ao mesmo tempo com a promessa da felicidade dos filhos no céu e a esperança segura de que ali, livres de todo perigo, os encontraria um dia para nunca mais separar-se deles.

A vida do justo, no dizer dos Livros Santos, é semelhante ao sol que aparece no horizonte, e, levantando-se aos poucos, vai tudo iluminando, até chegar ao perfeito dia. Desde que Rita se viu sozinha no mundo, dizem os biógrafos que praticou ainda mais a penitência e a oração, fazendo vida de verdadeiro anacoreta. Livre dos cuidados da família, distribuía o tempo na contemplação dos divinos mistérios e em atender aos pobres, entregando-se a esta obra de caridade com tanto empenho que vivia esquecida de si mesma; sem pensar em preparar para si o frugal alimento que tomava. Visitar os doentes, socorrê-los quanto podia, e consolai-os, era sua ocupação ordenaria. Porém, a maior parte da tempo empregava-o na oração e praticas de penitência a que se entregava, fechada em sua própria casa, ou oculta na gruta do rochedos que ficavam perto da mesma.

Rocca Porena está cheia de recordações desta Santa admirável. Lá se encontram a casa em que nasceu, hoje convertida em capela; o horto dos figos e das rosas maravilhosas; a casa em que morou depois de casada e a colina onde habitualmente se ocultava para orar. De todos estes lugares e acontecimentos a tradição conserva gratas recordações, e a lenda conta coisas curiosas, como as que vamos referir. Naquela colina chamada Escolho de Santa, Rita mostram os moradores de Rocca Porena uma gruta na qual a Santa recolhia-se para orar, depois que ficou sozinha no mundo. A entrada encontra-se larga e tosca lage, e sobre ela duas cavidades bens formadas, que dizem ser onde Rita se ajoelhava. Diz-se também que na casa em que morou Rita, durante o tempo de sua viuvez, existe uma pequena luzerna ou clara mandada abrir pela Santa no tecto de sua habitação, para por ela ver o céu ; e referem que por essa abertura desciam os anjos a conversar com Rita, e que os donos da dita casa nunca puderam fechar a tal luzerna, pois, quantas vezes o intentaram, outras tantas tornou-se a abrir. Esta e outras tradições constam do Processo da Canonização da Santa.

Mas o que nos diz a historia, e prova com testemunhas, é que, além d.e sua muita oração, penitência e grande amor aos pobres, sua alimentação era escassa e muito frugal, passando muitos dias só a pão e água; que o seu vestido em todo tempo era grosseiro, de lã escura, ocupando no rigor do inverno um abrigo de toscas peles que por baixo do vestido cingia seu corpo com ásperos cilícios; que sua compaixão com os pobres a obrigava a procurar os meios necessários para socorrê-los, pois com maior liberdade que antes e sem os compromissos da família, empregava os poucos bens que possuía em estender sua misericórdia aos necessitados.

A propósito, conta-se que tendo ela encontrado certo dia de inverno um mendigo esfarrapado, meio nú, o agasalhou com o abrigo que levava.

Uma vida de tantas lagrimas e sacrifícios, e com o pensamento sempre em Deus, recordando a felicidade que reserva na glória aos mártires do sofrimento cristão, faziam-na suspirar por deixar logo este mundo. Considerava os perigos que nele havia, e pressentindo as doçuras do Paraíso suspirava reunir-se com os seus, pois que no mundo só encontrava sombras de morte e vestígios de muitas ofensas ao Senhor. Não obstante o character destemido de Rita, a palidez de seu rosto, seu olhar melancólico e às vezes vacilante, dilatavam nela o sofrimento, ansiar de melhor vida que, a não ser a paz do sepulcro, eram certamente desejos de servir a Deus em estado de menor perigo e de maior perfeição. Quando e de que modo se realizaria isto? Não sabia; porém, confiava em Jesus crucificado que a

protegia.

CAPÍTULO XIV. RENASCE EM RITA A IDÉIA DE SE
FAZER RELIGIOSA: OBSTÁCULOS QUE SE LHE
APRESENTAM. REVELAÇÃO QUE TEVE.

Pouco tempo levava Rita de viuvez quando lhe apareceu de novo n desejo de abraçar a vida religiosa, estado a que tão afeiçoada sentiu-se .deste sua infância. Faltava-lhe unicamente este estado de vida para percorrei-os todos; e da vocação, firmeza e bondade de seu propósito asseguravam-lhe o desejo ardente de consagrar-se a Deus e a aprovação do confessor. Refere a este propósito o P. Cavallucci que Rita ouvindo missa um dia na Igreja do convento das religiosas agostinianas de Cássia, escutou aquelas palavras de Jesus Cristo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Essas palavras se lhe imprimiram no coração com tal violência, e a inflamaram em labaredas tais de amor divino, que, desde aquele dia, não lhe fugiu mais o pensamento de entrar pára o convento.

A Igreja e o convento eram dedicados a Santa Maria Madalena : a vida de penitência e de rigorosa observância que faziam as religiosas correspondia bem ao nome que a Comunidade levava, pelo que gozava da veneração e respeito de todos.

A circunstância de encontrar-se em Cássia a decidiu a pôr em prática seu intento. Pediu no convento para falar com a Madre Superiora, e, quando em presença delta, de joelhos, suplicou-lhe que se dignasse admiti-la no número das religiosas. Embora Rita fosse ali conhecida por suas virtudes e pelas desgraças de sua família, a Superiora manifestou-lhe não poder aceder ao seu pedido porque aquela Comunidade não aceitava viúvas.

Grande foi esta contrariedade para Rita, mas não desanimou: despediu-se com humildade e voltou aflita à sua casa. Decorridos alguns dias tornou a Cássia: fez o mesmo pedido, e mais uma vez foi negada sua petição. Grande desgosto causaram a Rita estas recusas, mas nem por isso abalou sua esperança, antes, cada dia que passava, firmava-se na crença de que havia de ser religiosa agostiniana no convento de Cássia.

Não é para duvidar, dado o espirito de oração de Rita, que o Senhor lhe inspirara a firme esperança de que se aplainariam todas as dificuldades para conseguir o que desejava; assim tem explicação a sua presença pela terceira vez no convento, onde com muitas lagrimas pediu novamente para ser admitida no número das religiosas; ruas, desta vez, afirmam os escritores da. Santa, foi despedida com desconsideração. Nenhum outro detalhe consignam os biógrafos; porém é de crer que a desolada viúva, voltando a casa, desenganada e sem esperança humana de que lhe abrissem as portas do convento, deixasse correr as Lagrimas, e na solidão daquelas montanhas elevasse ao céu tristes gemidos lamentando sua sorte e temendo pelo futuro. Quantas e que tristes reflexões acudiriam à sua memória naquele caminho solitário, que ela percorria voltando à casa!

Fatigada pela dificuldade de vencer aquele caminho escabroso, e curvada sob o peso da recusa, que oprimia seu coração, entrou Rita em casa; ajoelhou-se aos pés de Jesus crucificado confiando-lhe toda a magoa que lhe ia na alma, e suplicando-lhe que fizesse por tirá-la daquele lugar, de tão tristes recordações para ela, e a levasse para aquele asilo de paz em companhia das virgens do Senhor.

Convencida Rita de que tão freqüentes chamados da graça não podiam ficar sem efeito, considerava as repetidas negativas que recebera no convento como outras tantas :provas com que o Senhor queria experimentar sua constância. Enquanto não chegava a hora de ver realizados seus intentos, multiplicava suas orações, aumentando desse modo a esperança de consegui-los. Rogava, invocava a proteção dos santos, especialmente a de seus advogados particulares, S. João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino; e convencida da verdade daquela sentença do grande Mestre: Que tanto mais certos estamos de conseguir o que pedimos, quanto mais fervorosas e constantes forem nossas súplicas, a todo momento e com grande fervor pedia ao Senhor que deferisse suas aspirações. Oração tão constante e fervorosa não podia ficar sem ser ouvida: e o Senhor, movido das súplicas de sua fidelíssima serva, quis mostrar-se benigno do modo mas maravilhoso que registam os anais eclesiásticos.

Achava-se Rita, alta noite, em sua casa enlevada em altíssima contemplação, quando escuta que batem à porta chamando-a pelo nome: Rita... ! Rita... ! Turvou-se a jovem viúva e teve medo; mas reagindo e invocando o auxilio divino abriu a janela para ver quem a chamava. Olhou, escutou com atenção, mas ninguém viu e nada escutou. Tornou à oração, e, daí a pouco, ouviu que outra vez a chamavam. Espiou novamente, e tudo era silencio e escuridão. Pensando em alguma cilada do demônio, teve medo; e nestas duvidas voltou ao lugar onde orava, lançou-se aos pés do crucifixo, rogando ao Senhor que a esclarecesse de modo a compreender o que aquilo significava; se era obra divina ou engano do demônio.

Durante esta fervorosa oração Rita foi arrebatada em êxtase, e o divino Esposa fez-lhe ouvir estas consoladoras palavras: Levanta-te, minha amiga, apressa-te e vem ao asilo por ti suspirado, que suas portas já estão abertas para ti, e por meio de meus santos, teus protetores, conduzir-te-ei à morada de minhas esposas.

Voltando a si do êxtase, Rita levanta-se pressurosa, do Jogar em que estava prostrada; corre à janela e vê três varões de aspecto venerável que a esperavam à porta Perguntou-lhes com respeito o que desejavam em hora tão avançada da noite, e enes com reverencia explicam a missão que n Senhor lhes confiara, convidando-a a segui-los. Conheceu Rita que aqueles celestiais mensageiros eram seus protetores, São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino, pois a fisionomia e vestes correspondiam ao que o Senhor lhe mostrara ha pouco na misteriosa revelação que tivera. Nada temas, irmã lhe dizem, e apressa-te em deixar esta morada, pois outra mais feliz te espera entre as esposas de Jesus Cristo. Somos os guias que conduzir-te-ão ao lugar dos teus anelos, pelo qual tanta tens suspirado, e onde não acharás mais recusas.

Não duvidou Rita do que em nome de Deus lhe duram seus advogados. Preparou-se com presteza a afortunada serva de Deus, e num momento ,esteve na rua. Venerou, como melhor soube, aqueles santíssimos guias que o céu lhe enviava; a santa, comitiva pôs-se logo em marcha para Cássia, porém por lugares tão diferentes do caminho usual, que Rita sentiu-se desnorreada; guiavam-na à montanha onde ela costumava ocultar-se para orar, não sendo a mesma caminho para parte alguma.

Mas o que ali aconteceu, assim como outras circunstancias daquela viagem misteriosa, ver-se-á no capitulo seguinte.

Humilde e confusa com a companhia daqueles celestiais mensageiros ia Rita resolvida a segui-los aonde quer que a quisessem levar. Poucos passos havia dado e logo conheceu que seus guias a dirigiam pela escabrosa senda que conduzia ao rochedo que ficava defronte a sua casa, em cujos esconderijos costumava recolher-se freqüentemente para orar, particularmente depois que ficou sozinha no mundo. Embora tão extraviada vereda não fosse caminho para parte alguma, a piedosa viúva nem um momento duvidou de seguir seus guias. Subiu intrépida com eles até o cume do rochedo; porém, fazem notar seus biógrafos, que quando se viu naquela altura. onde nunca havia chegado - pois o lugar em que habitualmente se ocultava para orar ficava um terço mais abaixo, - começou a tremer, porque viu a impossibilidade de dar um passo mais para diante, a não ser para precipitar-se no abismo. Os santos companheiros encorajando-a e estimulando sua fé, fizeram-lhe ver que para Deus nada ha difícil; no mesmo instante, levada pelos ares, saltando cumes, ainda mais elevados, e horríveis precipícios, encontra-se, como por encanto, antes do amanhecer do dia, dentro do convento das Madalenas de Cássia, quando ainda estavam fechadas todas as portas e janelas, e as religiosas gozavam do descanso da noite.

Alguns escritores, para explicar o grande temor e medo que se apoderou de Rita, vendo-se sobre o cume daquele altíssimo rochedo, de onde foi transportada num vôo à Cássia, dizem que, com a subida a lugar tão elevado, os santos guias pretendiam mostrar-lhe a elevada perfeição a que havia de chegar, fazendo-lhe entender ao mesmo tempo o horrível que para ela seria uma queda desde tão grande altura. Seja como for, o certo é que desde então aquele rochedo teve o nome tradicional d.e Escolho de Santa Rita ou Monte do Perigo, e dele se faz muitas vezes relação nos autos do Processo de Beatificação e Canonização da Santa.

Desde a admirável ascensão de Rita ao Escolho, acompanhada dos santos guias, aquele rochedo, ficou por tradição consagrado à sua memória. Todos os moradores de Rocca Porena sabem que naquele monte era onde Rita, desde jovem, e particularmente depois que ficou viúva e sozinha no mundo, se ocultava para chorar suas penas e desabafar suas magoas na oração. Todos igualmente sabem pela revelação de Rita aos Superiores, e destes aos moradores do Lugar, que fôra miraculosamente transportada do cume do rochedo ao convento das Agostinianas de Cássia pelos Santos Protetores, como consta nos autos do Processo. Não é por tanto de admirar que conservados estes fatos pela tradição, o Prefeito do lugar, no ano de 1718, com licença de Monsenhor Lascario, Bispo de Spoleto, fizesse benzer uma grande cruz colocando-a no cume do monte, onde até hoje se conserva e se venera.

Dentro já do sagrado asilo das Madalenas de Cássia desapareceram os santíssimos guias, deixando Rita como que abismada num mar de reflexões e descontraídos afetos que combatiam seu espirito, lembrando-lhe que em breve, pois b dia começava a clarear, ia ser surpreendida ali pelas mesmas religiosas que lhe haviam negado a entrada naquela santa casa. A lembrança das recusas e o acanhamento de se ver agora entre elas, como que furtivamente, e, mais ainda, a necessidade que teria de revelar e explicar os prodígios feitos por Deus naquela noite em seu favor, punham-na fora de si. Preocupava-se também pelo conceito favorável que as religiosas pudessem formar de seus méritos, pois que ela em sua humildade considerava-se a mais miserável de todas as criaturas.

Distraída estava com estes pensamentos quando o toque de um sino a fez voltar à realidade. Era o sino do convento que chamava as religiosas ao cõro para a oração e pára o cântico dos divinos louvores. Aproximava-se o momento solene em que Rita e as religiosas, se bem que por motivos diferentes, iam experimentar impressões verdadeiramente comoventes. As que

com resolução desdenhosa haviam feito oposição para que Rita, a pobre viúva, fosse admitida na Comunidade, não tomando em consideração uma vida cheia de sacrifícios, iam sem agora as primeiras a publicar suas virtudes, e em públicos testemunhos legariam à posteridade noticia detalhada do portentoso ingresso de Rita no convento.

Com efeito: historias, tradições, depoimentos de testemunhas e lendas, todos concordam em afirmar unanimemente essa maravilhosa entrada de Rita no convento das Madalenas de Cássia, levada aí por São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino, com todos os pormenores já referidos e outros que se mencionarão no capitulo seguinte.

CAPÍTULO XVI. É ADMITIDA RITA COMO RELIGIOSA

O último eco produzido pelo sino perdia-se nos ângulos e corredores do convento, e as freiras, saindo das celtas. dirigiam-se devotas ao Lugar da oração. Logo que as primeiras chegaram à entrada do côro percebeu-se leve cicio, frases desconexas que denunciavam o medo, mostrando surpresas, umas às outras, a causa do seu receio. A escassa luz, que não lhes permitia distinguir bem a pessoa estranha que ali se achava, aumentava-lhes seu temor, até que algumas mais corajosas aproximaram-se delta e perguntaram-lhe, quem .Era, e com que licença havia aí entrado.

Assustada estava também a suposta intrusa; porém, dominando o medo e o acanhamento, com voz humilde disse: "Eu sou aquela pobre viúva que batendo às portas da vossa clemência para ser admitida em vossa companhia, fui repelida como indigna de tanta felicidade. Mas sabei, para vossa tranqüilidade e para que afasteis qualquer suspeita, que o nosso bom Deus, querendo me fazer esta graça singular, me enviou esta noite São João Batista, acompanhado de Santo Agostinho e de São Nicolau de Tolentino, para que, como protetores e advogados que sempre foram na minha vida, o fossem também na minha vocação; enes, tirando-me d.e minha casa onde estava recolhida em oração, aqui me introduziram sem abrir portas nem janelas. Portanto, eu vos peço, pelo amor daquele Senhor que assim quis mostrar comigo sua misericórdia, a tenhais também sós admitindo-me em vossa companhia.

A simplicidade desta relação produz nas religiosas uma impressão de assombro, sobretudo depois que se certificaram que todas as portas e janelas do convento estavam fechadas, sem que houvesse vestígio algum por onde aquela mulher pudesse haver entrado. Este fato, juntamente com a comprovação de que naquela noite havia estado Rita em Rocca Porena e que era impossível vencer na escuridão os espantosos precipícios daquele caminho, e mais a surpreendente circunstância de que naquela noite memorável o monte Escolho apareceu iluminado por alguns momentos, qual outro Tabor, não permitia duvidar que a aparição da viúva no convento das Madalenas era obra admirabilíssima do poder de Deus, e por isso não podiam as religiosas recusar-se em admitir Rita na Comunidade. Não obstante, para conformar-se com as praticas estabelecidas no convento, reuniram-se as religiosas para deliberarem o que convinha fazer; e todas, unanimemente concordaram admitir em sua companhia a viúva, julgando-se muito favorecidas pela misericórdia do Senhor que, de modo tão portentosa, queria que desabrochasse no jardim daquele convento flôr tão admirável que, com o perfume de suas virtudes, tantas graças e bençãos atrairia para a Comunidade. Deste acordo foi notificada Rita entre abraços e carinhos, e pediram-lhe mil desculpas por terem antes repellido sua súplicas.

A obra de Deus estava feita; e Rita, com imensa alegria, via satisfeitos os ardentes de seu coração. Aquele novo gênero de vida, além de a colocar ao abrigo de grandes perigos como ha no mundo, dava-lhe segurança dum futuro venturoso, tanto para si, como para aqueles seres queridos de seu coração, pois na vida religiosa mais fácil seria expiar por eles qualquer falta com que se tivessem apresentado ante o tribunal divino. Além disto, a piedosa viúva sabia bem que, neste mundo, nenhum outro teor ou modo de vida ha mais elevado e menos penoso que o estado religioso, pois, como diz São Bernardo, "na religião se vive com mais pureza, se cai mais raras vezes, se levanta o homem mais presto, caminha mais seguro, morre com maior confiança, se purifica mais depressa, e no céu recebe maior recompensa." Sabia também que destas verdades são garantia as palavras de Jesus Cristo, quando diz: "O que deixar sua casa, pai e mãe por meu amor, receberá cem dobrado nesta vida e depois a glória eterna". Tal é a excelência e dignidade do estado religioso que os Santos Padres e Mestres da vida espiritual o consideram como signa? de predestinação, pois pela vocação e fiel cumprimento das regras vai o Senhor preparando os meios para assegurar aos seus escolhidos a felicidade que lhes reserva na outra vida. Assim o compreendia nossa santa, e, pensando nisso, fácil é adivinhar a alegria que lhe ia na alma.

Chegou finalmente para Rita o dia de vestir o habito religioso. Reinava no convento grande alegria; e as religiosas, satisfeitas, trocavam entre si votos de felicidade. Rita achava-se emocionada; e comparando sua indignidade com aquelas graças especiais da divina misericórdia, sentia-se humilhada e confundida. Mandaram-na para o noticiado, que passou entre os afagos do amor divino, agradecendo do amante Jesus os benefícios recebidos e as consolações que mudavam sua alma depois daquela viagem triunfal que, abrindo-lhe as portas do convento, oferecia-lhe campo largo para novos merecimentos, como veremos nos capítulos seguintes.

O fato maravilhoso da entrada de Rita no convento teve Lugar no ano de 1413, quando contava nossa santa trinta e dois anos de idade, e pouco mais de um de viuvez, segundo P. Tardi em sua Vida de Santa Rita. Simoneti, diz que isto aconteceu no ano de 1417.

CAPÍTULO XVII. NO NOVICIADO. PROFISSÃO RELIGIOSA DE RITA

Vestido o hábito agostiniano, começou Rita o noviciado com tanto fervor e consolo de sua alma, que não se cansava em dar graças a. Deus e aos seus santos protetores pelo beneficio de a terem tirado do mundo e conduzido àquele lugar de santa paz. Humildade profunda, candura angelical e uma simplicidade admirável foi o que as religiosas notaram na noviça Rita; esta, por sua vez tratava de familiarizar-se com as praticas religiosas, e preparar-se com a oração e a observância das regras para o momento solene de consagrar-se ao Senhor pelos santos votos.

Renunciou tudo o que possuía no mundo, e renunciou a própria vontade, sacrificio incomparavelmente maior que o dos bens da terra; e, despido seu coração de todo afeto terreno, só pensava no momento de se unir com o amante Jesus, mediante a profissão religiosa.

Tão singular desprendimento de si mesma e a total abnegação de sua vontade eram conhecidos de todas as religiosas, e particularmente da Prelada, que, fazendo ver a Rita os deveres da Religião, a necessidade de observar a Regra, a continua mortificação, a solidão da cena e acima de tudo o sacrificio até a morte da própria vontade, ouviu-a responder:

"Quando eu tiver feito os santos votos, fecharei meus olhos para não errar o caminho, paia guiada por minhas boas Madres caminharei com segurança para meu amado Jesus, sem perigo de me desviar dele".

Não havia ocupação no convento, por penosa que fosse, a que Rita não se prestasse com alegria, ainda que se tratasse dos misteres mais humildes.

Durante o noviciado aplicou-se em estudar os deveres religiosos e as regras que praticava a Comunidade, para observá-las, com escrupulosa exatidão. Escutava com particular interesse os ensinamentos de suas. Mestras sobre a perfeição religiosa, e os exemplos dos Santos a estimulavam à observância e à prática dos exercícios espirituais, atos de devoção e observância das regras; assim que observando as religiosas os progressos de Rita na perfeição, logo começou a espalhar-se por toda a comarca de Cássia a fama de suas virtudes.

Entretida em tão santos exercícios de piedade, penitência austera e oração continua, ia passando o tempo do noviciado lugar preparando-se para consagrar definitivamente sua união com Jesus crucificado pelo indissolúvel laço da profissão religiosa; e quando já se aproximava o dia, preparou-se para este ato solene com muitos e fervorosos exercícios de oração e penitência, para que o Senhor, multiplicando nela os dons de sua graça, a fizesse digna de receber este segundo batismo e perseverar nele até o fim de sua vida.

Chegou finalmente o desejado dia, e, como arrebatada em êxtase de amor, com humildade profunda apresentou-se ante o altar para jurar solenemente a observância dos conselhos evangélicos. Estendeu tranqüila a mão sobre as santas leis e regra do grande Padre Agostinho, e aceitando-as todas, prometeu viver até o fim de sua vida na obediência, pobreza e castidade, na observância das regras e na submissão aos seus superiores. Estava feita o sacrifício. Era feliz. Desde esse momento considerava-se toda de seu divino Esposo: sentia um gozo inexplicável, pois os mais ardentes desejos de consagrar-se inteiramente ao seu amante Jesus estavam realizados; por isso, depois de derramar muitas lágrimas de alegria, entre os abraços e felicitações de suas Irmãs, só desejava agora ver-se sozinha para desabafar seu espírito às emoções de agradecimento que seu coração sentia pelo benefício que recebera do Senhor.

Nenhum dos autores que têm escrito sobre a vida da Santa conta a data em que se deu o ato solene da Profissão; mas todos referem um fato importantíssimo que sucedeu no mesmo dia. "Recolhida, dizem, em sua cela, a nova esposa de Jesus Cristo não se cansava de dar graças a Deus por ter-se dignado admiti-la entre suas filhas, e, a horas adiantadas da noite, ainda se achava prostrada aos pés do crucifixo quando de súbito se sentiu arrebatada fora dos sentidos. Arrebatada em dulcíssimo êxtase do amor viu uma escada muito alta, que chegava da terra ao céu, por cujos degraus subiam e desciam os anjos; na parte superior estava o Senhor convidando-a a subir até aquela sublime altura, onde a esperava de braços abertos, para se unir com ela". Maravilhada por aquela singular visão, exclamou como o Patriarca Jacó: verdadeiramente este lugar é santo, mais do que eu podia imaginar!

Esta escada, misteriosa não era senão símbolo da perfeição a que Deus chamava Rita, cujos degraus vai dispondo o Senhor, como diz Santo Agostinho, para que as almas subam por eles até o grau de altura a que as quer elevar; a essa ascensão ninguém pôde renunciar sem perigo de perder o Sumo Bem, que não se encontra cá na terra e sim no alto, na extremidade da escada, isto é, no fim de uma vida virtuosa, onde o Senhor nos espera para estreitar-nos em seus amorosos braços e introduzi-nos na

bem-aventurança eterna.

Até o presente, como temos visto, a vida de Rita é um conjunto maravilhoso do poder de Deus, no qual não se sabe o que mais admirar, se a divina liberalidade, favorecendo sua serva com tantos prodígios, ou o soberano poder, sustentando-a entre o cumulo de penas e pungentes dores, com que vinha purificando-a desde a meninice nas águas amargas da tribulação.

Mas daqui em diante, a existência de Rita correrá suavemente num teor de vida semelhante ao de suas Irmãs, sem grandes ocorrências, a exceção de casos particulares que iremos referindo à medida que se forem desenrolando.

O Senhor, que perscruta os corações, via sua serva Rita preocupada na contemplação daquela escada misteriosa; e aplicada na observância das regras e exercícios de perfeição, buscava sempre a Deus, mesmo na escuridão do abandono em que seu espirito, às vezes, se achava, esperando chegar ao amanhecer daquele claro e perfeito dia em que pudesse contemplar face a face o amado de sua alma, para estreitai-o em seus braços, sem temor de nunca mais o perder.

CAPÍTULO XVIII. RITA MODELO DE RELIGIOSAS

Penetrada Rita do valor do sacrifício que acabava de oferecer ao Senhor mediante a profissão religiosa, e dos grandes deveres que lhe impunha a dignidade de esposa de Jesus Cristo, applicava-se com especial solícitude à observância das regras e à consecução do sumo grão de perfeição a que Deus se dignara chamá-la do modo maravilhoso, como já vimos, para assim corresponder ao beneficio incomparável da vocação. Lia com freqüência a santa regra e as leis que governavam o convento, e de tal modo as obedecia e conservava na memória que, segundo a opinião do cardeal Lucido Parochi, falando da Santa, "Se a Regra de Santo Agostinho, diz, por acaso houvesse desaparecido entre os homens, poderia ter sido reconstituída copiando-se das praticas e conduta de Rita".

Era a primeira a levantar-se do leito à meia noite para rezar o officio, a primeira em acudir ao lugar da oração, a primeira no coro, nas instruções, nas penitencias, nas obras de misericórdia, na obediência e em todos os misteres da comunidade; estes tanto mais gratos se lhe tornavam quanto mais vis se lhe deparavam.

Quando menina já se distinguira na observância dos preceitos divinos e nas praticas da caridade, piedade e devoção; agora, que não encontrava impedimento algum para expandir seu fervor, corria alegre e sem dificuldades pela senda da perfeição evangélica como a religiosa mais observante. A misteriosa força de sua vocação tornava-lhe mais levíssimas as praticas mais difíceis da vida do claustro. O reter o, a solidão da cela, o silencio, a oração e as praticas de penitência que se observavam no Convento, eram-lhe coisas facilimas.

Em suas prolongadas vigílias e santas occupaões, não procurava outra coisa senão a vontade de Deus, reconhecendo suas bondades e agradecendo os beneficios com que accumulava a misericórdia do Senhor. Vigia da tal modo seus sentidos, e tão comedida era nas palavras e movimentos, que causava admiração a todas as Irmãs pelo seu bom exemplo. Não lhe faltava a suave e doce palavra, tão própria dos corações abrasados no amor de Deus, para atrair as almas ao seu santo serviço.

O dom de cativar os corações claramente ficou demonstrado pela conversão a Deus do esposo rebelde, pelo grande amor apreço dos seus conterrâneos e pela grande estima de todas as religiosas, para as quais a sua companhia era considerada, precioso dom do céu. Isto, sem duvida, queria significar aquele enxame de brancas abelhas que, no dia do seu batismo, pousada sobre o berço, quando dormia, entravam e saíam de sua boca, como se nela houvessem fabricado rico favo de mel. Enriquecida assim a Santa com tais bênçãos de doçura, fácil é compreender a admirável predomínio que exercia sobre os corações, e o secreto imã que possuía para atrair as almas ao serviço de Deus. Porém o que mais admira é a maravilhosa influencia que, desde a ceifa, exercia sobre os extraviados, como veremos mais tarde, quando faltarmos de sua caridade. Por enquanto somente diremos que Rita soube servir-se deste dom para alentar as almas em suas perplexidades, confortar os pusilânimes, consolar os aflitos e trazer ao bom caminho os extraviados.

No trato e relações com suas Irmãs regulava-se sempre por aquela lei suprema, da caridade: Amar a Deus por si mesmo, e amar ao próximo por amor de Deus. Amava a todas igualmente e as venerava como se nelas visse a imagem viva da Senhor; e, não obstante a vida de grande recolhimento que levava, sempre achava tempo para auxiliá-las nas suas ocupações, para alentá-las em seus desanimos e para servi-las nas doenças; e isto fazia com tanto gosto, que não havia mister, por baixo e humilde a que não se prestasse contentíssima.

A total consagração de Rita a Deus e ao serviço de suas Irmãs é o que constitua o suave laço de união nas comunidades religiosas, o qual se patenteava em Rita no amor, na prontidão com que executava a vontade da Superiora e na boa vontade com que se prestava a auxiliar, no desempenho de suas obrigações, depois de cumprir as delias, às Irmãs que não tinham a mesma habilidade para cumprirem com o seu ofício. Vemo-lo, também, na grande dedicação que tinha na assistência às Irmãs doentes, consolando-as com palavras de conforto e animando-as a sofrer os trabalhos nas doenças, pois, como referem os biógrafos da Santa, as religiosas que morreram durante os quarenta e quatro anos que Rita viveu no convento, desejavam ser assistidas por ela, e a maior parte teve a felicidade de expirar em seus braços.

CAPÍTULO XIX. POBREZA DE RITA E CUIDADO QUE TINHA NA OBSERVÂNCIA DAS REGRAS

Temos visto, em capítulos anteriores, o grande amor de Rita, mesmo desde menina, à pobreza, pois, não obstante o bom estado econômico de sua casa, vivia com tanta sobriedade que, sua alimentação era frugal e até escassa, com o fim de poder aumentar os socorros aos pobres. Quanto ao vestido, já ficou dito, procurava o mais simples, fugindo quanto podia dos vestidos novos, e vistosos com que sua mãe tratava de enfeitá-la. Temos visto também, quando dona de casa, seu generoso desprendimento para com os pobres, aos quais socorria segundo os meios de que dispunha. Quando viúva e sem filhos chegou a desprender-se de todos os bens, segundo afirmam seus biógrafos - para desse modo ver-se livre de cuidados, confiando na Providencia que nunca lhe havia de faltar.

Pois bem; este espirito de pobreza que Rita possuía no mundo, cresceu, desenvolveu-se ainda mais durante os anos que habitou naquele pobre mosteiro até a morte. Naquela casa santa tudo respirava pobreza, sendo suficiente acomodar-se à parcimônia da observantíssima comunidade para cumprir perfeitamente com a preciosa virtude da pobreza. Mas Rita foi além,

porque os santos não ficam ordinariamente satisfeitos senão excedendo os limites humanos e chegando até o heroísmo; de modo que nossa santa achava sempre modo de diminuir aos poucos aquela mesma escassez da Comunidade, para multiplicar suas mortificações e mais e mais crescer no mérito duma virtude alue é o fundamento da vida religiosa. Não é que Rita, pelo menos aparentemente, fizesse alguma coisa que a singularizasse entre suas Irmãs, senão que, devido ao seu espírito de penitência, enriquecia a prática desta virtude nos pequenos detalhes a que se pode estender o valor da santa pobreza, os quais, passando para muitos despercebidos, serviam a Rita para se avantajarem no exercício de tão preciosa virtude, assim como no de outras muitas de inestimável valor.

Seu habito, embora não fosse diferente do que usavam as demais religiosas, era, limpo sim, porém, o mais usado e pobre, e, segundo a tradição e atas do processo, parece que não usou outro durante os quarenta e quatro anos que viveu no convento. Na cela, que ainda hoje se conserva convertida em capela, tudo respirava pobreza. Era uma pequena habitação situada na parte velha do antigo dormitório, que só recebia luz por uma pequena janela. A mobília, reduzia-se a uma cruz, algumas estampas da Paixão de N. Senhor, e uma cama, formada por algumas tábuas com uma esteira, mas no meio de tanta pobreza e escassez julgava-se feliz porque não esquecia as dores e privações de Jesus crucificado, em cuja contemplação as horas e dias pareciam-lhe momentos imperceptíveis.

Esquecida por completo das coisas do mundo, desprendida de todos os bens terrenos, seu único patrimônio era Jesus crucificado; este desprendimento era tão grande que, instada às vezes por suas Irmãs para que trocasse o habito, respondia: "Bem estou assim, irmãs queridas; o que eu preciso mudar é o coração, inflamando-o no amor do desamparado Jesus, pregado na cruz por meus pecados". Como acima indicamos, parece que só usou um único habito, o mesmo que serviu de mortalha ao seu santo corpo depois que sua alma voou ao céu.

Enquanto a outras mortificações, sabemos que refreava o corpo com jejuns e abstinências, observando não só as prescritas pela Regra, mas também outras mais rigorosas que costumava multiplicar até onde a saúde e as forras lhe permitiam, seguindo em tudo o conselho dos superiores e do confessor a cuja vontade plenamente se sujeitava. Jejuava todos os anos três quaresmas completas, todas as vigílias, não só as de preceito, como também muitas outras de devoção, e especialmente as da Santíssima Virgem e dos Santos seus advogados particulares. Comia só uma vez por dia, e jamais bebia vinho. O absintio, a cinza e as lágrimas eram o condimento disfarçado de sua comida. Passava a maior parte do ano só a pão e água, e quando, diminuindo suas forças pelos anos, começou a faltar-lhe a saúde, aumentou algo seu alimento. mas tão pouco que todos se admiravam como podia viver assim.

Aquele seu amado caminho, no qual tão a gosto se achava, mais parecia um cárcere do que morada de uma religiosa, pelo obscuro, úmido e falto do mais necessário. Nem se sabe se nele havia um leito; o que de certo se sabe é que quando Rita, vencida pela fadiga, se via obrigada a dar ao corpo algum descanso, deitava-se no chão, ou sobre uma tábua, levantando-se à meia noite para castigar seu corpo com mais duros tormentos, com ásperos cilícios e sangrentas disciplinas, que aplicava em sufrágio das almas do purgatório, das quais era devotíssima. Durante o dia disciplinava-se mais duas vezes, uma pela conversão dos pescadores, e outra pelos benfeitores da Comunidade e da Ordem. "Com tudo isto, diz o P. Tardi, não se contentava se a todo momento não sentia em tormentos a carne inimiga e rebelde: pelo que trazia sempre bem Aconchegado um cilício composto de pungentes crinas, além do que unha tecidos na parte interior da túnica alguns espinhos, que a feriam sempre que tentava a andar. E entre esses

espinhos e as outras asperezas da vida foi que a nossa Bem-aventurada como o lírio místico dos Cânticos, se mantinha escondida, inacessível às paixões, bem defendida, e cada vez mais cândida e bela, por que mais conforme estava com o seu celeste Esposo, que também se coroou de espinhos.

CAPÍTULO XX. AMOR A DEUS E CARIDADE COM O PRÓXIMO

É a caridade a mais divina entre todas as virtudes. Como o sol que tudo ilumina e a todas as coisas presta calor e vida, assim a caridade ilumina todas as outras virtudes dando-lhes luz, calor e movimento. É a virtude por excelência e a mais sublime participação da santidade de Deus, que é caridade; por isso quem permanece em caridade, em Deus permanece e Deus nele. É uma virtude infusa e um dom do Espírito Santo que, a modo de fogo, penetra em nossos corações e nos faz amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a nós mesmos por amor de Deus.

Querendo agora particularizar em que grão de perfeição possuía nossa Santa esta sublime virtude, e com quanta perfeição cumpriu o primeiro e o maior preceito do amor de Deus e do próximo, quer-nos parecer acharmo-nos diante de complicado labirinto impossível de percorrer, sem ter uma luz especial do céu, todas as suas voltas e derivações. Porque se lembrarmos sua vida no mundo, veremos que Rita foi, até o dia de seu matrimônio, modelo de recolhimento, de modéstia e obediência; se pararmos a consideração na vida de casada e de viúva, descobriremos nela o protótipo da mulher forte, verdadeira mártir da dor e da generosidade no perdão dos inimigos; e se a contemplarmos no claustro, a veremos qual solícita abelha, colhendo o perfume mais suave e delicado das flores das virtudes, ou abstraída na contemplação dos mistérios da cruz; porém, tanto no mundo como no claustro, buscando a toda hora a solidão para dar expansão aos ímpetus do amor divino com que o Senhor se aprazia encher-lhe o coração. Se tivéssemos de numerar, mesmo de leve, todas as provas da caridade ardente de Rita para com Deus e o próximo, seria preciso examinar a vida toda da Santa, porque toda ela outra coisa não foi senão um perpetuo e prolongado holocausto em ara do amor de Deus.

De sua fé e esperança no Senhor não julgamos necessário acrescentar coisa alguma ao que ficou consignado nos capítulos anteriores; com admiração tensos visto quão inabalável era a sua fé, pela qual confiava a Deus toda a sorte de empresas, não sendo menor a, esperança que em seu espírito tanto mais se avivava, quanto maiores eram as dificuldades que se lhe apresentavam à realização dos seus intentos. "Deixemos, pois, diz, o P. Tardi, que os promotores da Canonização exaltem na vida de Rita os rasgos que provam a heroicidade da sua fé e da sua esperança, que a nós basta um resumo daquela virtude que supõe, compreende e informa as outras duas virtudes".

O amor ardente que Rita consagrava ao Senhor se nos manifesta desde sua meninice na piedosa solícitude que punha no cumprimento dos deveres cristãos; nos múltiplos e variados atos de piedade e devoção que ocuparam sua mocidade, sua vida de matrimônio e durante o tempo de sua viuvez; atos estes que continuou a praticar durante sua vida de religiosa com tanta alegria, que os mais penosos atos da vida do convento pareciam-lhe peso levíssimo, pelo grande amor de Deus que, em seu coração, constantemente ardia.

Às asperezas da vida religiosa acrescentou outros exercícios penosos de

superrogação para desafogo de sua ardente piedade. Era, como já temos dito, a primeira a levantar-se do leito, à meia noite, a primeira na oração, no câoro, nas instrucções, nas penitências, nas obras de misericórdia, na obediência e em todos os misteres da comunidade, que tanto mais gratos se lhe tornavam quanto mais vis se deparavam.

Depois disto não deverá causar-nos admiração o cuidado especial que punha nas coisas mais pequenas, temendo que nelas pudesse misturar-se alguma imperfeição: è porque só o nome de ofensa de Deus a horrorizava, procurou viver sempre sujeita à vontade dos superiores e do confessor. Podemos afirmar que a vida da, insigne religiosa se resume no modo admirável com que praticou o preceito da caridade, no qual se encerra a observância de toda a lei. Podemos, pois, dizer que Rita viveu sempre vida divina, segundo aquelas palavras do Senhor: "O que me ama cumpre meus mandamentos e faz minha vontade, e eu ama-lo-ei e me manifestarei a mim mesmo".

A caridade de Rita se nos manifesta ainda no zelo pela conversão dos pecadores. Amargurava-se ao pensar que pudera perder-se o valor do sangue preciosíssimo de Jesus, tão generosamente derramado nos dias de sua sacratíssima paixão. Temos visto que, pela conversão dos pecadores oferecia todos os dias uma das cruentas disciplinas e o mérito de manas comunhões, e deste modo conseguia do Senhor quanto lhe pedia.

"Entre diversas obras suas de caridade, diz o P. Tardi, acha-se escrito que, tendo sido ela informada de uma indigna e arraigada ligação existente entre duas pessoas, com. publico escândalo daquela terra, chorou, e não receou a cometer uma empresa que para outros seria inexequível, - a de separar os dois pescadores, e induzi-los ao arrependimento. Demasiadas provas obtivera Rita da divina Bondade para não duvidai do desejado sucesso do seu tentame; e assim, depois de recorrer à eficácia da oração e das penitencias que todos os dias repetia e unia aos padecimentos de Jesus Cristo para a correção dos pescadores, mandou chamar um após outro, os dois escandalosos amantes, e tanto, e com tão boas maneiras, soube insinuar-se, admoestar e insistir, que teve a consolação de vê-los derramar lagrimas de compunção, fazendo eles em seguida constante penitência dos seus passados erros."

E não deve causar-nos admiração que tão cuidadosa fosse do bem das almas, quem, para remediar males, não só da alma, como também do corpo, tanto fez desde menina, instruindo às jovens de sua idade na piedade cristã e induzindo-as a desagravarem a Deus das ofensas que constantemente recebe dos mãos cristãos. Não esqueçamos o cuidado com que atendia aos seus doentes para que não lhes faltassem os auxílios da religião, com que a Igreja encaminha as almas para o céu; como os animava a suportar por amor a Jesus as trabalhos da doença; como procurava com palavras consoladoras levantar o pensamento dos moribundos ao céu, onde o pobre resignado alcançará a recompensa de suas privações; e se o triste desenlace era iminente, Rita não abandonava os seus doentes até recolher o ultimo suspiro, para, com suas orações, enviai-os ao seio da divina misericórdia. Por isso foi tão amada de Deus e dos homens; por isso os doentes consideravam uma verdadeira felicidade ter Rita perto de si; por isso, finalmente, a maior parte das religiosas que morreram no convento, durante quarenta e quatro anos, julgaram-se felizes por expirar nos braços de Rita. Ela foi generosa sem medida, suportando os trabalhos com invicta paciência, e sofrendo penas mais amargas que a mesma morte, por amor a Deus e ao próximo. Por isso mereceu que o Senhor enamorado das belas qualidades de sua esposa, a honrasse tanto nesta vida, continuando a honrai-a depois de seu transito ao Paraíso, segundo veremos no que ainda resta por referir desta serva de Deus.

CAPÍTULO XXI. PUREZA DE SANTA RITA

Da grande estima de Rita à santa pureza, mesmo desde sua meninice, são testemunhos a sua angelical modéstia, o seu amor ao retiro e à oração, e as muitas praticas de mortificação e penitência em que, desde aquela idade, vinha exercitando-se; penitencias que ela aumentou durante a vida de matrimonio e de viuvez, vivendo assim não só castíssima, mas imaculada também no tálamo, que ela olhava com a veneração e reverencia devida a tão grande sacramento. Qual belfa flor de primavera que ao romper da aurora apresenta o cariz coberto de pérolas de rocie, assim Rita, nesta santa união, aparecia aos olhos de Deus adornada de pérolas das mais ricas virtudes. Bem podemos dizer que sua vida neste estado foi toda espiritual, toda de Deus; e quando o Senhor lhe concedeu que a Ele consagrasse sua pureza por meio dos santos votos, mais admirável apareceu até nos últimos detalhes de sua vida penitente. Que de indústrias não empregava para conservar-se pura e sem mancha aos olhos do seu amado Jesus! Dizem os seus biógrafos que a tal extremo chegava sua pureza que, se por acaso ouvia falar contra esta virtude, seu rosto se inflamava e sofria náuseas, chegando a conhecer, como que por instinto, as pessoas manchadas de impureza, livrando a muitas de tão feroz inimigo empregando os meios que lhe sugeria sua caridade e ardente zelo.

Sendo tão compassiva dos males do próximo, ao descobrir alguma pessoa descurada do tesouro da santa pureza, procurava sollicita mover-lhe o coração e levantar-lhe o espirito acima destas misérias da carne. Sobre tudo, desde que também sendo ela tentada de tão traiçoeiro inimigo, não deixou de orar fervorosamente por si e pelos atribulados por este gênero de tentação. Por isso de nada serviam ao demônio suas artes; os fortes assaltos eram para Rita outras tantas vitórias. E como sabia que o divino Mestre dissera aos seus discípulos, que este gênero de tentações só se pôde vencer com a oração e o jejum, mortificava o corpo, dizendo: Não devemos tratar com brancura nosso corpo, porque quanto mais condescendentes sejamos, tanto mais rebelde se tornara contra nós.

Bem fundos e consistentes eram os alicerces que Rita havia construído para sobre eles, levantar o belfo edificio da castidade; macerava todos os dias seu corpo com jejuns e penitencias, nem omitta tia fugir às ocasiões que podiam com a castidade, guardando a tolo momento escrupulosa modéstia; e não obstante, para que a castidade da insigne Rita brilhasse com mais vivos fulgores, permitiu o Senhor que sua serva passasse por violentos combates, pondo em jogo o tentador todos os seus diabólicos artifícios, até o ponto de apresentar-se a Rita em forma de formoso jovem; mas a Santa, que bem conhecia as astucias do inimigo infernal, afugentava-o invocando o nome de Jesus e lançando mão dos instrumentos de penitência. "Nos mais violentos combates das tentações, diz o P. Tardi, chegava até a queimar, ora uma das mãos, ora um pé; assim extinguindo, com os ardores de um fogo, outro fogo, para conservar-se toda pura aos puríssimos olhares de seu celeste Esposo." Com estas asperezas, a que sujeitava o corpo, e os repetidos atos de humildade, afugentava a tentação e conservava incólume a pureza de alma e de corpo, que é a que Deus estima; pois a pureza do corpo nada vale se lhe falta a, do espirito, nem esta é completa se não se procura a do corpo.

Quão grande era a estima que Rita tinha da santa virtude da castidade, além dos testemunhos aduzidos, no-lo manifesta também sua vida penitente e mortificada. Por isso, como diz o P. Sicardo, a temperança foi uma das virtudes que praticou nossa Santa, evitando todo excesso na comida e bebida, que foi diminuindo aos poucos até chegar àquela quantidade mínima, precisa unicamente para sustentar a vida, passando a maior parte dos dias só

a pão e água.

Na guarda dos sentidos era tão escrupulosa que nem as visitas dos seus parentes admitia com agrado; de modo que vivia afastada de todo contato humano, e raríssimas vezes conversava com pessoas estranhas, a não ser por necessidade ou obediência.

Como no tempo de nossa Santa não era rigorosa a clausura, se a obediência a obrigava a sair do convento, procurava levar o rosto coberto, de modo que sem ser vista, nem ver outra coisa que o caminho por onde ia, voltava ao convento sem saber dar razão de nada que não fosse a incumbência que lhe fora encomendada.

Quando alguma das religiosas lhe pedia conselho sobre o modo de portar-se exteriormente, costumava dizer que se fizesse amante do retiro, que não abandonasse os exercícios espirituais e evitasse toda familiaridade, mesmo com os parentes, por que nessas comunicações perde-se muito e pouco ou nada se ganha. De modo que Rita, tanto no que ela observava, como no que aconselhava aos outros, era implacável contra tudo o que, de algum modo, pudesse manchar ou obscurecer a brilho da santa pureza. Por isso foi tão amada de Deus, o qual, para honrar perpetuamente sua serva, faz que de seu corpo, ainda hoje, emane um aroma suavíssimo, tão celestial e divino, que deixa, como fora de si a quem tem a felicidade de aspirá-lo.

CAPÍTULO XXII. ADMIRÁVEL OBEDIÊNCIA DE SANTA RITA

Falando da obediência de Rita, chegamos ao limite do que com toda verdade pode-se chamar resumo da perfeição; porque embora o fim desta seja a caridade, quem voluntariamente e só por amor de Deus se sujeita àqueles que escolheu por seus superiores e guias no caminho da salvação, vive inteiramente sujeito ao beneplácito divino, que é o objeto da caridade; e por isso dizem os mestres da vida espiritual que a perfeita obediência outra coisa não é senão a caridade perfeita. Nenhuma virtude como a obediência nos assemelha a Jesus Cristo, que, por obedecer a seu eterno Pai, deu sua vida com grande amor pelos homens morrendo na cruz. A obediência é a que mais une nosso entendimento e vontade com a vontade e o entendimento de Deus, de modo que o perfeito obediente pôde gabar-se de não querer ou pensar coisa alguma fora do que o Senhor quiser pensar ou dispor de sua sorte futura.

A influência da obediência sobre as outras virtudes é tal, que, no sentir dos Santos, vem a ser como mãe de todas. Ela as planta, as rega e faz frutificar. Ela é a que lhes dá forma, valor e mérito para a vida eterna; porque assim como a desobediência foi causa de nossa ruína e perdição, a obediência, pelo contrario, é penhor seguro de predestinação, segundo as palavras dos provérbios: "O perfeito obediente alcançará vitória".

Foi, pois, Rita no exercício desta virtude um modelo e um prodígio da maior admiração. A vida toda de nossa santa se desenvolve e amadurece recebendo sempre a seiva vigorosa da obediência.

Mesmo antes de chegar a compreender, pela sua tenra idade, o valor desta virtude, e daquela celeste doutrina, contida naqueles místicos colóquios com que a entretinham seus piedosos pais, falando-lhe da vida, paixão e morte de Jesus Cristo que, para nos resgatar da morte do pecado, se fez obediente até morrer na cruz; antes mesmo, digamos, de que Rita pudesse

compreender o valor daquelas palavras de Jesus: "Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração", Rita, com maravilhosa docilidade, obedecia alegre e satisfeita àqueles que o Senhor lhe dera como superiores, os pais; e à medida que ia crescendo em anos e compreendendo os divinos ensinamentos todos os passos da vida de Jesus Cristo eram, para ela, outras tantas setas do amor divino que feriam sua alma cada vez mais, até transformai-a em imagem viva de Jesus crucificado. Toda a vida de Rita outra coisa não foi, senão um continuado sacrifício da sua vontade à vontade do Senhor.

Temos visto as dolorosas provas pelas quais o Senhor quis que passasse quando vivia no mundo, sobretudo aquela luta que teve de sustentar consigo mesma, quando por obedecer a seus pais aceitou à vida do matrimônio: a vida de casada e durante sua viuvez, que outra coisa foi senão um doloroso combate que suportou com admirável paciência, para conservar-se fiel à vontade de Deus, à de seus pais e à daquele marido cruel que o Senhor lhe dera para purificar sua obediência, fazendo que esta brilhasse com os fulgores da santidade? No meio daquelas cenas de horror, de sangue e luto em que pereceu seu esposo, onda amarga de dor submergia Rita num abismo de penas e sofrimentos; porém maior foi sua resignação na vontade divina, e, mercê de Deus, ainda pôde oferecer-lhe o ultimo sacrifício dos seus castos amores, pondo nas mãos do Senhor a vida daqueles filhos queridos, antes que a malícia pervertesse seus corações.

Se a obediência comum é tão agradável a Deus que para a sua observância. fez um dos princípios mandamentos, qual não será o valor da obediência que se abraça mediante o voto perpetuo e solene, como o que fazem as pessoas religiosas, para consagrar-se a Deus e vive por seu amor durante toda a vida sujeitas à vontade dos superiores, para mais facilmente caminhar pela estrada da perfeição? Quão penetrada estava nossa Santa da importância desta formosa virtude, coisa fácil é de ver nas diferentes passagens de sua vida. Limitando-nos ao que se refere à sua vida religiosa, consignaremos aqui o que dela dizem seus biógrafos: "que Rita possui a excelsa virtude da obediência em grau muito eminente; pois todos os seus feitos não foram senão outros tantos atos de obediência, ou para melhor dizer, toda a sua vida monástica foi um só ato, ininterrupto, da mais humilde, sincera e prometa obediência. Demasiado convicta se achava ela, segundo os princípios da sua piedade, do que dissera Samuel, isto é: que ao Senhor mais apraz o sacrificio da vontade que o das vitimas; tinha sempre ante os olhos o exemplo de um Deus, que para nossa instrução quis viver sujeita às criaturas; sentia-se também enamorada e provocada de emulação ao refletir na heróica obediência de tantos santos e santas do claustro; discernia as vantagens superiores de tal virtude para dirigir seus passos neste mundo de trevas e erros; e por isto não estava somente sujeita a todas as leis do Evangelho, da Igreja, da regra e das constituições da Ordem, nem só com deferência e prontidão obedecia às determinações das diversas superiores que teve, e nos diversos cargos que lhe incumbiram; mas anelava sujeitar-se mesmo às suas irmãs iguais, ou menores, e esmerava-se em se lhes antecipar às ordens, aos conselhos e até aos acenos, que interpretava, julgando-se indigna serva de todas. Tamanha virtude merecia as honras das ultimas provas, que Deus, ou por si ou por meio de outros, costuma fazer; e a prova foi esta, que a Madre Priora, vendo em Rita semelhante submissão, quis tentá-la impondo-lhe a obrigação quotidiana de regar uma planta seca, que estava no jardim do mosteiro. A tão extravagante intimação não replicou a Santa, não apegou que o preceito estava abaixo das condições da regra, e não encarou o escrúpulo do tempo perdido, antes vivia persuadida de que o tempo sempre bem se emprega quando serve para a obediência; pelo que com inteira conformidade se applicou à empresa, e continuou-a por diversas estações, nisto imitando um exemplo igualmente admirado do santo abade João, de quem se lê, na vida dos Padres, que para obedecer ao seu diretor se abaixou a

carregar, em longo trecho da estradas e por tempo considerável, um balde de água para regar um tronco seco. Assim fez a nossa Santa, e não em vão; pois tanto aprouve a Deus esse ato de heróica obediência que, como refere a tradição, se viu reverdecer aquela planta, e em seguida produzir flores e frutos, pelo que se ficou chamando a arvore da Bem-aventurada". Diz-se que esta arvore foi uma ameixeira. Mas a tradição ininterrupta nos diz que a tal planta, que ainda se vê no Convento de Cassia, depois de mais de cinco séculos, é a videira de Santa Rita. Atualmente se encontra ao pé do muro do mosteiro e é a admiração dos romeiros que, de toda parte, chegam em visita ao corpo da Santa e ao convento em que tantos anos ela viveu. Em setembro de 1930 o tradutor deste livro teve o prazer de visitar o convento e igreja de Santa Rita em Cássia, o corpo da Santa, a videira, viçosa e cheia de cachos, e a cela em que habitou por muitos annos, hoje convertida em capela: nesta capela teve a felicidade de rezar a Santa Missa.

Não só quis o Senhor premiar durante a vida o grande mérito da obediência de sua serva Rita, mas também depois de sua morte, porque, como dizem os biógrafos, quando o Bispo, ou algum dos Superiores da Ordem, visita o corpo da Santa, este levanta-se da urna em que está depositado (como se tem observado por diversas vezes), e abre os olhos em sinal de reverencia aos Prelados; e até pode-se presumir que a abundância das graças que o Senhor derrama sobre a pobre Comunidade das Madalenas de Cássia, é prêmio de seu particular amor à obediência, que elas estimam como o mais rico patrimônio de sua Santa Irmã.

CAPÍTULO XXIII. EFICÁCIA DA ORAÇÃO DE RITA E SEU AMOR A CRUZ

A oração é a chave que abre os tesouros de todos os bens, assim celestes como terrenos. Pedi e recebereis, nos diz o Senhor; buscai e achareis; chamai e abrir-se-vos-á. Já vimos desde os primeiros capítulos Gesta historia, a ;inclinação particular que Rita, desde a sua meninice, sentia pelo recolhimento e oração, assim como as industrias de que se servia para adiantar-se em tão santo exercício, particularmente naquele ano de recolhimento que, menina ainda, se impôs no cômodo mais afastado da casa, convertido em capela por seus piedosos pais. Do fervor e assiduidade com que continuou este piedoso exercido da oração durante sua vida de casada, e mais ainda no tempo de viuvez, nos faltam os biógrafos de Rita e o confirma a tradição que, ainda hoje, venera a gruta daquele famoso monte, onde, depois de perder o esposo e filhos, se recolhia freqüentemente a meditar as verdades eternas e pedir a Deus o remédio às suas desgraças.

Sem duvida, grandes foram desde então .os progressos de Rita em tão santo exercício, e cujo valor só Deus podia conhecer, porque a nós unicamente é dado como que adivinhar algo do mérito da oração de Rita, pelos muitos e admiráveis prodígios com que o Senhor se comprazia favorecer sua serva, como temos podido ver no que já fica escrito da vida desta admirável mulher, e no que ainda nos resta por dizer. Contentemo-nos, por enquanto, com referir alguns fatos isolados, deixando para mais adiante a relação mais completa destes fatos miraculosos.

O P. Sicardo diz, que Rita por sua continua oração alcançou da divina misericórdia favores e graças singulares, não só para si, como também para seu próximo, porque sua oração era tão eficaz que conseguia de Deus quanto lhe pedia. Em confirmação desta verdade referiremos. alguns sucedidos... "Achava-se em perigo de morte uma menina, filha única de uma mulher de Cássia. A mãe vendo sua filha nesse estado desesperador e sem

esperança humana de salvação, correu aflita a falar com Rita, manifestando-lhe a dor que lhe ia na alma, e o estado de soledade em que ficaria se perdesse a única filha que tinha: começou a rogar-lhe que se apiedasse dela e intercedesse ao Senhor por sua filha. Ouviu-a com piedade a Santa, e consolando-a com a esperança de que não morreria a filha disse-lhe que tivesse grande fé, e assegurou-lhe que quando voltasse à sua casa encontraria sua filha salva da terrível doença. Enquanto a mãe ia para casa, Rita pôs-se em oração e, com efeito, chegando a mulher à casa encontrou a filha sem vestígio algum da doença".

Em outra ocasião, segundo refere o mesmo P. Sicardo, levaram à presença de Rita uma mulher que desde muitos anos era perseguida de malignas obsessões. Orou Rita por aquela infeliz, e fazendo sobre ela o sinal da cruz, no mesmo instante foi libertada do espirito maligno.

Era tão grande o predomínio da Santa sobre o infernal inimigo mediante a oração que, para desviá-la do santo exercício, tentava espantá-la, ora com gritos horrorosos, ora com sombrias aparições mas a invicta heroína a despeito de tudo isso permanecia imóvel na oração, e com a oração triunfava de todas as tempestades do abismo.

Aprofundando mais um pouco rios segredos misteriosos da oração da Santa e no modo maravilhoso como se applicava a este exercido, diremos com o P. Tardi, o mais grave historiador da vida da Santa: A oração de Rita, depois de abraçar o estado religioso, ocupava a parte mais profunda da noite, a mais doce da manhã; a mais belfa do dia; ou para dizei-o com brevidade, ocupava toda a sua vida, porque ela já não sabia apartar-se um momento da presença do seu Bem incriado.

Entre os assumptos de suas meditações, um porém, mais do que todos, diz o mesmo P. Tardi, ocupava a contemplativa Rita, e era o da paixão de N. S. Jesus. Cristo. Esta particular devoção parece que a herdou de seus pais, e que sobre ela assentara os fundamentos da sua santidade. Desde menina se habituara a endereçar-lhes os seus pensamentos, afetos e lagrimas; e ainda se recordará o leitor como Rita naquela tenra idade se fechava no seu quartinho, e como ali meditava os dolorosos mistérios, que se representavam nas imagens afixadas às paredes, e que ainda melhor tinha ela gravados no coração. Os sentidos também queriam a sua parte para melhor servirem à piedade da alma; e este é o motivo porque na celta do seu mosteiro ela renovou e sempre teve ante os olhos alguma sensível representação dos passos, do seu querido Jesus. Para tal fim assinalara dois lugares distintos. Em uma parte do seu pobre aposento tinha feito a figura de um montezinho, e neste, fitando a olhar, recordava o monte Calvário com todos os martírios que nele sofreu o Salvador do mundo; considerava aí com suspiros e gemidos a chegada do seu divino Esposo succumbindo sob o enorme peso dos tormentos, da cruz e de todos os pecados do homem; meditava entre prantos, como foi ele despojado das suas vestes e depois crucificado com duros cravos; contemplava com a mais viva compaixão a crueldade daquelas marteladas que lhe rasgaram os pés e as mãos, e todo o resto daqueles inexplicáveis martírios.

Em outro canto da mesma celta tinha feito uma figura do Santo Sepulcro e meditava, com a vivacidade da sua fé, como ali foram depositados os adoráveis despojos do seu amor; como por tres dias lá ficaram sepultados; como o espirito desceu a consolar os Santos Padres no obscuro seio de Abraão, e como depois ressuscitou o Redentor, triunfante e glorioso. Em tais meditações a Bem-aventurada assentava-se solitária, como dissera Jeremias; e naquele silêncio, naqueles amorosos solilóquios, naquele isolado comércio com Deus achava-se toda superior às paixões, à natureza, a si mesma; antes de tal sorte se exalçava na contemplação dos divinos mistérios que não raro ficava fora dos sentidos e enlevada em

suave; êxtases, sendo que, entre outras, uma vez tal foi a violência do seu arroubo que chegaram as companheiras a dá-la por morta.

Para concluirmos este capitula, outrossim podemos recordar aquelas inflamadas orações que muito amiúde fazia ante o altar do seu Jesus sacramentado e as imagens de sua Mãe Santíssima; posto o local não fosse aquilo que mais interessava à sua devoção, porque a todo momento e em qualquer parte ela achava Jesus e Maria e mil objetos para sua interminável piedade.

Não ha doença humana que não encontra alívio nos mistérios da Cruz. Os servos de Deus que mais se distinguiram na contemplação dos trabalhos do Redentor, não só sofriam com valor as mais duras provas a que o Senhor os sujeitava, senão que nos seus delíquios, excessos de amor, ainda pediam maiores sofrimentos. "Padecer ou morrer", costumavam dizer; "Padecer e ser por ti desprezados, meu Deus". E a magnânima Rita exclamava: "Oh! meu Deus e Senhor crucificado!; se Vós sofrestes tanto, e sem culpa alguma, só por amor ao homem... por que não quereis que eu, vossa indigna serva, que fui causa dos vossos tormentos, tome parte em vossa Paixão?. E quando o Senhor misericordioso condescendência alguma vez às súplicas dos Santos, como aconteceu à insigne Rita, segundo veremos no capitulo seguinte, de tal modo aumentava também suas doçuras que não podendo suportar, como Santa Clara de Montefalco, o inefável gozo com que o Senhor os regalava, costumavam dizer, como dizia esta insigne agostiniana: Não tanto, Senhor, não tanto! Chega, chega porque minha alma desfalece debaixo do peso de tanta glória." O mesmo aconteceu a Rita entre as agudíssimas dores dos últimos anos e à tristeza causada pelo isolamento forçado a que se viu obrigada, pelo que logo diremos; mas sempre tranqüila, afável e meiga, sua vida passava sossegada como as águas do manso corretozinho que deslizam, correm mansamente na esplanada beijando e afagando as flores que encontram em seu percurso. Assim premia o Senhor, mesmo nesta vida, aos que com fervor se aplicam a meditar as dores de sua paixão.

CAPÍTULO XXIV. ESPINHO DO CRUCIFIXO NA FRONTE DE RITA

Na prática das eminentes virtudes de que até agora nos temos ocupado, havia a nossa Santa atingido o trigésimo ano da sua profissão monástica, sexagésimo segundo da sua idade a 1143 da era vulgar, quando a Deus aprouve distinguir o merito da sua dileta com o privilégio excessivamente digno de ser tratado com a devida extensão.

Vivia, naquela época Santiago da Marca, um daqueles homens apostólicos que Deus então suscitou, como a S. Vicente Ferrer, S. Lourenço Justiniano, S. Bernardino de Sena, S. João de Capistrano e outros, para oporem diques à enchente da depravação mundana, fúria dos distúrbios civis, ao ímpeto do cisma, ainda não extinto, e à invasão das heresias que ressurgiam. Ele, portanto, depois de muitos anos empregados com admirável fruto nas suas missões da Bosnia, da Hungria e do Oriente, e depois que dali foi chamado, exatamente: nesse anuo, pelo Pontífice Eugênio IV, teve ocasião de percorrer as terras e castelos do território de Spoleto com a sua evangélica pregação, e de pregar na povoação de Cássia. Não diremos, como disse alguém, que o Santo ali pregou durante a quaresma, nem tampouco marcaremos o dia fixando a *dominga in albis*, como outros julgam acertado mas não podemos duvidar de que aí fez ouvir a soa voz apostólica, e precisamente nesse ano; que tratou do argumento da paixão de Jesus Cristo; e que lá se achava presente a nossa

Santa Rita. Nem deve causar estranheza que uma freira, como silo era se achasse no meio do povo para ouvir o santo orador; porquanto, ainda que por consequência houve diversos concílios e o Papa Bonifácio VIII anteriormente já tiveram indicado a observância da clausura, todavia até o concílio de Trento não era rigorosa a sua lei, e por isto uma grande parte dos mosteiros gozava de liberdade quando, como no caso vertente, queria a necessidade que se ouvisse a palavra de Deus.

Lá foi, portanto, Rita em companhia de suas irmãs, e lá foi com aquela pureza de intenção, que é inimiga de toda curiosidade, de toda vangloria e paixão, e que unicamente se endereça à glória de Deus e à santificação da alma. Qual fosse a força de tal predica, fácil é deduzí-lo da santidade e zelo de um orador já desde tantos anos habituado a penetrar ainda nos mais duros corações; e que impressão produzisse no terno coração de Rita. pode-se inferir da importância da matéria, que tocava no ponto principal da sua piedade, mas principalmente se compreenderá pelos extraordinários afetos de compaixão e pelas copiosíssimas lagrimas, que ali lhe custava reter, e que depois lhe irromperam aos pés do crucifixo no velho oratório do convento. Ali prostrada, e já chagada em espirito pela veemência da acerba dor, começou a invocar com fervidos suspiros o seu Amor coroado de espinhos, pedindo-lhe se dignasse de fazer-lhe sentir corporeamente uma amostra, ao menos, das suas aflições. Atendidos foram os ardentíssimos votos; e então foi que ela viu desprender-se da coroa do Crucificado um espinho, que veio feri-la na parte esquerda da fronte, e com tal ímpeto que até chegou a penetrar-lhe o osso, dando causa a crudelíssimo espasmo. Desmaiou a Bem-aventurada e pareceu milagre que sobrevivesse à excessiva dor; porém era o amor mais forte do que esta e a graça protegeu a natureza.

Ainda. após isto viveu pelo longo espaço de quinze anos, sempre com essa chaga aberta, a qual depois se dilatou, apodreceu e ficou verminosa. Assim os vermes e o fétido, que outrora conspiraram contra o pacientíssimo Job, também se uniram para aumentar o opróbrio e o tormento de Rita; mas opróbrios e tormentos eram delidas suas, pois só aspirava a conformar-se com o seu Jesus, que por causa dela e do gênero humano se tornara, no dizer do profeta Isaías, como que o desprezo do povo e o homem das dores, a ponto de não ser mais reconhecido pelo semblante, em consequência das feridas daqueles espinhos que de roxo sangue lhe cobriram a fronte divina.

"Vidimus eum despectum et novissimum virorum, virum dolorum et scientem infirmitatem; et quasi absconditus vultus ejus, et despectus, unde nec reputavimus eum".

Is. 53

Quando por vezes se lhe perguntava o que eram aqueles vermes que lhe caíam da fronte, com alegre semblante e a sorrir-se costumava responder: São os meus anjinhos; e assim bem dava a conhecer que, quanto mais nela se humilhava e dilacerava a carne, tanto mais exultava o espirito, como já sucedera ao patriarca S. Francisco de Assis, a Santa Catarina de Sena, pelos privilegiados estigmas que neles celebra a Igreja, e como acontecera a uma irmã de Rita, Santa Clara de Montefalco, pelos mistérios da Paixão de Jesus Cristo, que vivamente se lhe imprimiram no coração. E tanto mais Santa Rita se regozijava em si mesma, quanto no dom que lhe fôra feito achava a mais cara e melhor ocasião de exercitar-se mormente na humildade e paciência, no retiro e silêncio, na oração e amor de Deus, por quem se ma distinguida com semelhantes graças; pelo que, enquanto viva foi e trouxe na fronte aquele sinal da Redenção, nunca mais deixou de por isso render-lhe as mais sinceras graças e bênçãos. Também ela se tornara o repudio dos homens, mas em vez de repugnar-lhe isto só servia para mormente confirmá-la em Deus, quer dizer, no centro de

todos os seus votos e de todas as suas consolações; e o suave acolhimento que ela recebia da graça, que não ofendem torpezas corpóreas, superior compensação lhe deparava, e penhor de mais ampla e eterna mercê. Este espinho na fronte da Santa, além de ser celebrado por todos os autores da sua vida, também foi cantado por diversos poetas latinos e italianos do século XVII. Algumas de tais composições mais facilmente podem ser lidas numa suficiente coleção, em Torelli e Galli, sem falarmos de Cotta.

CAPÍTULO XXV. IDA DE SANTA RITA A ROMA POR OCASIÃO DO JUBILEU

Se a vida da Santa até ao momento em que recebeu o espinho na fronte, foi vida oculta, de então por diante dir-se-ia melhor vida sepultada, porque se tornou invisível aos olhos dos mortais. E tal é o motivo porque a historia, omitindo um espaço de oito anos, como que a voar nos leva a 1450. Não foram contudo ociosos para a Santa esses anos de intervalo, e se em verdade houve tal acro, não foi muito diferente do dos Santos, e de toda a maneira talvez mais vantajosa à Igreja que pelas orações dos Bem-aventurados pelo menos no Ocidente, ressurgiu então afinal do seu largo abatimento. Dois lustros já fazia que cessara o cisma dos Gregos, Armênios e Etíopes, fato este cuja glória principalmente se atribuía aos merecimentos do B. Nicolau de Tolentino, que nesse tempo foi canonizado por Eugênio IV; desde poucos meses se extinguiu o outro cisma dos antipapas, mediante a espontânea abdicação de Félix V; e às orações, às penitencias, às lagrimas de Rita cumpria que de tal sucesso se referissem o merecimento e a glória. Nicolau V era então o ditoso pastor da Igreja, e naquele ano, e no meio da paz de que ela gozava, pôde com vantagem publicar, como fez, um solene jubileu para difundir os tesouros das divinas indulgencias que lhe foram confiados. Este foi o quinto jubileu celebrado na nova Igreja de Jesus Cristo, e atentas as circunstâncias da referida paz e da renascente piedade, o mais freqüentado pelo inumerável concurso dos fiéis, que de todas as partes da Europa se trasladavam a Roma, onde somente, como então era costume, podiam granjear as indulgencias anexas.

Ora, quando até os menos devotos acorriam precipitadamente, imaginemos se Santa Rita não sentiria desejo ainda maior para a preciosa aquisição. Ouvia que as religiosas suas companheiras se aprestavam para efetuar o pio desígnio, de partirem com direção a Roma e ela, que até aquele momento, e já desde muitos anos, parecia no seu retiro odiar a luz do dia, para fim tão santo não recebeu deixar e cena; esqueceu os seus males e adiantada idade, e deitou-se aos pés da superiora, supplicando-lhe licença para reunir-se às outras religiosas na piedosa viagem. Porém a madre priora, atendendo especialmente naquela nojosa chaga da fronte, não julgou prudente que assim Rita se expusesse aos olhos do mundo, e por tanto mandou que voltasse a sua celta, dizendo lhe que primeiro cuidasse em curar-se daquela ferida, depois do que lhe outorgaria a permissão que solicitava. A condição que a isto se punha como que por irrisão, não tardou a ter o seu efeito: pois que à Santa recorreu com suas fervorosas orações ao Deus que lhe inspirara o voto, e que costumava deferir-lhe as súplicas, e imediatamente logrou a saúde que ninguém mais esperava. Aqui se deve notar que Rita, procurando sempre em sua profunda humildade ocultar os favores do céu, nesta ocasião quis empregar certos unguentos para disfarçar o milagre da cura; mas demasiado evidente era o feito de Deus, pelo que a superiora não mais hesitou em dar-lhe a permissão e a benção.

Partiu, pois, a pé, em companhia das suas irmãs, sem nenhum receio pela

idade septuagenária, pela fadiga da longa viagem e pelas intempéries da estação: partia toda alegre para a capital do mundo católico. Nesta viagem sucedeu que, passeando ela pela margem de um rio, neste deitou a pequena quantia que provavelmente lhe fôra dada para ocorrer às necessidades da peregrinação; fato esse que lhe valeu exprobrações das companheiras, mas não as de Deus, que a generosa ação ocultamente a induzira., e que depois lhe favoreceu todo o necessário para a jornada, permanência e volta.

Chegando à meta da sua viagem, Rita não se entretteve a contemplar, nem as antigas ruivas, nem os atuais monumentos das grandezas profanas, mas volveu a alma e o corpo aos caros objetos da sues piedade, às memórias dos Santos Mártires, às gloriosas confissões dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, à devota visita das Igrejas, à aquisição das santas indulgencias. Em verdade parece que a Santa depois da vida tão ilibada, e de tantas e tão austeras penitencias, não necessitasse de recorrer a tais meios de expiação; mas a santidade é humilde por sua natureza, e a humildade que conduziu uma santa Brígida e uma santa Catarina de Sena ao segundo jubileu, foi a mesma que, um século depois, levou ao quinto jubileu a nossa Santa Rita. Enriquecida, pois, com mais aqueles tesouros da graça, e impaciente por livrar-se, enfim, do penoso tumultuar do povo, com as suas devotas companheiras, e sempre nas mãos da Providencia, encaminhou-se para Cássia, e. depois de caminhar quatro ou cinco dias, de novo achou-se na sua amada cela, no seu centro.

Apenas ali chegada, pasmosa coisa foi que de súbito, e como antigamente, se lhe tornou a abrir a chaga da frente, que per virtude superior se havia cicatrizado, quando Rita partira, pelo que mais ainda se comprovou a realidade do milagre na cura antecedente, assim sucedendo para que a Santa até a morte não mais tivesse de perder um privilegio que lhe era tão caro.

CAPÍTULO XXVI. PENOSA DOENÇA DE RITA

Sete anos viveu ainda Rita depois que voltou de Roma, dos três deles, bem como dos oito anteriores em que passou naquela solidão, nada sabemos, talvez pela vida normal da Santa, ou bem pelo desleixo dos primeiros biógrafos em consignar os fatos mais importantes realizados durante esse lapso de tempo em que Rita aparece como que encoberta pelo véu dos conselhos divinos, com que o senhor, às vezes, costuma ocultar-nos o que ha de mais bello na vida dos santos. Somente tem-se conservado algumas noticias sobre o grande espirito de penitência de Rita sobre sua continua oração e união intima com Deus. Diz-se também que na solidão pie sua cena, ficava tão extasiada na contemplação dos Mistérios da sagrada Paixão e tão fora dos seus sentidos, que algumas vezes as Irmãs chegaram a julgá-la morta, conforme já indicamos em outro Lugar; ao que acrescenta o P. Cavallucci, "que essa perda dos sentidos e esses enlevos sucediam-lhe quando meditava qualquer ponto da vida do divino Salvador". E neste teor de vida de êxtases e de dores, e sobre tudo de compaixão pelas que sofreu seu amado e adorado Jesus, passaram-se os últimos dias da existência de Rita. Ao chegar aos setenta e dona anos de idade, e quarenta de vida religiosa, sobreveio-lhe uma penosa doença que durou quatro anos, no fim dos quais o Senhor a levou a gozar das eternas alegrias de sua glória.

E esta a primeira doença de Rita que mencionam seus historiadores, pois, durante um tempo tão longo de penas, tribulações e ásperas penitencias, nunca seu forte coração sentiu desfalecimentos, mesmo sob o peso das grandes dores e infortúnios; antes conservou-se sempre robusta, sadia e disposta para tudo, mesmo depois que o Senhor se dignou conceder-lhe uma

parte, embora pequena, das dores de sua Paixão dolorosíssima, fazendo-a sofrer dores agudas, não só na chaga formada pelo espinho afincado na testa, como no coração amantíssimo desta enamorada. da Cruz; o que somente se explica com o admirável poder da graça de Deus que a sustentava pára exemplo do povo cristão. Porque sendo Rita naturalmente forte e robusta, mesmo assim não se explica, sem um auxilio especial de Deus, como podia suportar tantas penas sem deixar-se deltas vancei.

Não se sabe ao certo qual foi a doença que prostrou Rita no leito da morte. Dizem alguns que foi uma espécie de paralisia que aos poucos lhe fez perder as forças até ficar imóvel no seu leito paupérrimo, onde esteve durante quatro anos, com grande admiração dos que a assistiam ou aí chegavam para a consolar. A ferida da testa, que aumentava dia a dia, as dores que lhe ocasionava, todos os incômodos de uma doença tão prolongada e penosa, não conseguiram enfraquecer sua heróica e edificante resignação, conservando-a sempre de rosto tranqüilo, dando ainda graças ao Senhor que na sua amorosa Providencia se dignava purifica-la e dar-lhe ocasião de conseguir méritos, de que em sua humildade se julgava indigna.

Uma das causas que mais a afligiam, durante a doença, era considerar o incômodo que causava às suas Irmãs, especialmente com o mau cheiro da chaga, mas este penar em nada diminuía a glória da heróica resignação com a vontade de Deus, nem o mérito da paciência e da humildade. Outra coisa, diz o P. Tardi, . que afligia à nossa Santa era não poder chegar, com a freqüência que tinha por costume, à mesa eucarística para receber o seu amado Jesus; mas esta falta supria com freqüentes atos internos de amor e de ação de graças.

A noticia da grave doença de Rita espalhou-se logo: sendo realmente tão admirada por seus méritos e pelo poder de suas orações, de toda parte acudiram a visitá-la, ficando todos edificados pela resignação com que suportava os sofrimentos da doença, voltando às suas casas contentes por terem disto irradiar em seu rosto aprazível os fulgores da glória.

Admiravam-se todos, e particularmente as religiosas enfermeiras que a assistiam, como podia viver sob o peso de tão grandes sofrimentos, quase sem outro alimento que o Pão Eucarístico; mas o véu deste milagre a mesma doente se encarregou de levantar-o, quando instada um dia por suas irmãs para que se alimentasse mais, cila respondeu : "Minha alma, queridas irmãs, unida às chagas do meu Jesus, nutre-se de outro alimento." Esta declaração de Rita confirmou às suas irmãs que a vida da doente era mais divina do que humana, e para que não ficasse duvida sobre a intervenção particular de Deus na conservação desta santa, referiremos os dois fatos miraculosos que o Senhor permitiu como testemunho do que afirmamos.

Um dia veio visitai-a uma sua amiga e parente, e, como ao despedir-se lhe perguntasse se queria alguma coisa para Rocca Porena, a Santa respondeu: "Sim; peço-te que ao chegar lá, procures uma rosa no horto da casa e ma tragas." Sucedeu isto no mês de Janeiro, época a mais fria e rigorosa do inverno, em que apenas se vê o sol em Rocca Porena, e a natureza fica como sepultada entre a neve e o gelo.

Julgou a boa mulher que Rita delirava quando lhe fez este pedido, mas, para não contrariá-la, disse .que faria sua vontade. despedindo-se com o pressentimento de que não mais tornaria a vê-la; não obstante, fosse por inspiração divina, ou por curiosidade, passou pelo horto da casa de Rita. e qual não foi a sua surpresa ao ver numa das roseiras uma bonita rosa. Tomou-a com afetos de piedade e devoção e, no mesmo instante, voltou à Cássia para entregai-a à doente.

Recebeu Rita a rosa com sinais de alegria e agradecimento, e, mostrando-a

às religiosas, estas deram graças a Deus que assim quis mostrar por este milagre a santidade de sua irmã.

Disponha-se a partir de novo a parente que trouxera a rosa, e como perguntasse a Rita se queria alguma coisa mais de Rocca Porena, disse-lhe: "Já que sois tão boa para comigo, suplico-vos que volteis de novo ao horto; lá, numa das figueiras encontrareis dois figos maduros que tereis a bondade de mos trazer." Não duvidou, desta vez a boa mulher das palavras de Rita, e despedindo-se delta saiu em direção a Rocca Porena, certa de que ia encontrar uma nova maravilha. Com efeito, chegando ao lugar entrou de novo ao horto da Santa, onde, pouco antes achara a rosa, e, lançando a vista sobre a figueira, despida e gelada pela inclemência do tempo, descobriu dois belos figos que apanhou com cuidado, e alegre tornou a Cássia para entregai-os à doente. Os biografos da Santa, Tardi, Cavalluci, Galli e Rabbi, são unanimes em referir estes factos miraculosos. V. Processo de Beatificação da Santa, fls. 150, 246, 295, etc. Sumário XX.

Cheias de admiração, as religiosas não se cansavam de dar graças a Deus pelo novo milagre feito em obséquio à sua serva mostrando por este modo a santidade de Rita.

Correu logo a noticia destes maravilhosos fatos, e muitas foram as pessoas que puderam ver e tocar reverentes aquelas flores e frutos de que mais tarde puderam dar testemunho, e admiradas contemplavam a santa doente, honrada pelo amado Jesus que, como a Esposa dos Cânticos, cercava de flores e frutos a sua amada Rita para que não desfalecesse no meio daquela mortal languidez. Porém, para Rita esses regalos do Amado faziam-lhe suspirar pelo desejado momento de ver-se livre dos laços do corpo mortal e entrar na posse do Sumo Bem. Mas, ainda restavam-lhe alguns meses de prova e de dores que acrescentariam o mérito de seus trabalhos e sua coroa de glória no céu.

CAPÍTULO XXVII. MORTE DE SANTA RITA

Vagarosamente passavam os dias para Rita, que, entre desmaios de amor e grandes sofrimentos, continuamente suspirava por libertar-se do corpo mortal e ficar incorporada para sempre à mansão dos justos. Sua vida era considerada como um continuo milagre, pois não obstante o mortal desfalecimento em que se encontrava, seu espirito, ainda vigoroso, seguia sustentando aquele corpo, ha tanto tempo abalado pela doença e pelos sofrimentos. Continuavam os sofrimentos, e o martírio era dia a dia mais intenso. Unicamente era Deus quem a sustentava, pois, longe de desfalecer, observava-se que o Senhor lhe crescia as forças e a enchia de consolações. Referem a este propósito os biógrafos, Padres Tardi e Sicardo, que um dia compadecido o Senhor das grandes dores de sua serva Rita, suportadas com heróica paciência, lhe apareceu o amante Jesus em companhia de sua mãe a Santíssima Virgem Maria e ambos, com palavras cheias de doçura, a consolaram e alentaram, mostrando-lhe a divina beleza e parte do prêmio que lhe estava reservado no céu.

Tal foi a suavidade e doçura que experimentou a Santa nesta visão, e tão inflamada ficou sua alma com as palavras de amor a ela endereçadas pelo divino Esposo e sua Mãe Santíssima, que arrebatada em êxtase de amor, pareceu-lhe ia ter sido transportada à região feliz da imortalidade.

Pouco durou o gozo que experimentou Rita com esta visão; retirando-se Jesus e Maria ficou sua alma na escuridão, e sentiu que a doença se

agravava; presa pela febre; e, mais ainda, pela sede das águas puríssimas do Paraíso, entre sublimes desmaios e agonias mortais esforçava-se nossa Santa em purificar mais e mais sua paciência, que tão belfa a fazia aparecer ante o trono divino. Vendo-se tão oprimida de dores, e privada das consolações que pouco antes desfrutara sua puríssima alma, mostrou, como diz o P. Sicardo, ser seu amor mais forte que a mesma morte, o qual, sem causar os males que produz o amor terreno, conservava a vida para fazê-la mais penosa e mais agradável a Deus.

Às torturas causadas pela ausência do Esposo divino, e à nostalgia de o possuir, acrescentavam-se as dores produzidas pelo espinho e chaga da fronte que, nesta ocasião, pareciam recrudescer. Só encontrava alívio e reparação das forças quando recebia. o seu amado na sagrada Eucaristia, sendo este o único alimento corporal e espiritual. E quando este lhe faltava, consolava-se com a esperança de poder logo recebê-lo. E com estas esperanças e com a lembrança daquela celestial visita, em que o Senhor havia-lhe anunciado a próxima partida deste mundo, esquecia as dores, transparecer no rosto risonho e na doçura de suas palavras a alegria que lhe ia na alma.

Mas os dias de Rita estavam contados e aproximava-se o termo de sua vida mortal. Como à Esposa dos Cânticos, havia-lhe o, Senhor presenteado com flores e frutos, porque sua alma desfalecia de amor; só faltava que o Amado a fizesse gozar a doçura das consolações nos eternos tabernáculos. Com efeito, o Senhor vem a procura d.e sua serva e, qual Esposo amantíssimo, a convida a segui-lo com estas doces palavras: "Levanta-te, minha amiga, pomba minha, e vem. Vem do monte da mirra das penitências e do aroma de tuas súplicas. Apressa-te, por que o inverno das penas já passou; cessaram as chuvas das grandes tribulações, e os campos estão cobertos para encher-te de alegria. Vem, e serás coroada."

Com tão agradável convite sentiu-se Rita possuída dum gozo inefável, e dirigindo-se às companheiras, disse: "já chegou, Madre e Irmãs queridas, o momento de vos deixar. Graças vos dou pela caridade que tivestes comigo suportando-me com tanto amor durante a minha doença. Peço-vos perdão pelos muitos incômodos que vos causei, e agora, como prova de vossa bondade, suplico-vos que me auxiliéis a implorar do Senhor a remissão de minhas culpas; de quem espero alcançar misericórdia".

Pediu depois que lhe administrassem os últimos Sacramentos; recebeu-os com grande humildade e devoção, è, ao terminar a ação de graças a Deus pelo benefício que acabava de receber, vendo quão aflitas estavam suas Irmãs pela sua próxima partida, procurou animá-las, com a esperança do Paraíso, onde, novamente, e com laço mais apertado e fraternal, voltariam a reunir-se para nunca mais separar-se. "Olhai, lhes disse, a morte é apenas um doce sono para quem de coração serve a Deus. Já sei, minhas Irmãs, o que é morrer pelos atos contínuos de fechar os olhos ao mundo e abri-los só para Deus. Cultivai com filial afeto a devoção ao nosso grande Padre Agostinho e guardai a santa Regra que professastes, pois nela encontrareis o caminho reto para a glória".

Pediu, por último, a bênção à venerável Superiora que, abençoando-a, rogou por sua vez a Rita que abençoasse também a todas as religiosas, o que com grande humildade fez a Santa levantando seus braços quase inertes. Depois, encomendou-se ao seu amado Jesus crucificado e a sua Mãe a Virgem Maria, e quem sempre fôra devotíssima. Também lembrou naquela hora os seus particulares. protetores, São João Batista, São Nicolau de Tolentino e o Anjo da Guarda que invocou com afeto e devoção, e depois de breve descanso pronunciou estas últimas palavras: "Madres e Irmãs queridas, ficai na paz do Senhor e caridade fraternal"; e elevando os olhos ao céu, cruzadas as mãos sobre o peito,

entregou sua alma, ao Criador sem outro esforço que o que produz o suave sono no corpo fatigado. Assim dormiu Santa Rita o sono dos justos para acordar na morada feliz dos Bem-aventurados.

CAPÍTULO XXVIII. AO CÉU! OS SINOS REPICAM A GLÓRIA

Não há nada que tão eficazmente influa na vida privada e pública das pessoas como o exemplo. Por isso, os servos de Deus que, a imitação do divino Mestre, passaram pelo mundo fazendo bem a todos, foi o seu exemplo o facho luminoso que mostrou ao homem o caminho a seguir por entre o mar tempestuoso desta vida, e muitas vezes esse mesmo exemplo salvou povos e sociedades inteiras da ruína iminente. Este fato, que freqüentemente achamos consignado na História, tanto religiosa como profana, vêmo-lo também admiravelmente na vida de Santa Rita de Cássia: ao mérito de sua virtude aprouve ao Senhor acrescentar o poder dos milagres; e assim o exemplo desta Santa, em muitas ocasiões, foi de valor indiscutível para o bem da Igreja e do povo cristão, cuja prosperidade tanto a interessava.

Não se pôde duvidar da grande influência que sobre a vida moral de Cássia e seus arredores exerceu a virtude e santidade de Rita; por isso, a ela acudia toda classe de pessoas buscando alívio para seus males; mas o Senhor quis que a fama dos merecimentos de sua serva e dos milagres alcançados por sua intercessão ultrapassasse os limites daquela região, espalhando-se por todo o mundo cristão, para que de um lado fosse espelho de santidade, e de outro se arraigasse em todos a devoção a Santa Rita, e assim, invocando-a nas necessidades, experimentassem o seu poderoso patrocínio.

Santa Rita morreu no dia 22 de Maio de 1457, aos setenta e seis anos de idade e quarenta e quatro de profissão religiosa, governando a Igreja de Jesus Cristo o Papa Calixto III. Na ocasião da morte de Rita, os moradores da cidade de Cássia não só haviam melhorado seus costumes, gozando ao mesmo tempo do benefício da paz, como se sentiam orgulhosos de poder acrescentar às passadas glórias o brilho das virtudes daquela insigne filha de Cássia, a quem o povo começou a dar o nome da histórica cidade, chamando-a Bem-aventurada Rita de Cássia. Crescia rapidamente a fama das virtudes da penitente religiosa, de modo que, quando o Senhor, por meio dum milagre, quis que chegasse ao povo a notícia da morte de Rita, de toda parte veio gente venerar as restos mortais daquela bem-aventurada filha de Santo Agostinho.

E o milagre foi o seguinte: morta Rita, já bem alta noite, os sinos do convento, sem que ninguém os tocasse, repicaram festivamente, acontecendo a mesma coisa nos sinos da cidade.

Os moradores da mesma, cientes desse maravilhoso acontecimento, ficaram possuídos de um sentimento de admiração e cheios de alegria indescrevível. Choravam as religiosas a morte de sua querida e santa irmã, mas aquele pranto terminou em lágrimas de alegria. Continuavam os sinos batendo sozinhas, quando advertidas do fato, uma venerável religiosa, exclamou: "Não vedes, minhas, como vai subindo ao céu, entre resplendores de deslumbrante claridade, a alma de Rita?".

Não chegaram a ver as demais religiosas o que esta vira, mas todas contemplaram e experimentaram outras coisas não menos prodigiosas. A cela de Rita apareceu iluminada de uma claridade extraordinária. O mau cheiro da chaga desapareceu por completo, substituindo-o um suave e incomparável

perfume. Esse tão misterioso e grato perfume se desprendia não só do corpo da Santa como de todos os objetos que a cercavam, espalhando-se até os cantos mais afastados do convento. Da chaga da testa, quase completamente fechada, só ficou à vista um pequeno ponto que irradiava uma luz mais pura que a do melhor brilhante. A piedosa Comunidade, entre lágrimas desamação, louvava a Deus pelo modo maravilhoso com que se aprazia manifestar os méritos de Rita, e consolavam-se pensando que no céu tinham já uma solícita e poderosa advogada.

Enquanto isto se dava no convento, o povo ia chegando ao Mosteiro das Madalenas para informar-se sobre a santa doente. Amanheceu por fim o domingo, e, logo que foram franqueadas as portas da igreja, penetraram todos aí para tributar à morta as homenagens de sua admiração, contemplando seu corpo.

Este foi colocado num caixão provisório e depositado no velho oratório, em quanta se dispunham as coisas para os funerais, que o município quis fazer a sua custa com toda solenidade, para que todo o povo desse testemunho de sua veneração à finada.

As exéquias, assistidas por quase todo o povo de Cássia e dos lugares próximos, assemelhavam-se a uma solenidade festiva. Foi preciso depois do funeral deixar insepulto a cadáver porque o povo não se cansava de admirar e venerar aquele corpo santo antes emagrecido pelas penitências e trabalhos e agora rejuvenescido, agradável e tranqüilo em suas feições, parecendo revestido com os resplendores da glória.

Logo depois da morte de Rita quis o Senhor manifestar seu poder pela intercessão da Santa. Divulgada a morte de Rita chegou de Rocca Porena uma mulher sua parente e muito amiga que, atravessando com dificuldade a multidão, aproximou-se do corpo da Santa, deitou-se sobre ele abraçando-o e beijando-o; entre lágrimas e suspiros rogou com grande fé e confiança à Bem-aventurada pedindo-lhe a cura do seu braço, há tantos anos mirrado e sem vida. todos os presentes comovidos pela morte de Rita, mais ainda ficaram quando ouviram a mulher, entre lágrimas de alegria, bradar: Milagre, milagre, estou curada! Com efeito, o braço, até há pouco seco, tornou-se à vida e havia recuperado o movimento. Não se podia duvidar disto, pois aquela era conhecida de muitos dos presentes, que sabiam de sua enfermidade.

À vista de todos se patenteava que a incomparável Rita continuava do céu a proteger o povo cristão. Este fato maravilhoso, assim como outros referidos, foram publicamente testemunhados, e se encontram nos autos do Processo de Beatificação e Canonização da Santa.

O povo devoto, com cânticos e orações, louvou as maravilhas de Deus que tão admirável se mostra nos seus santos.

Para depositar o santo corpo construíram-se duas caixas: uma de cipreste, em que provisoriamente foi colocado, e outra maior de nogueira, que recebeu o corpo com a primeira caixa. Não foi sepultado, ficando simplesmente depositado no oratório onde recebera o espinho com que a presenteara o Senhor Crucificado. Neste mesmo oratório, que se acha colocado atrás do altar mór da igreja, separada apenas por uma grade de ferro, acha-se exposto o corpo da Santa a veneração dos fiéis.

Nossa vida está cercada de prodígios que claramente nos manifestam a existência de Deus; porém o habito de contemplai-os faz com os consideremos indiferentemente sem nos impressionarmos. O Senhor então para mais obrigar-nos a reconhecer o seu soberano poder, e mostrar o seu amor para conosco, digna-se fazer por intermédio dos Santos prodígios que atestam a sua valiosa proteção no céu em nosso favor, justificando assim o culto que lhes devemos tributar na terra. Mas para que os servos de Deus sejam merecedores do nosso culto e veneração, a Igreja, regrada e governada pelo Espírito Santo, não admite como prova de santidade somente os milagres operados durante a vida se, depois da morte, não foram confirmados por outros de mérito e valor indiscutíveis. É tal o rigor que se observa na formação os processos de beatificação e canonização dos Santos, que o homem de consciência mais escrupulosa recearia apresentar-se ante tão severo tribunal, se este tivesse de examinar um por um todos os passos de sua vida publica e particular, sem desculpas e nem apelações.

Entre os fiéis que, morrendo na paz do Senhor, passam a gozar da sua glória no céu, poucos são os que têm conseguido a honra dos altares, porque Deus só concede este privilegio aqueles que mais se distinguiram no grande amor e fidelidade ao Divino Esposo.

Entre esses ocupa lugar saliente Santa Rita de Cássia que, em vida e depois da morte, com seus numerosos e estupendos milagres, patenteou ao mundo cristão a preferencia acentuada de Deus pela sua serva fiel. Dos inúmeros milagres alcançadas por Santa Rita após a morte, os seus biógrafos narram os seguintes que estão arquivados e se encontram nos Processos de beatificação e canonização da Santa.

A 25 de Maio, três dias depois do transito da Bem-aventurada Rita, Ângelo Batista, morador de Col-Giacone, do município de Cássia, achando-se completamente cego, e ouvindo falar dos prodígios obrados pela intercessão da venerável religiosa durante a sua ultima doença, cheio de fé, recorreu à Santa, alcançando no mesmo dia a vista, ardentemente supplicada, sem que lhe ficasse vestígio do sofrimento.

Quatro dias depois, Jacobina Leonardo, de Ocorce, lugar próximo de Cássia, implorou com fervorosas orações a proteção da Santa, ficando completamente livre da grave doença que a fazia sofrer dores horríveis.

Francisca João Biselli, do condado de Nórncia, muda de nascença, foi na mesma data visitar o milagroso corpo de Santa Rita, e aí, depois de praticar alguns atos de piedade e devoção, encomendou-se ao seu poder, e, com grande assombro dos presentes, começou a falar, sendo suas primeiras palavras Ave Maria.

No dia 2 de Junho do mesmo ano, o jovem Bernardo, filho de Mateus del Ore, natural de Ocosce, sofrendo de pedra ou cálculos, que o atormentavam cruelmente: levado por seu pai a visitar a urna da Santa, encomendou-se a ela com fervor ficando no mesmo instante livre do seu mal.

No dia 7 do mesmo mês, a jovem Matea de Cancro, surda e muda de nascença, foi levada pelo pai em visita ao sepulcro de Rita, e invocando a Santa com grande fé e devoção recuperou a fana e a audição; sendo o milagre de tão grande vulto obrigaram-na a subir a um púlpito para satisfazer a curiosidade do publico, que maravilhado a ouvia repetir: Milagre! Milagre!.

Treze dias depois, 20 de Junho, Luzia dos Santos Lalli, do Castelo de Santa Maria, no território de Nórncia, havia perdido uma vista, ameaçando a moléstia invadir a outra. Acompanhada pela mãe, foi orar ante

o sagrado corpo de Rita e poucos dias depois, recuperou a vista e ficou livre da enfermidade.

No ano de 1471, Vannetta, da vila de Foliano, perto de Cássia, tinha, na garganta uma grave doença que continuamente ameaçava afogá-la. Às vezes perdia a respiração, e num destes acessos os presentes, julgando-a em perigo, começaram a agitá-la para fazê-la voltar a si. Lamentou-se Vannetta dizendo que lhe haviam interrompido uma bela visão. Perguntaram-lhe o que vira, e ela afirmou que lhe aparecera a Bem-aventurada Rita de Cássia chamando-a pelo nome, e com a mão tocara-lhe na garganta. Não foi ilusão, pois Vannetta achou-se completamente sã, conforme atestaram os que ali se achavam presentes.

No decorrer do ano de 1492 operaram-se mais duas curas miraculosas. Por uma delas foi favorecida uma senhora de S. Anatolia, da jurisdição de Cássia, de nome Jacoba, a qual caindo sobre umas guinas, as pedras que juntamente com ela rolaram, de tal forma a machucaram, que ficou não só inútil, mas ainda em perigo de morte. Recorreu com fé à Santa Rita,, prometendo-lhe uma esmola; em pouca tempo desapareceu o perigo e sarou das gravíssimas contusões.

Outro acontecimento deu-se no dia 18 de Novembro com um jovem, filho de Julião e de Gemma, moradores de Nórçia,, que foi agredido por uns malvados recebendo quinze facadas, faltando pouco para separar-se-lhe a cabeça do corpo. Seus Paes e uma sua irmã, de nome Maria, dominados pela angustia, só pensaram em recorrer ao Senhor pela intercessão de Santa Rita, pedindo-lhe a conservação da vida daquele, filho e irmão querido. Prometeram visitar o corpo da Santa, e cumprida a promessa, o jovem começou a melhorar das feridas, e em pouco tempo recuperou a saúde.

Em Dezembro de 1494 encaminhava-se a Cássia João André de Juanucho, para dar graças a Deus, por ter alcançado pela intercessão de Santa Rita a realização de dois milagres: o primeiro a cura de uma grave enfermidade, e o segundo o ter-se visto livre de um desastre que lhe ia custando a vida. Estando a derribar uma noqueira, procedeu com tanta 'infelicidade que esta, sem lhe dar tempo para afastar-se, caiu-lhe sobre si. Cheio de fé invocou em seu auxilio a gloriosa Santa, saindo ileso desse acidente.

Em Maio de 1501, João Bartolomeu, condestável de Rocca Sucuri, ocupando-se em limpar uma espada, esta caiu-lhe das mãos cortando-lhe uma das principais veias do pé o ferimento produziu uma forte hemorragia. Chamou-se o médico doutor Gaspar de previ que, depois de aplicar todos os recursos da medicina, sem nada conseguir, declarou desesperado o caso. O condestável, neste terrível transe, conhecedor das maravilhas operadas pela Bem-aventurada Rita, encomendou-se à Santa, prometendo visitar o seu corpo em peregrinação, se conseguisse a cura daquele mal. Feito o pedido, a hemorragia foi aos poucos cedendo, fechando-se a ferida completamente, com admiração, não só do referido médico, como também de vários outros que haviam visitado o paciente. Este, logo que recuperou as forças perdidas, cumpriu a promessa, levando, entre outros presente, uma coroa de prata que depositou sobre a urna da Santa.

No dia 7 de Março de 1503, Ângelo Damiano, de Somboleta, município de Nórçia, acabava de perder uma filha em consequência da peste que grassava no lugar. A família, cheia de angustia, e temerosa de que o terrível flagelo causasse entre eles alguma outra vítima, rogou ao Senhor, pela intercessão de Santa Rita, que a livrasse da epidemia. Ouviu o Senhor aquelas súplicas, e a epidemia não se propagou entre os membros da família; pelo que, agradecida, cumpriu a promessa feita, de visitar o sepulcro e a Igreja da Santa, deixando aí algumas esmolos.

A primeiro de Maio de 1539, Antônia, de nove anos de idade, natural de Rocca Porena, filha de Silvestre, passando pela ponte do rio Corno, caiu na água e desapareceu arrastada pela correnteza, sendo improficuos os esforços que para salvai-a empregaram algumas pessoas que viram cair a menina. Continuaram as pesquisas rio abaixo e, com grande admiração, à beira do rio, meia milha distante do lugar onde havia caído, encontraram a pequena Antônia, aí sentada, sã e salva. Indagaram-lhe como conseguira salvar-se e a menina respondeu que, ao cair na água intercedera a Santa Rita, a quem devia a salvação.

Outro caso miraculoso deu-se com uma mulher de Áquila, chamada Cassandra. No nano de 1541 adoeceu gravemente um dos três filhos que tinha, e, para salvá-lo recorreu a Santa Rita, prometendo levar o menino a Cássia se alcançasse a graça. Recuperou o menino a saúde, mas a mãe não cumpriu a promessa que fizera. Passado algum tempo, o menino novamente adoeceu, vindo a falecer. A infortunada mãe, julgando que por sua culpa havia perdido aquele filho, ficou louca endemoninhada, assegurando que todos os dias ouvia a voz do filho defunto. Os outros dois filhos, vendo a pobre mãe em tal estado, e atribuindo-o à promessa não cumprida, à força levaram-na a Cássia. Antes de aí chegar, quando avistaram a cidade, foi-lhes preciso segurai-a e levai-a nos braços até a urna da Santa. Ali os bons filhos começaram a orar com devoção, pedindo aos fiéis presentes que orassem também pela doente; passado algum tempo, a mulher, voltando a si de um daqueles freqüentes delírios que padecia, ouviu claramente, como os demais que lá estavam, a voz do espirito, como se fosse a do filho defunto, que dizia: "Milagre! Milagre! Minha mãe recuperou o juízo!"

Com efeito, a infeliz Cassandra, que por algum tempo ficara sem sentidos; começou a derramar abundantes lagrimas, e prostrando-se diante do corpo da Santa não se cansava de dar graças a Deus que a livrara da triste loucura, e, abraçando os filhos, juntamente com eles volta a Áquila, louvando ao Senhor que tão grande zelo mostra pela glória dos seus santos.

No ano de 1548 deu-se outro importante milagre com uma, senhora de Nórchia que tinha uma filha doente dos olhos, um dos quais já inutilizado, por achar-se coberto de uma nuvem. A boa mãe, sumamente aflita, recorreu a Santa Rita e, de acordo com a filha, fez o voto de consagrai-a durante toda a vida ao serviço da Bem-aventurada, se esta a livrasse da cegueira que a ameaçava. Pouco depois a jovem recuperou a vista e se fez religiosa, entrando no convento da Santa, onde, durante trinta e nove anos seguidos, desempenhou, a contento geral, o cargo de Abadessa.

Para comemorar o transito ao céu da Bem-aventurada Rita, todos os anos nesse dia a Comunidade fazia e distribuía entre os pobres uns pãezinhos; mas como advertissem que, conservados ficavam durante muito tempo frescos, e dados aos doentes os curavam de suas doenças, determinaram as Madres do convento fazer outros pães menores que se benzem e distribuem como as rosas no dia da Santa, com grande alegria e proveito espiritual dos fiéis devotos de Santa Rita.

Finalmente, até do azeite da lâmpada acesa diante do corpo de Santa Rita fazem dele os fiéis grande apreço pelas muitas dores e males que a misericórdia divina se tem dignado curar mediante o dito azeite, segundo consta, além de muitos outros testemunhos, das Catas dos Processos de Beatificação e Canonização da Santa, do mesmo modo que dos pães e das rosas.

Bemdito e louvado seja mil vezes o Senhor que, pelos méritos e intercessão dos Santos, aos homens se mostra tão liberal e misericordioso!

CAPÍTULO XXX. DA CONSERVAÇÃO DO CORPO DE
SANTA RITA E DO ADMIRÁVEL PERFUME QUE DELE SE
DESPRENDE

Deus onipotente e misericordioso repetidas vezes havia anunciado pelos seus profetas nas Sagradas Escrituras o cuidado que teria em glorificar, mesmo neste mundo, os restos mortais dos seus santos: "Dormem, nos diz, os justos nos jazigos, e seus ossos germinarão como germina a erva do campo na primavera. Ainda que o pó entre nos sepulcros, seus corpos reviverão e florescerão como os lírios e como as arvores de verdes ramas. Porque nunca se afastaram do Senhor, seu nome será abençoado de geração em geração".

Estas consoladoras promessas do Senhor as vemos realizadas na respeitável veneração das relíquias dos Santos, fiéis cumpridores, da lei divina sendo por, fuso abençoada para sempre a lembrança neste mundo e veneradas suas relíquias. Eis porque causa admiração o modo como através do tempo o Senhor tem conservado a memória de Santa Rita, assim curro a integridade dos seus despojos mortais.

Quatro séculos são decorridos desde que a alma da bem aventurada Rita deixou de animar aquele corpo que foi participante de tantas fadigas; não obstante, o poder de Deus o conserva integro e flexível como se ainda estivesse o espirito daquela mulher admirável. Os prodígios operados desde aquela época pelo Senhor em favor desta serva fiel, são verdadeiramente extraordinários. Completamente incorrupto, conserva o copo da Santa o sinal do espinho com que o amante Jesus a coroou na testa, sinal que na hora da morte resplandeceu mais do que um rubi. Nunca foi embalsamado seu corpo, e jamais se deitou naquela câmara perfume algum, e não obstante de quando em vez o poder do Onipotente faz que dele se desprenda uma suave e admirável fragrância que a nenhuma coisa deste mundo é comparada.

Quando Santa Rita expirou, viu-se o seu corpo cercado duma luz celeste que iluminou toda a Gamara, como se nela houvesse penetrado a claridade do sol. Seu rosto tornou-se tranqüilo, como quem dorme um doce sono, conservando-se assim durante cento e setenta e um anos, sem a menor alteração. Em 21 de Maio de 1628, abriu os olhos e elevou-se pela primeira vez até a borda da urna em que se achava depositado. Desde essa data memorável continua com os olhos abertos, e às primeiras vésperas de sua festa até o dia seguinte, tem-se visto em alguns anos elevar-se até tocar num tecido de malhas que se achava colocado a bastante altura para impedir que alguém toque aquele corpo venerando.

Referem os biógrafos da Santa que essa elevação do corpo dava-se também de ordinário quando o Bispo da Diocese ou o Provincial dos Agostinianos visitavam oficialmente a Igreja e o mosteiro; assim o fez constar a Câmara Municipal de Cássia eira documento publico devidamente legalizado pelo tabelião Aleixo Martini e os atuários João Graciani e João B. Leonetti, moradores de Cássia, sendo testemunhas oculares Carlos Judice, Vice Governador; Rafael Citadoni, Arcipreste da Colegiata e Protonotário Apostólico: Dionísio Panfili, Vigário forâneo; Hortênsio Martini e Antônio Frenfarelli, cônegos da Colegiata; Querubim Bernardi, Capitão de couraceiros, e Ângelo Graciani, lugar Capitão de infantaria do distrito de Cássia [Escritura pública assinada em Cássia a 16 de Maio do ano 1682].

Mas o fato maravilhoso, que ininterruptamente repete-se até hoje, é o

perfume que, como já dissemos, se desprende daquele santo corpo, perfume que a nenhum outro é comparado, e do qual somente pôde ter-se uma idéia ao entrar num jardim repleto de rosas de suave aroma. Numa palavra, é alio extraordinário que ultrapassa o sentido do olfato e toca os sentidos da alma; chamam-no os escritores perfume do Paraíso, porque ele excede incomparavelmente a quanto de humano e terrestre possamos experimentar pelos sentidos, pois conforta a alma, e a move a devoção. Esta maravilhosa fragrância nota-se com alguma freqüência, porém, por pouco tempo, e espalha-se por toda a igreja e até pelo convento; às vezes se tem experimentado fora, nas ruas e nas casas vizinhas, porém, não o percebem todos, mas unicamente as pessoas a. quem a Santa quer fazer esta graça.

Tudo o que em resumo dissemos, e que por extenso tratam os escritores da Santa, tomamos quase literalmente dos Autos do Processo onde aparece também comprovado que, ao conceder o Senhor em países remotos alguma graça especial aos devotos de Santa Rita, ou quando vai dar-se algum acontecimento grave, ouve-se barulho dentro da urna que encerra o santo corpo, e percebe-se um perfume mais intenso e prolongado que de costume. Celebrava ali, missa, o Bispo de Espoleto, Mons. Bacheloni e à elevação da Sagrada Hóstia elevou-se a Santa meio corpo acima, voltando o rosto para o Santíssimo. Moveu-se também perante os delegados apostólicos, que lá haviam ido para verificarem este e outros prodígios; e, dizem que à morte do Papa Inocêncio XI, mudou a cor do rosto.

O mesmo P. Rabbi, confessor da Comunidade a que pertenceu a Bem-aventurada, refere que no seu tempo vieram de Sinigaglia a Cássia o Sr. André, doutor em medicina, e sua esposa Da. Violante, trazendo consigo um seu filho considerado como morto. Em estado desesperador, quando de nada serviam os remédios humanos, encomendaram-no à proteção de Santa Rita, que concedeu-lhe a vida. Os piedosos esposos, cheios de gratidão pela graça obtida, oraram com fervor aos pés daquele corpo santo, e aí deixaram, como lembrança, um exvoto de prata. Depor soube-se pelos mesmos pais do menino que, no mesmo dia em que se deu o milagre, sentiu-se em redor da urna e na igreja um perfume extraordinário, e persistente.

Aos muitos milagres e curas maravilhosas operados mediante o contato ao corpo da Santa, deveríamos acrescentar os obtidos com os objetos e coisas que estiveram junto aos seus mortais despojos. No ano de 1745 antes que o santo corpo fosse trasladado ao Lugar em que hoje se encontra, as religiosas tinham o costume de cobri-lo com um véu, que todos os anos o substituíam por outro novo. O velho, retalhado em pedacinhos era distribuído entre os fiéis para satisfazer à devoção destes. Os prodígios realizados por este meio tão simples são muitos e deles se têm ocupado os escritores, entre eles o P. Rabbi, de quem tomamos o seguinte. No dia 27 de Abril de 1652 incendiou-se a casa de João Polidoro, de Narni; já as chamas invadiam quase todo o edifício, quando Clara, sua mulher, lembrando-se que levava consigo um pedacinho do véu da Santa, o entregou a uma filha para que esta, desde o telhado imediato, o deitasse no meio do fogo. Porém, sendo difícil fazer chegar uma coisa tão leve até o centro do fogo, lembrou-se de embrulhar a relíquia num papel juntamente com uma pedrinha, e amarrando tudo com uma linha, deitou-o onde o fogo estava mais intenso. Foi o bastante para que este terminasse. Indo depois à Igreja de Santo Agostinho mãe e filha render graças pelo favor recebido, ali se encontraram com uma senhora amiga que havia proporcionado a Clara a relíquia; falando do caso, disse-lhe aquela: "Procurai entre a cinza a relíquia, pois deve estar intacto o instrumento do milagre." Assim o fez Clara; procurou-a entre os escombros, e a encontrou do mesmo modo como fôra lançada ao fogo. Deste fato aviou-se ata em 25 de maio do dito ano.

Tinham as religiosas o costume de colher raspas e pó da, caixa em que esteve depositado o corpo de Santa Rita até o ano de 1745, e

igualmente de outras coisas que estiveram em contato mais ou menos próximo com o mesmo corpo. Por meio desse pó operou o Senhor maravilhas, entre as quais merece atenção a que refere o P. Rivarola. Achando-se a filha de um criado do cardeal Fachinetti, Bispo de Espoleto, com uma vista quase perdida e a outra em perigo de perder-se, os pais, confiando na proteção da Bem-aventurada Rita de Cássia deitaram-lhe nos olhos um pouco daquele pó, e no mesmo instante recuperou por completo a vista.

A mesma graça, e pelo mesmo meio, obteve Francisco Armili com admiração do quantos foram testemunhas do fato. Ambos os favorecidos foram a Cássia para tributarem a Deus suas homenagens e agradecer à Santa protetora.

Com o azeite da lâmpada que arde ante os despojos de Rita, também se tem dignado o Senhor fazer não poucos prodígios, como já dissemos no capítulo anterior.

Iguais e ainda maiores graças se conseguem com os pãezinhos que as religiosas distribuem entre os fiéis devotos no dia da festa de Santa Rita. Este costume, geralmente em prática em todos os conventos e casas da Ordem, na Itália, tem sua origem no seguinte: Para comemorar o aniversário da morte de Santa Rita quer em vida tão misericordiosa se mostrara sempre, as religiosas distribuíam, nesse dia, pães aos pobres, e os mais devotos da Santa guardavam parte daquele pão, que se conservava sempre fresco, e fazendo uso dele em suas doenças, muitas vezes encontravam alívio e até repentinas curas. Esta devoção espalhou-se de tal modo entre os fiéis, que resolveram as religiosas fazer esses pãezinhos aos milhares, para serem distribuídos entre os mesmos que, fazendo uso deles, pela graça do Senhor livraram-se de graves doenças, e de outros males, como tempestades, naufrágios, etc, etc, o que vemos comprovado pelas testemunhas dos Processos da Canonização da Santa.

Em resumo: os prodígios que o Senhor tem realizado pela intercessão da Santa, e os milagres operados são tantos e tão diversos, que nos Sumários do Processo da Canonização, para provar a fé do povo cristão no universal poder da incomparável serva de Deus, cita-se, aprovado pela Sagrada Congregação de Ritos, o hino do Ofício com que a mesma Igreja a honrava. É este o hino:

Si Ritae signa quaeritis
Febres, luesque, vulnera,
Morbi dolores, doemones,
Grando procellae fugiunt.

Ceci vident, surdi audiunt,
Claudi eunt, mutus loquitur,
Prolem, qui petit, accipit,
Et reviviscunt mortui:

Non taerremotus officit
Nec flamma loedit fulminum.
Ignis, pericla, vincula,
Insidiaeque pereunt.

Admiremos, pois, mais uma vez, o poder, de Deus que tantas maravilhas se tem dignado realizar pela intercessão de Santa. Rita, a quem podemos aplicar as palavras do Cântico: "Coisas verdadeiramente maravilhosas fez em mim, com o seu Santo Nome, o que é Todo Poderoso."

CAPÍTULO XXXI. O VIGÁRIO DE JESUS CRISTO
DECRETA SEJAM CONCEDIDAS A RITA AS HONRAS DOS
BEM-AVENTURADOS

O culto que se vinha tributando à Bem-aventurada Rita ia ser solenemente autorizado pela Igreja. Governava-a então o Papa Urbano VIII, que fora Bispo de Espoleto, e em suas freqüentes visitas a Cássia, tinha tido ocasião de admirar os muitos prodígios que o Senhor operava pela intercessão de sua serva Rita; por isso, desde que foi elevado ao Sumo Pontificado, manifestou brandes desejos de inscrever a insigne Rita no catalogo dos santos. Para este fim dispôs que, pela Sagrada Congregação de Ritos se procedesse à jurídica informação sobre a vida, e milagres da admirável religiosa, sendo comissionado para formar o processo Mons. Castrucci, Bispo então de Espoleto, a cuja jurisdição eclesiástica pertencia a cidade de Cássia. Recebeu as instruções da Sagrada Congregação em 14 de Outubro do ano 1626, e dois dias depois ficou constituído o tribunal que havia de atuar na causa, na forma seguinte: Juiz Comissário, Mons. Colangeli, Protonotário Apostólico; Notários Antonio Raimondi e Francisco Venanci, de Cássia; Procuradores, pelas religiosas Agostinianas, o Dr. Venancio Panfili, de dita cidade; pelos religiosos da mesma Ordem, o Agostiniano P. Simonetti e o dominicano P. João Batista, e pela cidade de Cássia João Citadoni e Leonardo Gregoretti.

Cerca de seis meses durou o processo. e uma vez terminado foi remetido à Sagrada Congregação, declarando esta, que as virtudes e milagres de Rita eram ainda maiores do que a fama publicava, e aprovando-o, os Eminentísimos Cardeais deram conta disto ao Sumo Pontífice, o qual, de acordo com a Sagrada Congregação, não só aprovou o Processo, como confirmou o culto particular com que o clero e fiéis até então honravam a memória da Bem-aventurada Rita; além disto ao requerimento feito pela Comunidade das Agostinianas de Cássia concedeu, com data 2 de Outubro de 1627, a licença de rezar o officio e missa em toda a Ordem de Santo Agostinho e na Diocese de Espoleto, determinando o dito Soberano Pontífice o dia 16 de Julho de 1628 para a cerimonia da solene beatificação. Clemente XIII confirmou seu culto em 13 de Agosto de 1737.

Grande foi a alegria de todos pela solene aprovação do culto da veneranda Rita, que tantas maravilhas fizera em favor dos seus devotos. Cássia, sobre tudo, onde a Bem-aventurada havia passado a maior parte de sua vida, e que possuía o tesouro de seu corpo, não sabia como manifestar sua alegria, e desde logo deliberou que, a solenidade dos cultos fosse tal que em parte alguma fossem avantajados. Foi o dia 22 de Maio o designado para a celebração destas ceremonias, data memorável para a cidade de Cássia e seus limítrofes, pois lembrava-lhes aquela em que Rita deixara a mansão da terra entre lagrimas e suspiros de todo o povo que repetia: "Morreu nossa mãe, nossa conselheira, nosso consolo, nosso apoio". Agora outro povo mais numeroso chegava de toda parte para festejar a venerável Rita de Cássia.

No dia 21 de Maio de 1627, Cássia, ornada luxuosamente, era insuficiente para conter os devotos que, vindos de outros lugares, discorriam pelas ruas e praças da cidade. Imensa alegria dominava aqueda multidão. Os sinos das igrejas repicavam festivamente anunciando ao povo o inicio das solenes festas. As autoridades civis e eclesiásticas, o clero e fiéis disputavam sobre a parte que cada um havia de tomar nos solenes cultos. A igreja das religiosas, em que iam celebrar-se esses cultos, estava enfeitada com regia munificência, ostentando dentro e fora grandes cortinados de seda. Belos estandartes e dez quadros, pintados a óleo,

representando os milagres mais insignes, completavam a ornamentação do templo.

Mais de quinze mil pessoas de fora de Cássia haviam-se reunido nesta cidade e se dirigiam à igreja das Madalenas. A Comunidade dos Agostinianos de Cássia se havia aumentado com a chegada de outros religiosos da Ordem, vindos de diversos lugares para tomar parte naquelas solenidade e honrar à santa irmã.

Mas o demônio, invejoso de tanta glória, tratou de tirar o brilho aos festejos, semeando a discórdia. Chegada a hora das vésperas, e reunidos na sacristia o clero secular e regular, teve aquele a preterição de officiar, ele só, na celebração dos cultos. Os agostinianos opuseram-se a tão singular pretensão, alegando que a igreja era agostiniana, como também o era a bem-aventurada, e com estas disputas e porfias azedaram-se os ânimos de tal modo que ninguém se entendia.

As boas religiosas, assustadas, e vendo que nem as súplicas nem as lágrimas conseguiam acalmar os unimos dos contendores, tiveram a bôa lembrança de encomendarem este assumpto à santa irmã rogando-lhe que pacificasse aquela desordem. Não foi preciso mais: o santo corpo moveu-se dentro da urna, como se quisesse endireitar-se, e ao mesmo tempo abriu os olhos. As religiosas, observando isto, cheias de alegria, emocionadas pelo fato, correram a bater o sino, gritando: Milagre! Milagre! De fato: o clero, as autoridades e o povo puderam certificar-se de que o corpo daquela, que havia sacrificado sua vida pela paz, movera-se, e os olhos, que desde a morte estavam fechados, abriram-se com grande assombro de todos.

A urna que encerrava o corpo da Santa estava fechada com três chaves, e não consta que as religiosas tivessem nenhuma. Através do vidro via-se que a Santa estava com os olhos abertos, mas natural e docemente, e que a metade superior do corpo estava levantada, suspensa no ar, como se por baixo da cabeça se tivesse colocado uma almofada. As autoridades, o clero e os religiosos tinham já observado a posição anterior do corpo, e por isso o milagre era evidente. Depois disto ninguém mais pensou em discussões, acalmados os ânimos, tudo se arranjou pacificamente, cedendo com gosto os agostinianos o seu direito de tomar parte ativa na celebração daqueles primeiros cultos. Cantaram-se, pois, as vésperas pelo clero, com assistência dos religiosos, levando cada uma das comunidades um círio enfeitado com moedas de prata para oferecê-lo a Santa Rita. Depois ordenou-se a procissão, na qual tomaram parte numerosas Irmandades e muitos anjinhos que acompanhavam o estandarte da Santa; seguia uma grande multidão de devotos com tochas acesas; depois todo o povo, e por ultimo, fechando o cortejo, o Governador e Magistrados de Cássia, além de outras autoridades da cidade e lugares vizinhos.

Ao anoitecer, imensa multidão enchia as praças e ruas de Cássia. Todos os prédios estavam enfeitados com tapeçarias, damascos e lanternas de diversas côres.

Sobre o cume da montanha ardião grandes fogueiras queimaram-se fogos de artifício, que, com o alegre repicar de todos os sinos, anunciando a festividade do dia seguinte, davam a Cássia um aspecto verdadeiramente fantástico.

Desde o romper do dia 22, a igreja das Madalenas achava-se repleta de fiéis devotos que vinham visitar o corpo da Santa e oferecer-lhe seus votos e orações. Chegada a hora, cantou-se com grande solenidade a Missa, assistida por todas as autoridades. À tarde cantaram-se também segundas vésperas, officinando os Padres Agostinianos, com assistência de todo o clero e autoridades, como na solenidade da vésperas. Em resumo: toda as

cerimonias do culta foram solenissimas, e o entusiasmo e alegria do povo indescritivel, admirando todos o poder de Deus que tão bondoso se mostrava em engrandecer os méritos de sua serva, que tanto empenho fez durante a vida em servi-lo, e cujos primeiros cultos ia agora coroar com dois novos prodígios, que passamos a referir.

Não haviam terminado ainda as solenidades religiosas, e o Senhor misericordioso, para inspirar maior confiança aos devotos da Santa, e como brilhante corôa daquelas festas, quis realizar nesse mesmo dia dois milagres. Entre a numerosa afluência de romeiros achavam-se duas nobilissimas damas, uma de Espoleto, e outra de Sinigaglia. Sofriam ambas dores tão graves na cabeça que, às vezes, tinham extravagancias e manias tão raras que pareciam possesas do demônio. Naqueles dias da celebração das festas de Santa Rita, tanto as doentes como suas familiar não deixavam de implorar a proteção da Santa, e o Senhor escutou as súplicas das infelizes mulheres, pois repentinamente, uma após outra, ficaram curadas, sem que no futuro sentissem o menor sintoma de perturbação; e como nessa ocasião, do santo corpo de Rita saísse um perfume agradabilissimo, que se espalhava por todos os cantos do templo, as lagrimas de alegria e as aclamações encheram, a todos de entusiasmo. Todos estes dados e pormenores constam na parte historial do Processo, sobre tudo no Sumário XXIV, e tem sido celebrados pelos escritores e até cantados pelos poetas, como o P. Cotta.

O dia 16 de Julho, como já indicamos, foi o designado para celebrar em Roma as festas da Bem-aventurada Rita de Cássia. Escolheu-se para estas solenidade a beba igreja de Santo Agostinho, onde, em presença de vinte e dois Cardeais e grande número de Prelados e altos dignitários da Corte pontificia, procedeu-se à leitura do Decreto do Vigário de Jesus Cristo, e praticaram-se com extraordinária solenidade as demais cerimoniai de ritual.

Para a referida cerimonia e cultos dos dias seguintes, que foram os mais brilhantes, foi enfeitado o templo com magnificência e esplendor. Desde o dia da leitura do Decreto Pontificio, o povo de Roma, em romaria contínua, invadia as naves do grandioso templo para tributar à Bem-aventurada Rita de Cássia as homenagens de sua devoção. Os gastos das deferidas festas correram por conta das famílias mais salientes da nobreza, romana, principalmente da famosa casa dos Barberinis.

CAPÍTULO XXXII. CULTO À ADVOGADA DOS IMPOSSÍVEIS E NOVOS MILAGRES NOS TEMPOS MODERNOS

Os milagres que vamos referir neste capitulo constam da obra Novas Graças e Milagres da Ilustre Advogada dos Impossíveis, escrita pelo Emmo. Cardeal Gennari, Assesor do Santo Oficio e Arcebispo de Lepanto, o qual, por sua devoção à Santa, foi a alma da Causa da Canonização.

Em um fato, atestado por inúmeros testemunhos, que a fama de santidade de Rita, desde sua morte, e sobre tudo depois de sua beatificação, começou a espalhar-se rapidamente por todo o mundo cristão.

Depois das primeiras homenagens de Cássia e sua Comarca, Camerino Ascoli, Terni, Espoleto, Folinho e Núrcia apressaram-se em venerar os restos de Santa Rita. Mais tarde, reis e príncipes, Cardeais e Bispos, clero e fiéis visitaram devotarnente o sepulcro, considerando-se felizes de possuir alguma reliquia da Bem-aventurada, como um pedacinho de

seus vestidos ou de qualquer outra coisa que fôra de seu uso. Entre outros personagens numeram-se os Emmos. Cardeaes D' Cesara, Sabionini, De la Guenga e até o mesmo Pio IX, quando Arcebispo de Espoleto.

Com objetos que em vida usou a Santa, honraram-se os soberanos da Espanha e de Portugal, entre outros Carlos II e João V, e desde então as famílias reais das duas nações têm sido muito devotas da Bem-aventurada Rita, cujo culto espalhou-se rapidamente, com o seu exemplo, pela Península Ibérica, e até pelas províncias dos seus extensos domínios coloniais.

O povo espanhol, seguindo o exemplo de seus soberanos, professou sempre à Rita fervorosa devoção, e desde sua beatificação tributou-lhe as honras da santidade. Tão grandes e freqüentes eram os prodígios que o Senhor se dignava fazer pela intercessão desta sua amadíssima esposa, que seus devotos começaram a honrá-la com o título, nunca até então ouvido, de Advogada dos Impossíveis.

Os reis da Espanha e de Portugal; agradecidos pelos singulares favores alcançados pela intercessão de Santa Rita, fizeram grandiosos donativos ao Convento das Madalenas de Cássia. D. João V fez reconstruir por sua conta o convento da Santa, tal qual hoje se conserva, ostentando no frontispício as armas e escudo do reino de Portugal. D. Carlos II, da Espanha, ordenou ao Duque de Medillaceli, vice-rei de Nápoles; que, por conta do patrimônio real, fizesse construir uma belfa urna para nela depositar o corpo venerando da Santa. Por sua, vez, as religiosas de Cássia, agradecidas aos muitos favores recebidos do, referido monarca espanhol. enviaram-lhe varias reliquias da Santa, entre outras, parte da coroa que a Santa costumava usar, e ao rei de Portugal mandaram o anel dos seus desposórios, segundo afirmam diversos escritores.

O que acabamos de referir é bastante para compreender que a devoção e confiança ilimitada das famílias reais, e dos fiéis da Espanha e Portugal e dos seus domínios, unicamente podia ter com base o grande poder de Rita para favorecer aos seus devotos.

Quão rapidamente se espalhou por toda parte o culto e devoção da Santa o demonstram também os documentos que vamos transcrever.

O Santo Padre Paulo V, quatorze anos antes que Rita fosse beatificada, autorizou à Câmara Municipal de Cássia para que em honra à venerável Rita confeccionasse um estandarte para ser levado na procissão do dia 22 de Maio em que se celebrava já sua festa. A autorização referida diz assim:

Molto magnifico signore:

Si contento la S. E. che cotesta communità possa spendere cento cinquanta scudi nello standardo che desidera fare per portarlo in processione colla reliquia della Bta. Rita sua Avocata nel giorno de la sua festività. E Dio lo salvi.

Roma, 26 agosto 1614.
Al suo piacere.

Il Cardinale
Borghese

Com os prodígios da humilde religiosa crescia e se propagava a devoção dos fiéis, penetrando até os recantos mais afastados da terra, sobre tudo depois da solene Beatificação. Em 1645 o P. Diege de los Rios, sendo

Provincial da Província do Santíssimo Nome de Jesus, no México, estabeleceu a festa da Beata Rita em todas as igrejas e conventos sob sua jurisdição. Pelo mesmo tempo, estabeleceu-se dita festa nas Ilhas Filipinas, onde a devoção à Beata Rita propagou-se tanto que, não só altares, mas também povos se fundaram com o seu nome. Este fato observa-se também no Brasil onde varias cidades levam o nome de Santa Rita. O Papa Bento XIII, em 17 de Setembro de 1724, concedeu que, na cidade do Rio de Janeiro, fosse ereta uma igreja em honra à Bem-aventurada Rita de Cássia. Na igreja de Santo Agostinho de Manilha, estabeleceu-se desde então a Associação da Beata Rita, para homens e mulheres, aprovada pelo Papa Bento XIV, pelo Breve de 3 de Fevereiro de 1752, enriquecendo-a com muitas graças e bens espirituais.

Passamos agora a referir alguns das milagres que traz o Cardeal Gennari na obra já citada.

Em Conversano (Itália), um menino de quatro anos teve a infelicidade de cair no fogo, de onde o tiraram com graves queimaduras no rosto; estas produziram-lhe a cegueira e quase lhe causaram a morte. A mãe aflita, depois de esgotados os recursos da ciência médica, recorreu à proteção dos santos seus advogados. Tudo em vão; o menino não melhorava de saúde, e nem esperanças havia de que lhe voltasse a vista. Uma noite, depois de terminar as suas orações, adormeceu, e durante o sono julgou ver uma freira que lhe dizia: "já que tantos santos tens invocado, porque não te lembras de mim?"

- Quem sois vós?, disse a mulher.

- "Eu sou a Bem-aventurada Rita, que se venera na igreja de São Cosme; se me visitares, prometo-te que quando voltares à tua casa encontrarás teu filho são e com a vista recuperada."

No dia seguinte, muito cedo, foi a mãe à igreja de São Cosme rogar Santa pela saúde do filho, e com tanto fervor e confiança fez a sua oração que, ao voltar ao seu lado, o encontrou com os olhos abertos e perfeitamente curado. A surpresa foi enorme em toda a vizinhança. Não havia duvida: a Beata Rita fizera um milagre. Isto aconteceu no ano de 1886.

O sacerdote Francisco Morea, de Noci, diocese de Conversano, zelosíssimo promotor do culto da Beata Rita, refere seguinte:

"Era perto de meia noite de 10 de Abril de 1895, quando fui acordado por umas palpitações cardíacas tão fortes e rápidas que me sentia afogar. Sentando-me no leito e oprimindo o coração com a mão direita, permaneci neste estado, seriamente preocupado, durante algum tempo. Com o pensamento ofereci-me à Beata Rita, e, pondo sua imagem sobre a região cardíaca, prometo-lhe um coração de prata se me livrasse daquela doença. Recitei em sua honra três Glória Patri, dizendo-lhe: Beata Rita rogai por mim. Feito isto cessaram no mesmo instante aqueles afogos, e, regularizando-se as pulsações, ainda pude dormir aquela noite. Desde então parece-me ter sentido alguma vez outras palpitações nervosas, nunca porém tão fortes nem de tanta duração. Cumpri, pois, minha promessa no dia 14 de Maio, colocando aos pés da Beata o prometido coração de prata. Francisco Morea."

Numa povoação da Itália, chamada Casa Máxima, caiu gravemente doente com pneumonia um vizinho daquela localidade. O médico que lhe

assistia, considerando o caso desesperado, disse à esposa do doente: Rogai a Deus pelo valso marido. A esposa, aflita, lembrando-se que tinha um livrinho intitulado "A Santa Advogada dos Impossiveis", que há pouco lhe enviara uma sua irmã, religiosa de São Vicente de Paula, com todo o fervor começou a rogar à insigne Advogada dos casos desesperados. Uma noite, o doente, oprimido pela fadiga sentou-se no leito em estado delirante, e lá pela meia noite viu aproximar-se do leito uma freira, a qual sentando-se no mesmo e olhando-o fixamente permaneceu aí meia hora aproximadamente, retirando-se em seguida sem dizer palavra. Era Rita de Cássia. Desde aquele momento, o doente começou a melhorar, e, com admiração do médico e assombro de toda a família, em poucos dias tornou-se totalmente restabelecido. Espalhou-se logo a noticia, e, para satisfazer a devoção do povo, foi preciso colocar um quadro da Bem-aventurada na igreja paroquial.

Em 1827, a princesa Telesio Antonacci, de Nápoles, sofria tão grande fraqueza do cérebro que em pouco tempo viu-se redunda a um estado verdadeiramente lamentável. Nada podia pensar, e nem fixar sua atenção em coisa alguma. O tratamento médico tornara-se inútil. Uma sua irmã mandou pedir uma Novena de Santa Rata, e com ela recebeu um pouco do azeite da lâmpada da Santa. Começou a novena, e cada dia unia a testa da irmã com o azeite. O remédio foi eficaz.

A doente ia melhorando aos poucos, no fim da novena achou-se completamente restabelecida. A princeza, em ação de graças, mandou para a lâmpada do altar da Beata Rita, em Conversano, um barril de azeite, e uma bôa esmola em dinheiro, para fomentar o culto da Advogada dos Impossiveis, e propagar sua devoção.

Uma menina, filha de Sebastião Giennulli, negociante na cidade de Bari, sentia-se atormentada desde a meninice de fortes dôres num dos joelhos. Como os médicos não estivessem concordes sobre a natureza do inchaço formado no joelho, foi consultado o doutor Zuccaro, médico de nomeada. Feito o exame, e depois de demorado reconhecimento, disse que era necessária uma operação dolorosa, que lhe foi praticada no dia 22 de Julho de 1897. Foi então preciso cortar parte da tibia e do fêmur, tirando-lhe quase por completo a rotula. Depois foram colocados os ossos da coxa e da perna de tal modo que ambos formaram um só, ficando, portanto, sem jogo a perna e bastante mais curta que a outra.

Em vista da gravidade do caso e das poucas forças da menina, os médicos manifestaram à família as poucas esperanças que tinham a respeito da cura. Mas a doente que, devido às dores, não pudera fanar até o dia seguinte, pediu um quadro da admirável Taumaturga, que lá havia, e, dirigindo-se à Santa imagem, exclamou: Oh Rita Bem-aventurada! quanto estou sofrendo! Valei-me! É verdade que tenho sido muito ingrata contigo. pois, quando todos, devotos, rezavam tua novena, eu estava distraída e pouco me interessava rogar a ti. Conheço meu erro, e peço-te perdão. Ah! compadece-to de mim, porque não poderei sofrer mais. Ouvindo-a fanar assim, os que estavam presentes se aproximaram do leito; mas a menina disse: Vão-se embora... Agora vem...

- Quem? perguntaram-lhe.

Uma freira, respondeu:

- Onde vem?

- De lá, daquele canto.

- E que faz agora? tornaram a perguntar.

- Aproxima-se de minha cama e vem sentar-se perto de mim.

Por alguns instantes doente permanece em silencio, como se escutasse algo interessante; depois tornou a falar:

- Com a ajuda dos médicos do céu que bem ficou minha perna! Ela pôs dobre mim suas belas mãos e me curou.

Todos choravam julgando que a doente estava delirando.

- Não choreis, antes alegrai-vos. Não vêdes como eu estou alegre, por ter recebido a grana que pedia? Nada me dói já. A Bem-aventurada Rita disse-me que após três dias cessarão completamente minhas dores... Com a perna operada poderei dançar, pular e correr, sem sentir incômodo algum.

Como o havia assegurado a doente, assim aconteceu. Aos três dias estava completamente sã, e o mais admirável é que aquela perna que, devido à carie dos ossos, fôra preciso cortar meio palmo, devendo por tanto ficar mais curta e sem jogo, viu-se com grande assombro igual a outra, flexível e com o jogo completo, como se nela não houvesse havido doença alguma. Não é preciso dizer, quão agradecida ficou aquela família à Santa advogada dos impossíveis, e a alegria com que foi, ao seu santuário cumprir os votos, levando em sua companhia a jovem afortunada, que à vista de todos caminhava, radiante de alegria e sem dificuldade alguma.

Muitos outros casos admiráveis poderíamos transcrever do livrinho do piedoso e sábio Cardeal Gennari; porém, os referidos provam claramente ser vontade de Deus que sua serva Rita recebesse sem mais delongas as honras da solene canonização.

Seja-me permitido, diz o autor da Vida de Santa Rita, referir aqui, para maior honra e glória de Deus e em louvor de Santa Rita, a graça que me foi concedida, senda ainda menino, por sua intercessão. O caso foi que, sem saber como nem porque, se me formou no peito do pé esquerdo um grave tumor que me ocasionava agudíssimas dores. Contristados meus pais com a noticia de que perderia o pé, minha mãe, que fôra sempre muito devota de Santa Rita, encomendou-me a ela, prometendo-lhe levar, à imagem que se venera em Oviedo, azeite para sua tampada e umas velas para seu altar. Aconteceu isto no mês de Janeiro de 1862. Não havia terminado o mês de Março e, na companhia de minha muito boa mãe, que na santa, glória esteja, empreendi descalço, segundo a promessa feita, a viagem para a Capital, onde depositamos nossas humildes ofertas, dando fervorosas graças à Advogada dos Impossíveis. Sirva a narração deste fato como testemunho de gratidão, bem que, em atenção aos decretos de Urbano VIII e outras disposições pontifícias, é minha tenção não se dê ao caso presente senão fé puramente humana.

CAPÍTULO XXXIII. REVISÃO DOS PROCESSOS PARA A CAUSA DA CANONIZAÇÃO

É coisa singular que uma alma tão grande como a de Rita, cujo nome glorioso ha quatro séculos atrás, havia percorrido o mundo com as azas da fama mais pura e legitima, não figurasse ainda de modo solene no catálogo dos santos. Não obstante, não é para admirar que se tenha dado este fato. Se temos em consideração a negligencia dos escritores daquele tempo, a quem incumbia recolher todas as maravilhas e pormenores da vida de uma

mulher tão singular, bem como as noticias relativas aos fatos prodigiosos realizados durante o tempo em que viveu no mundo, como depois de seu transitio ao Paraíso. Por outra parte, a exaltação dos servos de Deus, depois da morte, à glória dos altares, vem sempre ordenada por uma Providencia sábia e amorosa, que dispõe as coisas de modo que, a coroação dos santos na terra, seja decretada pela Igreja quando vê que o povo cristão acha-se mais necessitado de meditar os exemplos e experimentar o valioso patrocínio dos bem-aventurados.

Era lamentável o estado social, religioso e político da Europa quando apareceu no mundo esta maravilhosa flôr de Cássia: ia subir ao céu, por entre os males que continuaram afligindo a humanidade, muito ganharam esses mesmos povos com a propagação do culto e devoção de Santa Rita, cimentados no exemplo de suas heróicas virtudes e nos inúmeros prodígios que vinha prodigalizando em favor de seus devotos.

Pois bem quando o grande Pontífice Leão XIII se dispôs a tributar a Rita todas as honras do culto, os povos e sociedades navegavam no mar tempestuoso das más paixões desencadeadas. Nas mesmas nações, chamadas filhas prediletas da Igreja, quebravam-se os laços da família; as virgens do Senhor eram expulsas dos santuários; os sacerdotes por toda parte perseguidos, e o lábaro glorioso da cruz, sinal de paz entre os homens, tirado do seu lugar de honra.

Foi então que o Vigário de Jesus Cristo julgou chegado o momento de levantar sobre o monte santo da Igreja este brilhante farol, para que o fulgor de suas virtudes orientasse os homens na perigosa travessia do mar agitado deste mundo.

Antes, porém, que chegasse o momento da solene canonização de Rita, necessárias foram muitas diligências, viagens, novas informações, revisão dos antigos processos e formação de outros novos; mas o Senhor encarregou-se de ir aplainando todos os caminhos e dispondo as coisas de sorte que, a soberana decisão da Igreja, viesse coincidir com o tempo em que os fies mais necessitadas estavam da proteção desta grande santa.

Nos capítulos anteriores ficou declarado que, desde o anuo de 1627, a Ordem de Santo Agostinho e o clero secular da diocese de Espoleto gozavam da faculdade de rezar o officio da Bem-aventurada Rita, e que por ocasião daqueles primeiros cultos se propagou tanto a devoção à serva de Deus, que seus devotos elevaram fervorosas súplicas para que a venerável fosse formalmente inscrita no catalogo dos bem-aventurados e dos santos.

Em Julho de 1737 foi revista a causa, e em 3 de Agosto do mesmo ano a Sagrada Congregação discutiu sobre a duvida do caso excetuado, ao que o Sumo Pontífice Clemente XII, de feliz recordação, respondeu, no dia 13 do dito mês, que constava. Em 25 de Julho do ano seguinte, 1738, despacharam-se letras à Cúria eclesiástica de Espoleto, a cuja jurisdição pertencia Cassai, para que se formasse processo apostólico sobre as virtudes e milagres feitos pela Bem-aventurada Rita. Ou porque o expediente deste gênero seja sempre fastidioso, ou por desleixo, ou por indolência, o certo é que o processo não terminou, ficando encerra a mais de cem anos nos arquivos de Espoleto e Núrncia, até 1851 quando a Santa Sé ordenou terminantemente que se tornasse a rever e continuar o dito processo. Em 1855 deu-se por terminado, e, levado à Roma, foi entregue ao Sumo Pontífice Pio IX, de santa memória, que o aprovou em 1856.

Do dito processo resultam clarissimamente comprovados os milagres seguintes.

1. A instantânea recuperação da vista de uma menina

chamada Isabel Bergamini. Esta, atacada de varíola, perdera a vista, e a supuração dos tumores formados nos olhos alastrou-se pelas suas faces e pálpebras. Esgotados os recursos humanos, os médicos declaram a vista perdida. Desde então, a pequena foi oferecida pelos desconsolados pais à Beata Rita que enviaram-na ao Convento de Cássia, ao cuidado de uma sua tia, religiosa daquela comunidade, onde foi recebida com amor e carinhosa solicitude. Vendo-a tão infeliz, os pais e as religiosas começaram a rogar à Beata Rita, para que alcançasse do Senhor a vista perdida ou o gozo da Bem-aventurança. Por devoção haviam-na vestido com o habito da Santa. Quatro meses depois, numa tarde em que as religiosas catavam no horto um pouco de trigo para os pãezinhos da Beata, a menina, que as acompanhara para distrair-se, levantando a venda que lhe cobria os olhos, disse que enxergava. Aproximaram-se e, examinando-a viram, assombradas, que o humor corrosivo havia cessado, e que os olhos estavam perfeitos e limpos. Duvidando da realidade, ordenaram-lhe que separasse o trigo mau do bom, o que foi feito sem dificuldade alguma. Não havia duvida: estava completamente sã. Deixaram, então, aquele mister e, juntamente com a menina, desceram as religiosas ao sepulcro da Santa onde renderam braços pela maravilhosa cura. Comprovou-se o fato por todos os meios jurídicos, e a Sagrada Congregação o aceitou como prova evidente do milagroso poder da Bem-aventurada Rita.

2. O segundo milagre foi o persistente perfume que emanava do venerando corpo da Santa, do qual já faltamos anteriormente. O fato bem publico constava no Processo; mas a Igreja, que no exame destas Causas procede com a maior delicadeza e escrúpulo, para mais assegurar-se da veracidade, fez com que a Sagrada Congregação, em 18 de Fevereiro de 1892, enviasse à Cássia e Núrcia o mesmo Promotor da Fé, Mons. Agostinho Coprara, com instruções para que, com sua intervenção, se fizesse nova minuciosa informação sobre o maravilhoso sucesso; e ainda, em virtude de outras letras com data de 22 de Agosto. facultou-se ao dito Promotor da Fé para fazer pessoalmente novo e formal reconhecimento no corpo da Bem-aventurada, fazendo constar que nunca o venerando corpo tinha sido embalsamado, nem se havia colocado perto dele substancia alguma perfumosa. O novo Processo teve feliz êxito, e ficou evidentemente comprovado o que Roma desejava saber. Sendo assim, ordenou-se que este se juntasse ao Processo instituído pela autoridade ordinária em 1626 na Caria de Espoleto, e ambos os Processos foram aprovados pela Sagrada Congregação em 23 de Fevereiro de 1896.

3. Um terceiro milagre paca a canonização de Rita ia ser submetido a rigoroso exame. Tratava-se de uma cura instantânea, realizada no anuo de 1887 na pessoa de Cosme Pellegrini, de 70 anos de idade e vizinho de Conversano. Sofria o infeliz de gravíssima gastroenterite, e de uma afecção hemorroidal e, devido à perda de sangue e ao completo esgotamento de forças, ficara reduzido ao último extremo. Desenganado pelos médicos, lhe forem administrados os Sacramentos, é, prostrado no leito, sem sinais de vida, todos o julgavam cadáver. Repentinamente dá um grito, dizendo que está curado; declara então que lhe havia

aparecido Santa Rita de Cássia restituindo-lhe a saúde e as forças de sua mocidade. Espalhou-se logo a noticia daquela maravilha do poder de Deus, feita pela intercessão de Santa Rita. Inteirado de caso o Ilmo. Mons. Casimiro Gennari, digníssimo Bispo daquela diocese, que mais tarde foi Assessor da Sagrada Congregação do Santo Oficio, e uma das maiores glorias do Sacro Colégio de Cardeais, zeloso como era da propagação do culto de Santa Rita, pediu e obteve licença da Santa Sé livra instruir Processo apostólico com o fim de averiguar os fatos do referido caso. Concluso o Processo em 28 de junho de 1892, a Sagrada Congregação do Santo Oficio examinou e reconheceu sua validez, e no dia 17 do mês seguinte o Sumo Pontífice aprovou e confirmou a sentença dada pela Sagrada Congregação.

Dia a dia aumentava a fama da insigne taumarturga com a multiplicação dos seus prodígios; mas, preciso é confessar que é difficílissima empresa recolher, compilar e compulsar provas para a formação dos Processos de Canonização, seguindo todos os tramites a que, com escrupuloso rigor, submete a Igreja estas Causas, que hão de ser examinadas com severidade por peritos de todas as ciências divinas e humanas. Mas, graças a Deus, estava por chegar o termo de tão fastidioso e demorado procedimento na Causa da Beata Rita. No dia 6 de Abril de 1897 propunha-se à Sagrada Congregação a seguinte duvida: "Têm fundamento as virtudes da Beata Rita de Cássia, para, que se possa proceder ao exame dos milagres que aparecem operados por ela?" E a Sagrada Congregação responde afirmativamente: "Sim". Sentença que foi confirmada pelo Sumo Pontífice Leão XIII.

Distribuídos os pontos do Processo, com a devida antecipação, entre os consultores e peritos para o exame, na Congregação preliminar, realizada a 27 de Junho, sob a presidência do Exmo. Relator da Causa Pro-Datario de Sua Santidade, foi amplamente discutida a questão dos milagres, assim como na sessão preparatória, celebrada no Vaticano no dia 9 de Janeiro de 1900, e ainda na geral, celebrada, na presença do Sumo Pontífice, no dia 27 de Março do mesmo ano, na qual se propôs a dúvida seguinte, em forma de pergunta: "De que milagres ha certeza, que tenham sido feitos pela Beata Rita, depois de sua Beatificação, para o objeto de que se trata?" Determinados os milagres e novamente aprovados, por graça especial do Santo Padre, propôs-se a questão seguinte: "Aprovados os milagres feitos pela Beata Rita de Cássia, pode-se com toda segurança proceder à sua canonização?" Todos os Exmos. Cardeais deram seu voto afirmativo e razoável, que Sua Santidade escutou com suma atenção, limitando-se a manifestar que a Causa da Beata Rita era "muito escolhida e nobilíssima", mas que antes de externar definitivamente seu juízo, reiterassem todos suas súplicas ao Senhor implorando as luzes do Espirito Santo.

Doze dias depois, a 8 de Abril, Domingo de palmas, o Sumo Pontífice, terminado o Santo Sacrificio da Missa, mandou chamar o Secretario da Sagrada Congregação de Ritos e lhe incumbiu de ler publicamente e com as solenidade de costume o decreto, aprovando os três milagres para a canonização da Bem-aventurada Rita de Cássia. Fez também ler outras decretos aprovando os expedientes de beatificação de vários veneráveis mártires da China, Cochinchina e da Índia, assim como o da venerável serva de Deus, Maria Crescencia Acosse Depois da leitura, o Vigário de Jesus Cristo dirigiu aos presentes uma baila alocução para lhes demonstrar a alegria que experimentava na, exaltação de tantos servos de Deus à honra dos altares, e, de um modo especial a que sentia na aprovação dos decretos da Canonização da Bem-aventurada Rita de Cássia, ornamento da Ordem Agostiniana e parola preciosa da Umbria,

torrão natal de São Bento e de São Francisco, e onde, durante muitos anos havia ele exercido o ministério pastoral. Por ultimo, exaltando as virtudes da Santa, manifestou sua confiança no maravilhoso perfume evolado de quando em vez do corpo venerando, perfume este, chamado prodigioso pelo Papa Urbano VIII, acrescentando Sua Santidade que, certamente alie se renovaria como feliz presságio de melhor futuro no novo século e no Nano Santo que então se celebrava.

A causa de Rita, ha tanto tempo esperada, chegava ao seu glorioso fim. Para maior honra da humilde religiosa, a quem o povo cristão já tratava de Santa, universal aclamação, a Igreja, consagrando agora solenemente o seu nome, confirmava a fé e firme esperança do mundo católico na poderosa Advogada dos Impossíveis.

CAPÍTULO XXXIV. SOLENE CANONIZAÇÃO DE SANTA RITA DE CÁSSIA

Não se havia apagado ainda o eco das festas do Jubileu em Roma, quando o Sumo Pontífice Leão XIII, aproveitando a circunstantia do Jubileu, ao qual havia concorrido numerosa multidão de romeiros de todas as partes do mundo católico, procedeu à canonização da Beata Rita de Cássia, juntamente com a do Beato João Batista de la Salle. Foi designado pelo Santo Padre o dia 24 de Maio, dia da Ascensão do Senhor para este solene acontecimento. Cedo anda, o povo romano e grande número de peregrinos esperavam na Praça de São Pedro a hora de entrar na Basílica. "O aspecto desta não podia ser mais surpreendente e majestoso. Na ornamentação do templo, dirigida pelo arquiteto Constantino Sneider, trabalharam mais de 1500 Pessoas, entre operários e artistas. Empregou-se pela primeira vez, para iluminar o majestoso templo, maravilha do mundo, a luz elétrica, fornecida pela Oficina Vaticana Alexandre Volta, sendo empregadas perto de 1200 tampadas e 400 lustres para cuja colocação foram necessários 8000 metros de cordão".

Enquanto a multidão entrava no templo e acomodava-se nas platéias, palcos e tribunas, organizava-se nos salões do Vaticano e na Capela Sixtina a procissão que havia de acompanhar e conduzir o Soberano Pontífice até o altar mór da Basílica, onde devia celebrar-se a cerimonia.

"Às oito horas da manhã chegou Sua Santidade, acompanhado da Corte Nobre, à Capela Sixtina, onde o esperavam o Sacro Colégio, os Arcebispos e Bispos, e todos aqueles que tomam parte nas funções pontificais. Entoad o Ave Maris Stella, e depois de breve oração, subiu o Santo Padre à cadeira gestatória, dirigindo-se a procissão para a Basílica Vaticana. A comitiva organizou-se do modo seguinte: Clero regular, com numerosas representações dos Agostinianos, Irmãos das Escolas Cristãs, Capuchinhos, Jerônimos, Carmelitas, Dominicanos, Beneditinos, Cônegos de São João de Latrão, etc., Clero secular, representado pelo Colégio dos Párocos, Cônegos das Basílicas e Colegiatas de Roma, Oficiais, Padres Prelados, Consultores da Sagrada Congregação de Ritos, etc., e, por ultimo a Corte Pontifícia, formada pelos Capelães, Camareiros secretos e comuns, Procuradores gerais das Ordens Religiosas, Auditores e Relatores da Rota, Arcebispos, Primados, Cardeais, etc. Sua Santidade ia na cadeira gestatória, cercado dos chefes e Oficiais da Guarda Nobre, da Guarda Suíça e palatina, fechando o acompanhamento os Gerais das Ordens Religiosas.

Eram dez horas menos um quarto quando chegou Leão XIII à Basílica Vaticana, onde depois de lido o decreto de canonização, segundo as

prescrições de rubrica, sob a direção do Maestro Mustafá, da Capela Sixtina, deu começo a Missa solene, oficiando o Decano do Sacro Colégio, Cardeal Oreglia. Terminada a Missa, Sua Santidade deu a Benção Papal, retirando-se depois, por entre as demonstrações de afeto, às suas habitações particulares".

A solene canonização de Santa Rita de Cássia foi celebrada no mundo católico com grandes e soleníssimas festas, chamando certamente a atenção as celebradas nos dias 23, 24 e 25 de Novembro do mesmo ano de 1900, na Igreja de Santo Agostinho de Roma. Os Padres Agostinianos nada pouparam para que estas se revestissem do maior brilhantismo. Cortinados, festões, estandartes, inscrições, centos de lustres, uma imensidade de velas e chios, dispostos com arte e gosto, davam ao templo de Santo Agostinho um esplendor inigualável.

Na parte mais elevada do altar mór, entre nuvens e raios de glória, colocou-se um bello quadro da Santa em attitude de subir ao céu, o mesmo que os fiéis admiraram e veneraram no dia da canonização, no ponto mais elevado do trono pontifício de São Pedro. Na frente da Igreja via-se outro quadro de grandes dimensões, inundado de luz, lendo-se sob ele a seguinte inscrição latina:

Honoribus sanctorum coelitem.
Ritae a Casia sorori augustinianae
Decreto Leonis XIII P. M. attributis
Sodales Ordinis ejusdem solemniam gratiarum
In triduum Deo Aeterno
Quo Auctore tanta virtus
Admirabilitate prodigiorum et frequentia
Insignem famam merita
Ad Ecclesiae Catholicae gloriam effulsit.

Sobre os arcos do cruzeiro tombem se haviam colocado outros quadros representando os maiores milagres operados por Deus pela intercessão de sua serva. Em resumo, o templo de Santo Agostinho, interior e exteriormente, apresentara-se deslumbrante. "Que bela é nossa igreja, diziam os romanos! Parece um paraíso!" Chama sua, o povo romano, esta Basílica, pela grande devoção que professa à miraculosa imagem da Santíssima Virgem do Parto, e ao corpo de Santa Mônica que nela se venera.

Os membros mais illustres do clero romano e do Sacro Colégio de Cardeais tomaram parte na celebração do Tríduo, como homenagem de devoção à gloriosa, Advogada dos impossiveis.

Dia 23. Oficiou de pontifical o Exmo. Snr. D. José Chepetelli, Arcebispo Vice-gerente de Roma, pregando o panegírico da Santa Mons. Sardi, da Sagrada Congregação de Ritos: cantou as Vésperas Sua Excia. Revma. Mons. Casemiro Gennari, Assessor do Santo Ofício, e deu a Benção do Santíssimo o Exmo. Cardeal Ferrata, Prefeito da Sagrada Congregação de Ritos.

Dia 24. Oficiou nas Vésperas o Exmo. Sr. Arcebispo de Marcionópolis, Mons. Macário Sorini; pregou o Revmo. P. Missionario e Cura del Popolo, Rafael Coluantonni, da Ordem de Santo Agostinho. Cantou a missa pontifical Mons. Panici, Arcebispo e Secretário da Congregação de Ritos e, à tarde, deu a Benção do Santíssimo o Emmo. Cardeal Casca, da Ordem de Santo Agostinho, Prefeito da Propaganda Fide.

Dia 25. Comunhão geral pelo Emmo. Cardeal Mazella, que fôra

Relator na causa de Santa Rita; celebrou de pontifical o Emmo. Cardeal Cretoni; oficiou nas Vésperas o Exmo. Arcebispo de Cuba, Mons. Santander, e pregou o Ilmo. Mons. Marini, Secretario do Instituto de Breves. Depois o Emmo. Cardeal Respighi presidiu a solene procissão e deu, com o Santíssimo, a Benção a aquela imensa multidão de fiéis que, não podendo acomodar-se dentro das naves do templo, se encontrava no átrio, praça e avenidas.

A afluência de fiéis à Igreja de Santo Agostinho, durante os dias do Tríduo, foi imensa. Nas quinze capelas de que consta a Igreja sucediam-se ininterruptamente as missas desde o amanhecer até o meio dia. Mais de quinhentas missas se celebraram na referida igreja nos dias do Trilou por Bispos, Arcebispos Cardeais, Superiores das diferentes Ordens Religiosas e Sacerdotes do Clero secular.

Para maior esplendor destas festas contribuiu o número extraordinário de romeiros que, vindos de toda parte, se encontravam em Roma para ganhar o Jubileu, cujo fim se avizinhava com o fecho da Porta Santa. Muitos visitaram o bello templo de Santo Agostinho e assistiram às festas em louvor à Santa Rita, ficando admirados pelo extraordinário esplendor das mesmas.

Também em outros templos celebraram-se solenes cultos, particularmente na igreja agostiniana de Santa Maria del Popolo, em Roma, reservando para si a honra de cantar as glorias de Santa Rita o Cardeal Vigário, Mons. Lucido Parochi, figura das mais eminentes do "Sacro Colégio".

CAPÍTULO XXXV. CONCLUSÃO

Dando por terminada a tarefa que nos propusemos de traduzir do espanhol em português a Vida de Santa Rita de Cássia, não podemos deixar de exclamar com o Salmista:

"Mirabilis Deus in Sanctis suis".

Sim, admirável é Deus nos seus Santos; palavras que têm particular aplicação em Santa Rita de Cássia, porque, certamente, nela tudo é admirável, tudo prodigioso. Admirável foi o nascimento de Rita, vindo ao mundo quando sua mãe contava uma idade muito avançada; admirável foi aquele enxame de abelhas que, no dia de seu batismo, veio pousar sobre sua bossa; admirável a sua infância transcorrida, não entre os brinquedos e divertimentos próprios da idade mas no recolhimento, na oração e no exercício das virtudes cristãs. Admirável quando, jovem ainda, sacrificada em seus ardentes votos de consagrar-se, no claustro, ao divino Esposo das almas, aceita por obediência unir-se em matrimonio a um homem de gemo irascível, que havia de ser seu continuo tormento até conseguir, pela sua paciência e mansidão, transformá-lo em manso cordeiro.

Extraordinariamente admirável foi a caridade excepcional de Rita, por ocasião do assassinato do esposo, recebendo e ocultando em sua casa os mesmos assassinos, defendendo-os e intercedendo por eles perante a justiça da terra. Admirável e heróica, mas de um heroísmo cristão, se mostrou ao oferecer a Deus a preciosa vida dos filhos queridos, antes que a malícia e o pecado pudessem manchar suas almas com a prática dos maus desejos, por eles já insinuados, de vingarem a morte do pai.

E, continuando a observar a vida de Santa Rita, não é admirável e prodigioso o modo como foi levada à Cássia, não é admirável e prodigioso

o modo como foi levada à Cássia e no convento introduzida, naquela noite memorável, pelos seus advogados e protetores São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino? Admirável foi também a vida de Santa Rita, como religiosa, pela obediência, singeleza, penitência e amor às irmãs; pela oração e mortificação contínuas, pela meditação constante nas dores da paixão de Cristo, sobretudo, admirável e prodigioso aquele espinho que, desprendido da corôa do crucificado, veio fixar-se na testa de Rita, como prova extraordinária do amor que Jesus consagrava a sua dileta esposa. Pelo que dito fica tiramos a conclusão de que a vida de Santa Rita é um prodígio continuado da graça divina, mais para ser admirado do que imitado.

Mas se admirável é Santa Rita durante a vida, não o é menos depois da morte, porque as graças, os milagres alcançados peia intercessão da Santa durante mais de quatro séculos, atestam até hoje a grandeza da sua santidade: esta é a causa do fervor que lhe consagram seus devotos, o fundamento das Associações criadas por toda parte em honra à Santa e a causa do grito universal, potente e fervoroso que se levanta proclamando

Santa Rita, Advogada de Impossíveis, resumo das maravilhas da graça que a divina Omnipotência manifesta sem cessar para admiração nossa, como o foi das gerações passadas e o será das vindouras. Mirabilis Deus in sanctis suis.

Sim, em Santa Rita tudo é admirável mas não nos devemos contentar somente em admirar os fatos maravilhosos relatados nos capítulos precedentes: nossa devoção deve ser mais elevada; deve servir-nos de guia para a prática das virtudes cristãs, deve servir-nos de modelo, e ao mesmo tempo de estímulo, para o cumprimento dos nossos deveres. Estudando, finalmente, a vida de Santa Rita encontraremos virtudes a imitar, defeitos a corrigir, incentivos que nos provocarão a seguir as pegadas luminosas da Santa, as quais, com a graça divina, hão de conduzir-nos pela senda da perfeição cristã, abraçando com resignação, e até com heroísmo, as provações com que o Senhor se dignar visitar-nos nesta vida, para, de algum modo, imitarmos essa vida gloriosa que se nos revela cheia de maravilhas e prodígios. Mirabilis Deus in sanctis suis.

Ao terminar, supliquemos à gloriosa Santa que nos faça participantes dos tesouros de graça e virtude de que se acha tão ricamente adornada, para que os seus devotos (que no Brasil formam uma legião, como prova o grande número de Capelas e Igrejas nos Estados) possam cantar sempre bem alto os seus favores, rendendo, agradecidos, louvores ao Deus de misericórdia que, para o bem da humanidade, dignou-se de enviar-lhe uma tão grande intercessora.

NOTAS DO TRADUTOR SOBRE O CULTO DE SANTA RITA NO BRASIL

Aos bem aventurados, não se podem levantar igrejas sem especial indulto da Santa Sé (Can. 1168, 3). Este privilégio supõe um culto muito especial do Beato ou da Beata. O indulto concedido a cidade de Rio de Janeiro vêm sanar as ereções dos outros templos à Bem-aventurada, por exemplo, o de Cássia, em 1577. O do Brasil foi regularmente feito e é hoje a sede de uma florentíssima paróquia, o povo acode à Santa com confiança e muita devoção. Oxalá ela multiplique suas bênçãos e consiga do Senhor novas para o Brasil, nação que, de há séculos, lhe rende amor e devoção. Em vários estados brasileiros, cidades importantes, vilas e povoações florescentes levam-lhe o nome, sem contar

inúmeras capelas a ela dedicadas em todos os recantos do Brasil. Por exemplo:

I - No estado da Bahia: 1) Santa Rita, em Macaúbas; 2) Santa Rita do Rio Preto.

II - Em Minas Gerais: 3) Santa Rita, em Boa Vista do Tremedal; 4) Santa Rita do Arassuaí; 5) Santa Rita de Barreiros, em Araguari; 6) Santa Rita de Caldas; 7) Santa Rita de Cássia; 8) Santa Rita da Estrela, em Estrela do Sul; 9) Santa Rita de Extrema; 10) Santa Rita da Glória, em S. Paulo do Muriaé; 11) Santa Rita de Ibitipoca, em Barbacena; 12) Santa Rita de Passa Quatro; 13) Santa Rita de Patos; 14) Santa Rita de Rio Abaixo, em S. João d'El-Rei; 15) Santa Rita do Rio Claro, em Vila Nova de Resende; 16) Santa Rita do Peixe, em Santana dos Ferros; 17) Santa Rita do Sapucaí; 18) Santa Rita do Turvo, em Vila Viçosa; 19) Santa Rita do Jacutinga; 20) Santa Rita do Patrimônio, era Sabinópolis; 21) Santa Rita do Cedro; 22) Santa Rita. Durão.

III - Na Paraíba no Norte: 23) Santa Rita.

IV - No Estado do Rio de Janeiro: 24) Santa Rita, em Teresópolis; 25) Santa Rita da Floresta, em Cantagalo; 26) Santa Rita das Frecheiras, em Monte Verde; 27) Santa Rita da Lagoa de Cima, em Campos; 28) Santa Rita de Ouro Fino, em Itaperuna; 29) Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo.

V - Em Goiás: 30) Santa Rita do Anta, no município de Goiás; 31) Santa Rita do Araguaí, em Mineiros; 32) Santa Rita do Paranaíba; 33) Santa Rita do Pontal.

VI - No Estado de S. Paulo: 34) Santa Rita dos Coqueiros, em Cajuru; 35) Santa Rita. do Paraíso, em Vila Igarapava; 36) Santa Rita de Passa Quatro.

VII - No Estado do Mato Grosso: 37) Santa Rita; 38) Santa Rita do Araguaia.

VIII - No Estado do Rio Grande do Sul: 39) Santa Rita.

IX - Na Capital Federal: 40) A igreja de Santa Rita, que deu o nome a um dos distritos municipais da cidade e à paróquia de que é Matriz.

Da fundação desta igreja no Distrito Federal, encontra-se um pequeno histórico nas primeiras folhas do Livro do Tombo da paróquia. Manoel Nascentes Pinto e P. Antônio Maria, casal devotíssimo de Santa Rita, todos os anos celebravam a festa de sua santa Padroeira, venerando-a, ao principio, representada em um simples retábulo e, mais tarde, em uma imagem que, ainda hoje, se pode ver em um nicho existente na sacristia. Em breve, porém, não se contentaram tão grandes devotos de Santa Rita, em a festejar somente na intimidade do lar doméstico: antes, agregando outros que os imitassem em seu amor a Santa de Cássia, resolveram celebrar publicamente a sua festa na igreja da Candelária e,

para tal fim, formaram uma irmandade, obtendo licença para a exposição do Santíssimo Sacramento no dia da solenidade.

Não parou aí o testemunho da sua grande devoção: passado algum tempo, empreenderam a ereção de uma capela, da qual, em data anterior a 1720, foi lançada a primeira pedra por Dom Francisco de São Jerônimo, terceiro Bispo do Rio de Janeiro. Em Março de 1727 já estava edificada a Capela-Mor e também a sacristia e o consistório; por escritura de 13 desse mês, os fundadores cederam a Capela, com todos os seus ornamentos e alfaias, aos membros da irmandade, obrigando-se os mesmos a concorrerem, anualmente, com dezesseis mil réis, para o Capelão e outro tanto para o guisamento, e reservando os fundadores, entre outras condições, para si e seus descendentes, o título de padroeiros perpétuos.

Por Pastoral de 30 de Janeiro de 1751 foi criada a paróquia de Santa Rita, sendo a mesma Capela escolhida para igreja Matriz.

Era, então, padroeiro o filho dos fundadores, Inácio Nascentes Pinto, que contendeu com o Bispo, o qual se viu obrigado a ameaçá-lo com a pena de excomunhão, se dentro de vinte e quatro horas não entregasse a igreja. Com isto, ele a entregou, mas demandou o Bispo, tendo vencido nas primeiras decisões judiciais.

Deus, porém, permitiu, para maior glória da Bem-aventurada de Cássia, que Inácio enfermasse gravemente, ficando sem falar, sem ouvir e sem mover-se; paralítico de todo, apenas conservava o uso da vista e da razão. Reconhecendo, então, o seu erro, implorou a proteção de Santa Rita, fazendo voto de desistir de todos os seus direitos se obtivesse a cura. Não passaram muitos dias antes de alcançar tão grande graça da clemência e eficaz proteção de sua santa Patrona. Em breve, inteiramente restabelecido, Inácio rendia graças a Deus e a Santa Rita, pondo termo, para sempre, ao porfioso pleito. Sua decisão foi respeitada por todos os seus descendentes.